



**UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM ADMINISTRAÇÃO**

Andressa Terra

**O NÍVEL DE INTERNACIONALIZAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO  
SUPERIOR BRASILEIRAS**

Santa Cruz do Sul

2017

ANDRESSA TERRA

**O NÍVEL DE INTERNACIONALIZAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO  
SUPERIOR BRASILEIRAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração – Mestrado em Administração – Mestrado Profissional, Linha de Pesquisa em Gestão Estratégica de Marketing, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC.

Orientador: PhD. Jorge Bertinetti Lengler

SANTA CRUZ

2017

**T323n Terra, Andressa**

O nível de internacionalização das instituições de ensino superior brasileiras / Andressa Terra. – 2017.

189 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado Profissional em Administração) – Universidade de Santa Cruz do Sul, 2017.

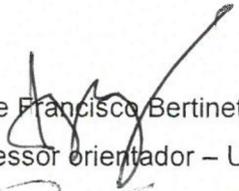
Orientador: Dr. Jorge Bertinetti Lengler.

1. Ensino superior – Brasil. 2. Internacionalismo. I. Lengler, Jorge Bertinetti. II. Título.

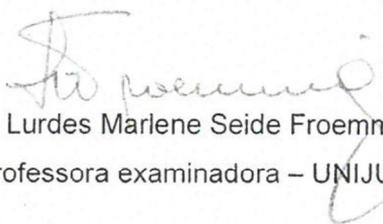
Andressa Terra

**O NÍVEL DE INTERNACIONALIZAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO  
SUPERIOR BRASILEIRAS**

Esta dissertação foi submetida ao Programa de Pós-Graduação em Administração – Mestrado, Área de Concentração em Gestão de Negócios, Linha de Pesquisa em Gestão Estratégica de Marketing, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Administração.

  
Dr. Jorge Francisco Bertinetti Lengler  
Professor orientador – UNISC

  
Dr. Carlos Alberto Mello Moyano  
Professor examinador – UNISC

  
Dra. Lurdes Marlene Seide Froemming  
Professora examinadora – UNIJUI

Santa Cruz do Sul  
2017

“Não é sobre chegar no topo do mundo  
E saber que venceu  
É sobre escalar e sentir  
Que o caminho te fortaleceu”.  
Ana Vilela

## AGRADECIMENTOS

Enquanto penso quais palavras descreveriam exatamente o que estou sentindo, não as encontro. Este momento tem um misto de alívio, vitória e saudade. Foi uma fase de muito aprendizado, crescimento, abdicção e dedicação. Cada apoio recebido foi o combustível necessário para seguir adiante, sem cogitar em desistir desta caminhada. Assim, agradeço com o coração aos que me acompanharam nesta jornada.

Ao professor Jorge Lengler, meu orientador, um verdadeiro mestre, dedico meu primeiro agradecimento, mesmo estando a maior parte do tempo a milhares de quilômetros de distância, sempre se fez muito presente. Seu conhecimento é invejável, obrigado por compartilhá-lo comigo.

À Universidade de Santa Cruz do Sul - Unisc e ao Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGA) por todo suporte e acolhida. Estendo meus agradecimentos a todos os docentes com os quais tive contato durante o mestrado, admiro-os. Aos colegas de aula, cada um com sua personalidade e todos com um objetivo em comum, superar-se. Também não poderia deixar de agradecer pelo apoio financeiro advindo da Bolsa Institucional para Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu – BIPSS.

À Universidade Feevale que faz parte da minha vida, onde me desenvolvi(o) acadêmica e profissionalmente. Não poderia deixar de fazer um agradecimento em especial à prof.<sup>a</sup> Gladis Baptista que me fez querer ir além e sempre me incentivou para que este passo fosse dado, à prof.<sup>a</sup> Paula Casari Cundari sempre tão solícita, e disposta a ajudar, me abriu muitas portas para que este trabalho fosse realizado. Também agradeço ao prof. Alexandre Zeni, que sempre me apoiou e de presente sugeriu-me o tema deste estudo, que tive o orgulho de investigar.

Minha família, grata por entenderem que minha ausência em tantos domingos era necessária. Inês, minha mãe de Santa Cruz do Sul, me acolheu sem hesitar, jamais esquecerei teu apoio. Rômulo, sempre ao meu lado, nós conseguimos! Bruna Mattana, obrigado por todo apoio, pela preocupação e pelo envolvimento com o meu trabalho. Mãe e pai, sei do orgulho que sentem por esta etapa que está sendo concluída, obrigado!

## RESUMO

Ao longo das últimas décadas, a internacionalização do ensino superior tornou-se uma prática fundamental na maioria das instituições em todo o mundo (TAMTIK e KIRSS; 2016), e conforme a internacionalização ganha força no contexto educacional, identifica-se o aumento de pesquisas envolvendo o desenvolvimento de métodos para medi-la (GAO, 2015). De Wit (2011) destaca que a internacionalização tornou-se um indicador de qualidade do ensino superior, sendo que, medir os resultados ajuda a clarificar e focar os benefícios acadêmicos de internacionalização (KNIGHT, 2015).

Portanto, o presente estudo propõe-se a medir o nível de internacionalização das Instituições de Ensino Superior (IES) Brasileiras. Para atingir tal objetivo, realizou-se uma pesquisa quali-quantitativa, através da realização de entrevistas com cinco gestores que coordenam o setor de relações internacionais em diferentes instituições de ensino, além da aplicação de um questionário. Foram analisados instrumentos e estudos realizados em outros países, e a partir do cruzamento destes dados, com as informações obtidas a partir das entrevistas, que foram conduzidas a partir de um roteiro semiestruturado, elaborou-se um questionário.

O envio do questionário ocorreu por meio digital, sendo encaminhado para 1.147 IES Brasileiras, obtendo-se uma taxa de retorno de 6.70%. Para tratamento dos dados foram empregadas técnicas de análise univariada (análise descritiva e de frequência) e multivariadas (análise fatorial exploratória).

Dentre os resultados deste estudo pode-se inferir que na literatura ainda não há um instrumento padrão que possa ser utilizado para medir a internacionalização do ensino, sendo que cada instrumento utiliza uma estrutura adaptada à sua realidade. Evidencia-se que no Brasil não foram identificados estudos quantitativos vinculados ao tema deste estudo. Após validar a adequacidade, consistência e confiabilidade do questionário, identificou-se um instrumento composto por 6 dimensões e 66 variáveis. Ao final, a partir de uma escala de 1 a 5, identificou-se que as IES Brasileiras possuem um nível médio de internacionalização (3,14), sendo que parceria internacional foi a dimensão com o maior nível de internacionalização (3,87) e o currículo (2,43) e a pesquisa (2,61) as áreas com nível mais baixo de internacionalização. Resultados estes que são discutidos no último capítulo deste estudo, no qual são apresentadas as implicações acadêmicas e gerenciais, as limitações e sugestões para estudos futuros.

**Palavras-chave:** Internacionalização; Internacionalização do Ensino Superior; Ensino Superior Brasileiro; Nível de Internacionalização.

## ABSTRACT

Over the past decades, the internationalization of higher education has become a fundamental practice in most institutions all over the world (TAMTIK and KIRSS; 2016), and as the internationalization gains strength in the educational context, it identifies the increase of research involving the development of methods to measure it (GAO, 2015). De Wit (2011) emphasizes that the internationalization has become an indicator of quality in higher education, and measuring the results helps to clarify and focus the academic benefits of internationalization (Knight, 2015).

Therefore, the present study aims to measure the level of internationalization of Higher Education Institutions (HEI) in Brazil. To achieve this goal, we carried out a survey with qualitative and quantitative analysis, through interviews with five managers who coordinate the sector of international relations in different educational institutions, in addition to the application of a questionnaire. Was analyzed instruments and studies carried out in other countries, and from the crossing these data with the information obtained from the interviews, which were conducted from a semi-structured script, was elaborated a questionnaire.

The sending of the questionnaire occurred through digital media, being routed to 1,147 HEI, obtaining a return rate of 6.70%. For the treatment of data were employed techniques for univariate analysis (descriptive analysis and frequency) and multivariate (exploratory factor analysis).

Among the results in this study, it can be inferred that in literature there isn't a standard instrument that can be used to measure the internationalization of education, being that each instrument uses a structure adapted to their reality. It is evident that in Brazil were not identified quantitative studies linked to the theme of this study. After validating the adequacy, consistency and reliability of the questionnaire, it was identified an instrument composed of 6 dimensions and 66 variables. In the end, from a scale from 1 to 5, it was identified that the HEI have an average level of internationalization (3.14), being that international partnership was the dimension with the highest level of internationalization (3.87) and the curriculum (2.43) and the research (2.61) was the areas with the lowest level of internationalization. These results are discussed in the last chapter of this study, in which are presented the academic implications and managerial, limitations and suggestions for future studies.

**Keywords** : Internationalization; Internationalization of higher education; Brazilian Higher Education; Internationalization Level.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Estrutura da dissertação .....	29
Figura 2 – Situações de Internacionalização (networks) .....	37
Figura 3 – Dimensões para a construção de indicadores .....	65
Figura 4 – Estágio de Internacionalização das IES (Massoud e Ayoubi) .....	70
Figura 5 – Esquema das Etapas de Pesquisa.....	71
Figura 6 – Público-alvo do estudo (Número de IES por Estado) .....	74
Figura 7 - Mapeando o envio do formulário online (n.º IES por estado * n.º retornos).....	102
Figura 8 - Países mais relevantes no processo de internacionalização .....	109
Figura 9 - Comparativo do nível geral de internacionalização por tipo de credenciamento.....	139

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Relação das IES no Brasil em 2013.....	73
Tabela 2 - Relação de IES x N.º de Alunos.....	103
Tabela 3 - Tempo de atuação dos respondentes.....	104
Tabela 4 - Dimensão Gestão e Suporte Organizacional.....	110
Tabela 5 - Dimensão Aluno.....	112
Tabela 6 - Alunos estrangeiros na Instituição.....	114
Tabela 7 - Dimensão Docente.....	114
Tabela 8 - Dimensão Currículo.....	115
Tabela 9 - Dimensão Pesquisa.....	116
Tabela 10 - Dimensão Parceria Internacional.....	118
Tabela 11 - Dimensão Gestão e Suporte Organizacional.....	119
Tabela 12 - Dimensão Aluno.....	122
Tabela 13 - Dimensão Docente.....	124
Tabela 14 - Dimensão Currículo.....	126
Tabela 15 - Dimensão Pesquisa.....	128
Tabela 16 - Dimensão Parceria Internacional.....	129
Tabela 17 - Matriz de Correlação dos Construtos.....	131
Tabela 18 - Anova (variáveis).....	132
Tabela 19 - Diferenças significativas entre os diferentes tipos de instituições de ensino.....	133
Tabela 20 - ANOVA (Construtos).....	136
Tabela 21 - Diferenças significativas entre os diferentes tipos de instituições de ensino (construtos).....	136

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Características comportamentais do empreendedor.....	39
Quadro 2 – Conceitos e Características de Internacionalização .....	43
Quadro 3 - Fatores Motivacionais para a Internacionalização .....	45
Quadro 4 – Quadro conceitual para medir a internacionalização do ensino .....	49
Quadro 5 – Relação dos autores por dimensão .....	50
Quadro 6 - Evolução dos estudos com foco na internacionalização do ensino superior .....	51
Quadro 7 - Lista de indicadores utilizados pelo ARWU.....	55
Quadro 8 – Lista de indicadores utilizados pelo THE.....	56
Quadro 9– Lista de indicadores utilizados pelo QS.....	56
Quadro 10 - Lista de indicadores utilizados pelo Webometrics.....	57
Quadro 11 - Lista de indicadores utilizados pelo SIR.....	59
Quadro 12 - Lista de indicadores utilizados pelo LEIDEN.....	59
Quadro 13 - Lista de indicadores utilizados pelo NTU .....	60
Quadro 14 - Lista de indicadores utilizados pelo U-Multirank.....	62
Quadro 15 - Lista de indicadores utilizados pelo RUF .....	62
Quadro 16 – Dimensões para medir a internacionalização do ensino (por pesquisadores).....	63
Quadro 17 – Dimensões para Medição da Internacionalização (por organizações) .....	64
Quadro 18 – Exemplo de Indicadores.....	66
Quadro 19 – Indicadores de internacionalização .....	68
Quadro 20 - Codificação dos respondentes .....	83
Quadro 21 - Funcionários alocados no setor de Relações Internacionais .....	86
Quadro 22 – N°. de países e de parceiros internacionais .....	95
Quadro 23 - Estrutura inicial do questionário .....	96
Quadro 24 - Estrutura final do questionário.....	98
Quadro 25 - Codificação de respostas .....	100
Quadro 26 - Estrutura para medir o nível de internacionalização das IES Brasileiras .....	130

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Motivos da inexistência de ações de internacionalização.....	105
Gráfico 2 – Ano de início das atividades de Internacionalização nas IES .....	106
Gráfico 3 – Motivos para não ter um setor de Relações Internacionais .....	106
Gráfico 4 – Estágio do setor de Relações Internacionais.....	107
Gráfico 5 – Técnicos administrativos alocados no setor de Relações Internacionais .....	108
Gráfico 6 - Docentes alocados no setor de Relações Internacionais .....	108
Gráfico 7 – N.º de países nos quais as IES possuem parcerias .....	109
Gráfico 8 – Nível de internacionalização por tipo de credenciamento.....	137
Gráfico 9 – Nível de internacionalização por dimensão .....	138
Gráfico 10 - Nível de internacionalização por dimensão e credenciamento.....	138

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABPI	<i>Accessing Best Practices in Internationalisation</i> (Acessando as melhores práticas em internacionalização)
ACA	<i>Academic Cooperation Association</i> (Associação de Cooperação Acadêmica)
ACE	<i>American Council on Education</i> (Conselho Americano de Educação)
ACU	<i>Association of Commonwealth Universities</i> (Associação das Universidades Comunitárias)
ALCA	Livre Comércio das Américas
ARWU	<i>Academic Ranking of World Universities</i> (Ranking Acadêmico das Universidades do Mundo)
CAIE	Congresso de Acessibilidade e Inclusão na Educação
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CHE	<i>Centre for Higher Education Development</i> (Centro de Desenvolvimento do Ensino Superior )
CI	Conceito Institucional
COMUNG	Consórcio das Universidades Comunitárias Gaúchas
CPC	Conceito por Curso
CRE	<i>Association of European Universities</i> (Associação das Universidades Europeias)
CsF	Ciências sem Fronteiras
DAAD	<i>Deutscher Akademischer Austausch Dienst</i> (Serviços de Intercâmbio Alemão)
EAIE	<i>European Association for International Education</i> (Associação Europeia para a Internacionalização do Ensino)
ERASMUS	<i>European Action Scheme for the Mobility of University Students</i>

	(Programa Europeu para a Mobilidade de Estudantes Universitários)
FAUBAI	Associação Brasileira de Educação Internacional
IES	Instituição de Ensino Superior
IAU	<i>Association International de Universities</i> (Associação Internacional de Universidades)
IGC	Índice Geral de Cursos
IQPR	<i>International Quality Review Process</i> (Processo Internacional de Revisão da Qualidade)
MEC	Ministério da Educação
MERCOSUL	Mercado Comum do Sul
MNEs	Empresas Multinacionais
MINT	<i>Mapping Internationalisation</i> (Mapeando a Internacionalização)
NAFSA	<i>Association of International Educators</i> (Associação Internacional de Educadores)
NIAD-EU	<i>National Institution for Academic Degrees and University Evaluation</i> (Instituto Nacional de Graduação Acadêmica e Avaliação Universitária)
NTU	<i>National Taiwan University Ranking</i> (Ranking Nacional da Universidade de Taiwan)
NUFFIC	<i>Netherlands Organisation for International Cooperation in Higher Education</i> (Organização Holandesa para a Cooperação Internacional no Ensino Superior)
OCDE	<i>Organisation for Economic Co-Operation and Development</i> (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico)
OEA	Organização dos Estados Americanos
OUI	Organização Universitária Interamericana ( <i>Organización Universitaria Interamericana</i> )
PEC-G	Programa de Estudantes-Convênio de Graduação

PNE	Plano Nacional de Educação
PNPG	Plano Nacional de Pós Graduação
U-Multirank	Ranking Multidimensional
UNESCO	<i>United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization</i> (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura)
THE	<i>Times Higher Education Ranking</i>
QS	<i>World University Ranking</i>
RUF	Ranking Universitário da Folha
SIR	<i>Scimago Institutions Rankings</i>
SPSS	<i>Statistical Package for the Social Science</i> (Pacote Estatístico para Ciências Sociais)
VBR	Visão Baseada em Recursos ( <i>Resource Based View</i> )
Webometrics	Ranking web das Universidades

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	18
<b>2 PROBLEMA DE PESQUISA</b> .....	21
<b>3 OBJETIVOS</b> .....	25
3.1 OBJETIVO GERAL .....	25
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	25
<b>4 JUSTIFICATIVA</b> .....	26
4.1 ESTRUTURA DO TRABALHO .....	28
<b>5 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	30
5.1 TEORIAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO .....	31
<b>5.1.1 Teoria de internalização</b> .....	31
<b>5.1.2 Paradigma eclético</b> .....	32
<b>5.1.3 Escolha Nórdica – Uppsala</b> .....	34
<b>5.1.4 Teoria das Redes – Network</b> .....	36
<b>5.1.5 Teoria do empreendedorismo internacional</b> .....	38
5.2 VISÃO BASEADA EM RECURSOS (VBR) .....	40
5.3 INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR .....	41
5.4 INICIATIVAS PARA MEDIR O ESTÁGIO DE INTERNACIONALIZAÇÃO NAS IES .....	46
5.5 INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO DA INTERNACIONALIZAÇÃO NAS IES ...	52
<b>5.5.1 Autoavaliação</b> .....	52
<b>5.5.2 Benchmarking</b> .....	53
<b>5.5.3 Rankings</b> .....	54
5.6 DIMENSÕES DA INTERNACIONALIZAÇÃO .....	62
5.7 INDICADORES UTILIZADOS PARA MEDIR A INTERNACIONALIZAÇÃO DAS IES .....	65
5.8 ESCALAS PARA CLASSIFICAÇÃO DO ESTÁGIO DE INTERNACIONALIZAÇÃO .....	69
<b>6 MÉTODO DE PESQUISA</b> .....	71
6.1 ETAPA QUALITATIVA .....	71

<b>6.1.1 Entrevista em profundidade</b> .....	72
6.2 CAMPO DE ESTUDO .....	72
<b>6.2.1 População e público-alvo</b> .....	72
6.3 ETAPA QUANTITATIVA.....	76
<b>6.3.1 Questionário</b> .....	76
6.4 PROCEDIMENTOS ESTATÍSTICOS DE ANÁLISE DE DADOS .....	78
<b>7 RESULTADOS</b> .....	82
7.1 ETAPA QUALITATIVA .....	82
<b>7.1.1 Caracterização dos respondentes</b> .....	83
<b>7.1.2 Análise das entrevistas</b> .....	84
7.1.2.1 <i>Gestão e Suporte Organizacional</i> .....	84
7.1.2.2 <i>Aluno</i> .....	88
7.1.2.3 <i>Docente</i> .....	90
7.1.2.4 <i>Currículo</i> .....	92
7.1.2.5 <i>Pesquisa</i> .....	93
7.1.2.6 <i>Parceria Internacional</i> .....	94
7.2 QUESTIONÁRIO.....	96
<b>7.2.1. Verificação das não-respostas</b> .....	99
<b>7.2.2. Codificação</b> .....	100
<b>7.2.3. Caracterização da amostra</b> .....	101
7.2.3.1 <i>Caracterização dos respondentes</i> .....	103
7.2.3.2 <i>Setor de Relações Internacionais</i> .....	104
7.3 ANÁLISE DAS FREQUÊNCIAS .....	110
<b>7.3.1 Gestão e Suporte Organizacional</b> .....	110
<b>7.3.2 Aluno</b> .....	112
<b>7.3.3 Docente</b> .....	114
<b>7.3.4 Currículo</b> .....	115
<b>7.3.5 Pesquisa</b> .....	116
<b>7.3.6 Parceria Internacional</b> .....	117
7.4 ANÁLISE FATORIAL EXPLORATÓRIA.....	118
<b>7.4.1 Gestão e Suporte Organizacional</b> .....	118
<b>7.4.2 Aluno</b> .....	121
<b>7.4.3 Docente</b> .....	123

<b>7.4.4 Currículo .....</b>	<b>125</b>
<b>7.4.5 Pesquisa.....</b>	<b>127</b>
<b>7.4.6 Parceria Internacional.....</b>	<b>128</b>
7.4 NÍVEL DE INTERNACIONALIZAÇÃO DAS IES BRASILEIRAS .....	137
<b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>140</b>
8.1 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....	140
8.2 IMPLICAÇÕES ACADÊMICAS .....	150
8.3 IMPLICAÇÕES GERENCIAIS.....	152
8.4 LIMITAÇÕES E SUGESTÕES PARA ESTUDOS FUTUROS.....	153
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>154</b>
<b>APÊNDICE 1 - ROTEIRO DA ENTREVISTA.....</b>	<b>172</b>
<b>APÊNDICE 2 – QUESTIONÁRIO .....</b>	<b>174</b>
<b>APÊNDICE 3 – Resultado Geral do Nível de Internacionalização das IES</b>	
<b>Brasileiras .....</b>	<b>182</b>
<b>ANEXO I .....</b>	<b>184</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A internacionalização é um processo que tem se desenvolvido nos últimos anos, sendo a sincronia necessária em uma economia global, que necessita de profissionais altamente qualificados para o desenvolvimento de novas tecnologias e de novas sinergias (ALTBACH e TEICHLER; 2001). Para Hser (2005), a internacionalização é o meio essencial para desenvolvimento da cidadania global.

A partir da década de 90, dada a globalização dos mercados com a abertura das fronteiras comerciais, o conceito de internacionalização passa a estar mais presente nas organizações. Nesta fase, muitas empresas iniciam seu processo de internacionalização, seja por meio de exportações diretas, de *joint ventures*, de agentes no exterior, ou em um estágio de maior comprometimento, a partir de subsidiárias além de suas fronteiras domésticas (DUNNING, 1995; JOHANSON e VAHLNE, 2009).

Por consequência deste novo cenário, o mercado passa a demandar profissionais diferenciados, aptos para atuar internacionalmente, desenvolvendo soluções, tecnologias e novos produtos. Neste contexto, inserem-se as Instituições de Ensino Superior (IES), que passam a atuar como impulsionadoras no processo de internacionalização.

Knight (2004) define que o principal papel do ensino é integrar pessoas e culturas, desta forma, as IES passam a ter papel fundamental no processo de internacionalização. Stallivieri (2004) observa que as IES podem auxiliar no desenvolvimento dos países, encontrando respostas a problemas globais, desenvolvendo novas tecnologias, produtos ou serviços através das suas atividades de ensino e de pesquisa, uma vez que são as responsáveis pela preparação dos profissionais que irão atuar no mercado de trabalho.

Através das atividades de cooperação estabelecidas entre instituições de ensino, o relacionamento entre diferentes países é fortalecido, as culturas se aproximam e as instituições tornam-se mais parceiras neste processo de desenvolvimento. E mesmo que em diferentes estágios, é notório que a internacionalização, cada vez mais, passa a ter espaço no contexto institucional, ganhando visibilidade nas pautas estratégicas, e eventos acadêmicos voltados para

este fim.

Conforme cresce a aderência da internacionalização pelas IES, estudos evidenciam a importância de mensuração deste processo (GAO, 2015). Rudzki (1998), De Wit (2002), Qiang (2003), Bartell (2003), Knight (2004), Hser (2005), Altbach (2004), Ayoubi e Massoud (2007), Gaalen (2009), Beerkens et al. (2010) e Gao (2015) são alguns dos estudiosos que se propuseram a analisar a internacionalização no ensino, considerando diferentes abordagens e temáticas.

Beerkens et al. (2010) argumentam que, embora a internacionalização seja considerada de maior importância para o aumento da qualidade dos resultados de aprendizagem, empregabilidade, e para o êxito da investigação, os indicadores existentes ainda não fornecem ferramentas úteis para medir e mapear a internacionalização de uma forma comparativa internacional. Na busca pelo preenchimento desta lacuna, os rankings tornam-se uma tentativa para medir a internacionalização em caráter global. Santos (2015) descreve que este tipo de classificação teve início em 1983 nos Estados Unidos e, atualmente, já há uma série de *rankings* disponíveis.

Gao (2015) ao identificar a falta de um instrumento padrão para esta medição, propôs um quadro conceitual, para balizar a definição dos indicadores a serem utilizados na mensuração do processo de internacionalização. No Brasil, estudos em fase embrionária passam a analisar e propor indicadores para este fim. Barbosa e Masiero (2015) realizaram um estudo semelhante ao proposto por Gao (2015), no qual buscaram identificar etapas essenciais para a construção de um sistema de mensuração e avaliação da internacionalização do ensino superior.

Estudos focados na internacionalização das IES brasileiras, em sua maior representatividade, encontram-se no campo qualitativo, restringindo-se a estudos de caso de uma ou de um conjunto de IES. Além destes estudos, identificam-se iniciativas do poder público Brasileiro para o fomento das ações internacionais, sendo que, no Plano Nacional de Educação (PNE) evidencia-se, a partir de suas políticas e metas, a importância da internacionalização para a qualificação do ensino, estimulando a cooperação e integração com todos os segmentos da sociedade, em busca de uma maior capacidade de inovação e, conseqüentemente, de competitividade.

Porém, não foram identificados estudos quantitativos e com abrangência

nacional, no qual a amostra pudesse ser classificada e analisada a partir do seu nível de internacionalização.

A partir dos argumentos apresentados e da inexistência de um estudo em nível nacional para medição do nível de internacionalização das IES brasileiras, este trabalho tem como objetivo identificar o nível de internacionalização das Instituições de Ensino Superior Brasileiras.

Para atingimento do objetivo proposto, será realizado um estudo qualitativo e quantitativo. Assim, a primeira etapa dar-se-á a partir da análise de estudos e instrumentos utilizados e propostos com vistas á medição da internacionalização em diferentes regiões do mundo. Seguido da realização de entrevistas, a partir de um roteiro semiestruturado, com gestores que atuam no setor de Relações Internacionais de diferentes instituições de ensino superior Brasileiras.

A segunda etapa, de caráter quantitativo, compreende a análise dos dados obtidos a partir do preenchimento do questionário, o qual foi encaminhado para 1.147 IES Brasileiras. Os dados serão analisados a partir de técnicas estatísticas univariada (descritiva e análise de frequência) e multivariadas (análise fatorial exploratória), resultando na proposição de um instrumento aplicável em território nacional.

Para desdobramento e apresentação dos resultados, esta pesquisa está composta pelos seguintes capítulos: introdução, problema de pesquisa, objetivo geral e específicos, justificativa, o embasamento teórico, o método, a análise dos resultados e, por fim, as considerações finais, compostas pela discussão dos resultados, implicações acadêmicas e gerenciais, e limitações e sugestões para estudos futuros.

## **2 PROBLEMA DE PESQUISA**

A partir da década de 90, tem-se um novo cenário econômico, a história passa a ser contada sob outra perspectiva, sob outro prisma. O período é marcado pela abertura dos mercados, dando início ao processo de globalização e para as reflexões sobre o papel da internacionalização neste novo cenário.

A concorrência passa a ser internacional, além das fronteiras, fazendo com que as empresas buscassem inserção global, fator este que, segundo Porter e Montgomery (1998), propiciou que empresas adquirissem competitividade ao reposicionar seus negócios para outros países. Instalado um novo modelo competitivo. As empresas passaram a lançar novos produtos, novas tecnologias, expandir suas operações além do mercado doméstico, aliar-se a parceiros internacionais, sendo estes resultados da globalização, a qual passou a exigir ainda mais eficiência das organizações.

No Brasil, o marco da abertura dos mercados deu-se através da implementação do Mercado Comum do Sul (Mercosul) e com o início das negociações para criação da área Livre de Comércio das Américas (Alca). Assim, a partir da intensificação das operações internacionais, tem-se um novo contexto competitivo, de caráter mundial, o qual exige ainda mais eficiência das organizações.

Para Justino (2009), as IES Brasileiras aderiram à internacionalização como uma estratégia de compartilhamento ou complementaridade de competências, visando à inovação, a melhor preparação de profissionais globalizados e, conseqüentemente, a sua sustentabilidade. Ainda conforme o autor, o século XXI é marcado pela interdependência global, verificando-se uma maior movimentação de pessoas, bens e serviços, ideias e informações, o que impulsionou a procura por educação em todo o mundo. Desta forma, percebe-se que o ensino brasileiro começa sua internacionalização por forças do mercado e como alternativa para manter-se competitivo no mercado educacional (STALLIVIERI, 2004).

Duarte et al. (2012) destacam que a globalização econômica, político e cultural fez aumentar o interesse político e acadêmico pela internacionalização das

IES, o qual trouxe desafios consideráveis para o ensino, forçando um posicionamento institucional quanto aos caminhos futuros. Muller (2013) destaca que, neste período, as relações entre universidades e centros de pesquisa de inúmeros países foram ampliadas e incentivadas.

Assim, as universidades passam a apostar na internacionalização como um meio de estabelecer melhorias para a qualidade do ensino, prestígio acadêmico e institucional, além de aumentar sua competitividade em âmbitos nacional e internacional (ÁVILA, 2007). Segundo Vilalta (2012), a internacionalização, que seria uma opção as IES, acaba tornando-se uma exigência a partir do momento em que os mercados ultrapassam as barreiras territoriais e o conhecimento passa a interagir com maior velocidade em função das novas tecnologias.

Segundo Muller (2013), a educação superior não poderia ficar inalterada face às transformações decorrentes das mudanças globais que têm alterado o cenário internacional. Contudo, Duarte et al. (2012) destacam que, no Brasil, o processo de internacionalização no ensino deu-se em muitos casos de maneira informal, ocorrendo a partir da rede de relacionamentos dos professores, em especial da pós-graduação, ou pela vontade dos alunos, que então recorriam às IES na busca de viabilização da mobilidade acadêmica, por exemplo, conforme constatado nos estudos de Stallivieri (2004), Souza (2008) e Muller (2013).

Conforme a internacionalização no ensino passa a ganhar força e respeito no meio acadêmico, aumenta a necessidade de medir a evolução das ações e a qualidade do ensino em nível internacional (HUDZKI e STOHL, 2009; GAO, 2015). Instituições que anteriormente apenas comparavam-se com suas principais concorrentes ou suas vizinhas geográficas, agora passam a ser comparadas com Instituições do mundo todo.

Beerkens et al. (2010) e Gao (2015) observam que nos últimos anos foram desenvolvidas ferramentas e indicadores para ajudar as instituições ou programas para ganhar mais conhecimento sobre seus esforços em prol da internacionalização. A *Organisation for Economic Co-operation and Development* (OCDE) desenvolveu a ferramenta *International Quality Review Process* (IQPR) em 1999, a *Association of International Educators* (NAFSA) o projeto *Assessing Best Practices in Internationalisation* (ABPI) em 2003, o *Centre for Higher Education Development* (CHE) em 2007 propôs um conjunto de 187 indicadores para uso das instituições

germânicas, e a *Netherlands Organisation for International Cooperation in Higher Education* (NUFFIC) propôs a ferramenta *Mapping Internationalisation* (MINT) em 2009.

Outro meio adotado pelas IES para medir seu estágio de internacionalização são os rankings e tabelas de classificação (SANTOS, 2015). A qual observa que, cada vez mais, os países, estudantes e suas famílias, professores, pesquisadores, as empresas e os profissionais recorrem a estas classificações para subsidiar suas tomadas de decisões quanto à escolha do país e universidade para concluir seus estudos e firmar parcerias. De Wit (2010) observa que os rankings estão ajudando a transformar as instituições educacionais em corporações estratégicas e o modo que as instituições se vinculam e cooperam entre si, visto que estes medem a instituição em nível institucional e não, especificamente, as ações internacionais.

Atualmente, conforme Santos (2015), elencam-se 9 rankings acadêmicos que possuem maior abrangência, sendo eles: *Academic Ranking of World Universities* (ARWU); *The Times World University Ranking* (THE) ; *Quacquarelli Symonds World University Rankings* (QS); *Ranking Web of Universities* (WEBOMETRICS); *Scimago Institutions Rankings* (SIR); *Centre for Science and Technology Studies - Ranking Leiden* (LEIDEN) ; *National Taiwan University Ranking* (NTU); *Ranking multidimensional* (U-Multirank) e *Ranking Universitário da Folha* (RUF), os quais possuem diferentes objetivos e medidas para identificar a excelência das IES, medindo a qualidade do ensino sob diferente aspectos.

### **3 OBJETIVOS**

#### **3.1 OBJETIVO GERAL**

Identificar o nível de internacionalização das Instituições de Ensino Superior Brasileiras.

#### **3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- a) Analisar ferramentas/instrumentos para medir a internacionalização no Ensino Superior;
- b) Identificar os recursos empregados pelas IES Brasileiras relacionados ao processo de internacionalização;
- c) Propor um instrumento para medir o nível de internacionalização das IES Brasileiras;
- d) Medir o nível de internacionalização das IES Brasileiras.

#### **4 JUSTIFICATIVA**

Em um mundo em que as transformações ocorrem cada vez mais rapidamente, as universidades têm de se adaptar se quiserem evitar a estagnação, declínio e eventual extinção. Em tais circunstâncias, a necessidade de internacionalizar torna-se um imperativo (RUDZKI, 1998). Assim, para operar com sucesso no ambiente cada vez mais globalizado, as instituições acadêmicas devem continuar a promover um compromisso com a internacionalização e fazer esforços significativos para integrar a dimensão internacional em áreas-chave da operação (GAO, 2015).

A partir da Declaração de Bolonha, a definição de internacionalização do ensino superior passou de uma visão tradicional, baseada exclusivamente à mobilidade de estudantes, para uma mais estratégica de análise de um engajamento de políticas institucionais, nacionais e internacionais (MULLER, 2013). A internacionalização ao longo destes anos passou de uma atividade reativa para uma questão estratégica pró-ativa (DE WIT, 2010), tornando-se essencial para o desenvolvimento da cidadania global (HSER, 2005).

A globalização fez com que o conhecimento ultrapassasse as fronteiras, expandindo-se e buscando respostas em diferentes continentes, em diferentes culturas, iniciando assim o processo de internacionalização do ensino. Não há dúvida de que a internacionalização transformou a imagem do ensino superior na última década, trazendo inúmeros benefícios para estudantes, instituições, comunidades e países (KNIGHT, 2011). De Wit (2010) aponta que a acreditação do ensino, classificação, certificação, auditoria e avaliação comparativa se tornaram temas prioritários da agenda do ensino superior internacional.

Na literatura internacional, identificam-se diversos esforços para medir o grau ou nível de internacionalização das IES, porém, Bartell (2003) observa que a internacionalização das universidades está longe de ser um conceito claramente definido e compreendido. Rudzki (1995) sinaliza que uma das dificuldades para chegar a um entendimento de internacionalização é a ausência de uma definição comum e de um quadro conceitual. E a partir desta lacuna, Gao (2015) realizou seus estudos e chegou à proposição de um quadro conceitual, o qual será apresentado

posteriormente neste trabalho.

Conforme Beerkens et al. (2010), embora a internacionalização seja considerada como fator importante para o aumento da qualidade dos resultados de aprendizagem, empregabilidade e, para o êxito da pesquisa, o conjunto de indicadores existentes ainda não fornece ferramentas úteis para medir e mapear a internacionalização de forma comparativa internacional. Hudzik e Stohl (2009) argumentam que os modelos de avaliação devem ajudar a fornecer evidências do impacto da internacionalização, inclusive evidenciando pontos fortes e fracos da IES.

De Wit (2010) evidencia diversas iniciativas para o desenvolvimento de ferramentas e instrumentos para medir a internacionalização que foram realizadas em diferentes países ao longo dos últimos anos. Porém, no Brasil, ainda não foram identificados estudos aplicados à mensuração desse fenômeno, mesmo que alguns autores já tenham sinalizado que a internacionalização está provando ser uma ferramenta útil para ajudar as instituições a fixar pontos de referência e ser identificada como uma solução inovadora em relação à gestão, ao ensino e a pesquisa (SIEGLER, 2009).

Independentemente do nível de importância que é dado à internacionalização dentro de cada IES, é notório que ela, cada vez mais, passa a ter espaço no contexto institucional, estando progressivamente mais presente nas definições estratégicas de muitas instituições. A internacionalização torna-se aliada ao processo de ensino-aprendizagem, qualificando as ações de ensino, permitindo novas articulações entre instituições, empresas e governos, aumenta as possibilidades de aprendizagem, enriquece o currículo, propicia a vivência de novas culturas, bem como oportuniza novas descobertas científicas e tecnológicas.

Na literatura brasileira, identificam-se iniciativas para analisar como ocorre o processo de internacionalização em uma ou mais IES, bem como na identificação do posicionamento institucional quanto ao tema (MOROSINI, 2006; CONTEL e LIMA, 2007; DUARTE, DE LIMA JÚNIOR e BATISTA, 2008; SOUZA, 2008; LIMA, 2008; SIEGLER, 2009; JUSTINO, 2009; SOUZA e FLEURY, 2009; LIMA e MARANHÃO, 2011; BEZERRA, 2012; LAUS, 2012; DUARTE et. al. 2012; DAL-SOTO et al., 2013; MUELLER, 2013). A partir de 2015 identificam-se novas áreas abordadas nos estudos desenvolvidos por pesquisadores brasileiros, tais como o desempenho das IES Brasileiras em rankings internacionais (VOGUEL, et. al., 2016; SANTOS, 2015;

ALVES, et al., 2016), e a proposição de indicadores para acompanhar a evolução do seu processo de internacionalização (SANTOS, 2015; ALVES et al., 2016; MOROSINI et al., 2016; BARBOSA e MASIERO, 2015). Contudo, estudos de caráter quantitativo ainda são escassos em nível nacional.

Assim, detectada a importância da internacionalização no ensino e a falta de um instrumento ajustado às IES Brasileiras, visto que não foram localizados estudos de abrangência nacional com foco nesta medição, justifica-se a relevância deste estudo.

A partir de um instrumento para medir o nível de internacionalização, as instituições poderão posicionar-se de forma mais efetiva quanto às decisões estratégicas a serem tomadas referente aos investimentos e as próximas etapas a serem implementadas quanto a sua internacionalização. Sendo também possível detectar, nessa pesquisa possíveis pontos de fragilidade no processo de internacionalização, propiciando uma reflexão sobre os caminhos a serem adotados pelas IES referente questões internacionais. Bem como possibilitará um panorama geral do nível de internacionalização do sistema de ensino superior nacional. O nível de internacionalização, portanto, é um atributo que identifica a situação em que se encontra o processo de expansão internacional em termos do crescimento e de criação de valor percebido pela instituição em relação às operações que desempenha no mercado estrangeiro (HONÓRIO, 2009).

#### 4.1 ESTRUTURA DO TRABALHO

O presente estudo está organizado em nove capítulos, sendo eles: 1 – Introdução, 2- Problema de Pesquisa, 3 – Objetivos, 4 – Justificativa, 5 – Referencial Teórico, 6 – Método de Pesquisa, 7 – Resultados e 8 – Conclusão.

No primeiro capítulo, faz-se uma contextualização de forma ampla sobre o tema central desta dissertação, seguido pela contextualização acerca do problema de pesquisa no segundo capítulo. No terceiro capítulo, são apresentados o objetivo geral e os objetivos específicos a serem alcançados neste estudo, enquanto o quarto capítulo busca justificar os esforços para realização deste estudo.

O referencial teórico encontra-se no quinto capítulo, no qual se buscou identificar as teorias de internacionalização, contextualizar sobre a

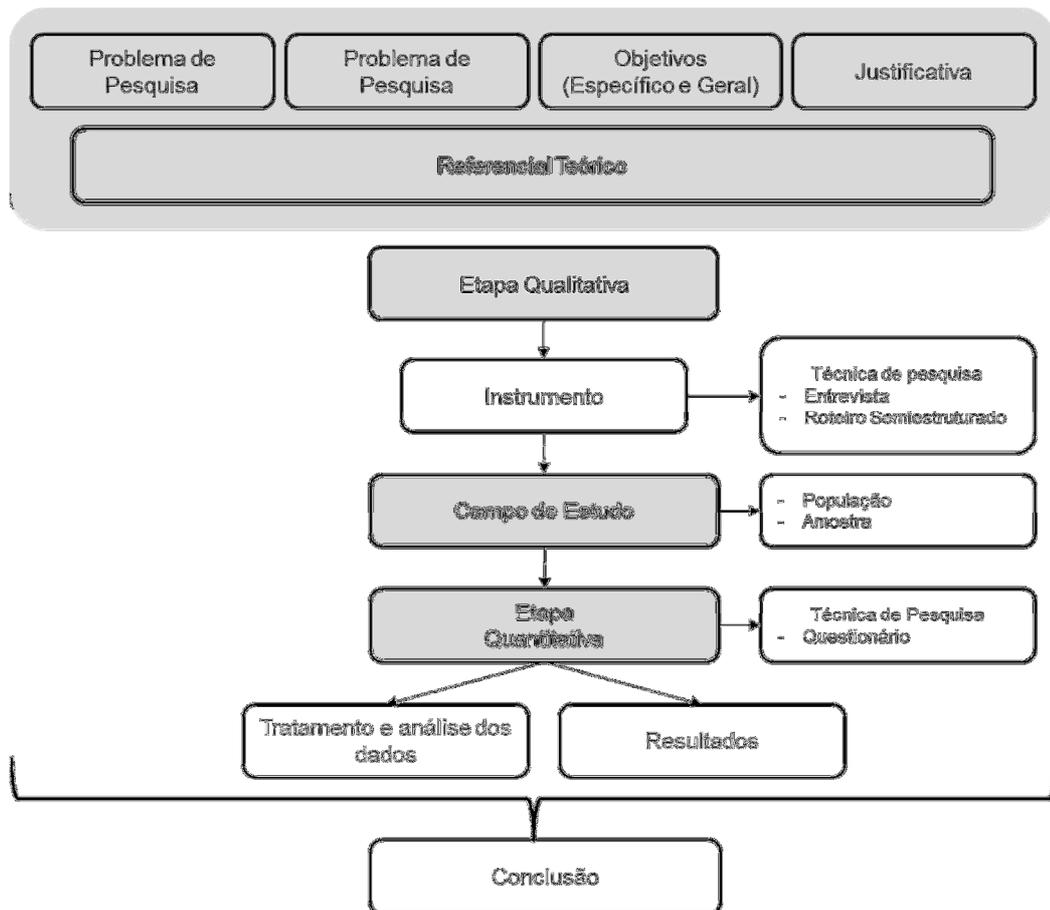
internacionalização do ensino superior (histórico, conceito, contexto brasileiro, iniciativas e instrumentos para esta medir a internacionalização das IES).

O sexto capítulo apresenta o método de pesquisa utilizado, descrevendo as etapas do projeto (qualitativa e quantitativa exploratória), as técnicas de pesquisa utilizadas (entrevista em profundidade e questionário), a apresentação da população e os resultados obtidos nas etapas de pré-teste e de validação do instrumento. Neste capítulo também foi abordado quanto ao método para coleta de dados e as técnicas para análise dos dados utilizada.

Dando sequência, o sétimo capítulo corresponde à apresentação dos resultados encontrados a partir da coleta de dados, tanto da etapa de entrevistas, quanto do questionário.

Finalizando, este estudo traz no oitavo capítulo a conclusão desta pesquisa, composta pelas seguintes etapas: discussão dos resultados, implicações acadêmicas e gerenciais, as limitações e sugestões para estudos futuros.

Figura 1 - Estrutura da dissertação



Fonte: Elaborado pela autora, 2015.

## 5 REFERENCIAL TEÓRICO

O termo internacional, geralmente, refere-se à atitude de uma organização para atividades externas ou à realização de atividades no exterior. Claro que há uma estreita relação entre atitudes e comportamento real, as atitudes são a base para as decisões de empreendimentos internacionais e as experiências das atividades internacionais influenciam essas atividades (JOHANSON; WIEDERSHEIM-PAUL, 1975). Desta forma, faz-se necessário, compreender o processo de internacionalização, e como na literatura não há teorias específicas voltadas à internacionalização do ensino, buscou-se nas teorias empresariais o primeiro embasamento teórico deste estudo.

Ao final dos anos 80 as relações comerciais de empresas/entidades de todo o mundo começam a ser remodeladas, influenciadas pela abertura dos mercados. Nesta mesma época, as políticas econômicas brasileiras mudaram significativamente a partir da liberalização do comércio e da redução do papel do Estado na economia através da privatização de empresas públicas, resultando na intensificação da competição nacional (PARENTE et al., 2013).

A globalização do mercado, nos últimos anos, tornou-se imperativo para as empresas começarem a procurar oportunidades além dos seus mercados tradicionais internos, não só para crescer, mas também para sobreviver (SOUSA; LENGELER, 2009), tornando a internacionalização um processo recorrente em diversas organizações.

As empresas foram obrigadas a aumentar sua produtividade e a qualidade de seus produtos e serviços para competir com as importações e os novos operadores no mercado, posto que essas mudanças motivaram as empresas a reconsiderar entrar em mercados internacionais. Devido à saturação ou limitações em seu mercado doméstico, a maioria das multinacionais brasileiras tiveram de se comprometer com estratégias internacionais para manter um crescimento lucrativo (PARENTE et al., 2013).

A partir desta constatação, Carneiro e Dib (2007) ressaltam que é necessário entender por que as empresas se internacionalizam, conhecer os motivadores da decisão de internacionalizar-se e, depois, como a empresa continuará seu processo

de expansão internacional. Estes são alguns dos desafios que as empresas enfrentam quando decidem atuar além das fronteiras nacionais, e que buscam ser compreendidos a partir das teorias de internacionalização.

## 5.1 TEORIAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO

A empresa que procura entrar num mercado estrangeiro deve fazer uma importante decisão estratégica sobre qual modo de entrada a ser usado para esse mercado (AGARWAL, RAMASWAMY, 1991). Buscando compreender o processo de internacionalização, diversos estudos foram realizados a partir da análise de ações de empresas no mercado internacional, os quais, segundo Carneiro e Dib (2007) e Hemais e Hilal (2003), foram divididos em duas grandes áreas: econômica e comportamental.

Conforme Silva e Moraes (2013), a abordagem econômica analisa o processo de internacionalização sob a perspectiva da maximização dos retornos econômicos. Vilalta (2012) descreve que o enfoque econômico compreende as tendências macroeconômicas nacionais e internacionais e microeconômicas. Dentre as teorias com enfoque econômico, cita-se a teoria de internalização e a teoria do paradigma eclético.

Nas teorias comportamentais, o processo de internacionalização é configurado sob a ótica das atitudes, percepções e da decisão dos gestores, os quais são orientados pela busca da redução de risco nas decisões sobre onde e como expandir-se, sendo que, conforme Carneiro e Dib (2007) fazem parte das teorias comportamentais a Escola de Uppsala, a Teoria das Redes (Networks) e do Empreendedorismo Internacional.

### 5.1.1 Teoria de internalização

A Teoria da Internalização foi desenvolvida a partir dos fundamentos conceituais de Coase (1937) segundo Buckley e Casson (1976), sendo aplicada às Empresas Multinacionais (MNEs). Estes mesmos autores argumentam que as MNEs organizam internamente recursos de tal forma que conseguem desenvolver e explorar suas vantagens específicas.

A teoria da internalização foi desenvolvida para explicar as razões do investimento direto no estrangeiro, sugerindo que as empresas invistam no exterior a

fim de explorar ativos específicos à firma (MARTINEZ, 2002).

Ferreira et al. (2012) descrevem que esta teoria é alicerçada por três principais pilares, sendo eles: a) as empresas procuram maximizar os lucros em um mundo matizado por mercados imperfeitos; b) quando os mercados de bens intermediários são imperfeitos, há um incentivo para as empresas ultrapassarem as limitações internalizando as operações; c) é a internalização dos mercados que cria as MNEs.

Conforme Carneiro e Dib (2007) esta teoria não aborda explicitamente o racional por trás da decisão de internacionalização, mas se preocupa com o grau com que as atividades internacionais serão feitas internamente à organização, de acordo com os custos de transação envolvidos. Estes mesmos autores observam que, após a decisão pela empresa de aproveitar ineficiências de mercado no exterior visando à maximização dos lucros, o modelo pretende explicar se a melhor opção é a de reter o controle das atividades no estrangeiro via sua internalização.

Assim, conforme Borini et al. (2006), esta teoria pressupõe que se torna mais vantajoso desenvolver transações na empresa (entre as subsidiárias, entre empresas licenciadas ou *joint ventures*) do que entre diferentes empresas.

### **5.1.2 Paradigma eclético**

O modelo do Paradigma Eclético, desenvolvido por Dunning, teve sua origem em 1958, a partir de estudos provenientes de sua tese de mestrado, a qual teve como objetivo explicar por que existem multinacionais e por que elas podem ser relativamente mais bem-sucedidas que empresas domésticas. A partir de uma análise da produtividade de empresas Americanas e Inglesas, Dunning destacou vantagens relacionadas à posse e localização da empresa.

É na década de 70, que Dunning apresenta o modelo que conhecemos atualmente, agregando “Internalização” como mais uma das vantagens competitivas das MNCs. De acordo com Stal e Campanário (2011), Dunning apresentou este modelo pela primeira vez no Simpósio de Estocolmo em 1976 (DUNNING, 1988), ao explicar a atividade das empresas fora de suas fronteiras nacionais, estendeu as vantagens de O e L, incluindo as vantagens de internalização - I, que se referem às vantagens de propriedade interna. Dunning (1988) relata que a intenção era oferecer

um quadro holístico pelo qual foi possível identificar e avaliar a significância dos fatores que influenciam tanto o ato inicial de produção estrangeira por parte das empresas quanto o crescimento dessa produção.

Já na década de 90, a partir das alterações políticas e tecnológicas, Dunning (1995) propôs a reconfiguração do paradigma, passando a considerar os custos e benefícios resultantes das relações e transações interfirmas (*networks*), incorporando a vantagem de localização, a capacidade de acúmulo de conhecimento e ampliou os conceitos de internalização incorporando a procura de ativos estratégicos e aumento da eficiência.

Ferreira et al. (2013) descrevem que o Paradigma Eclético é uma abordagem da produção internacional, isto é, da produção realizada no estrangeiro por meio de investimento direto no estrangeiro (IDE), sendo designada como eclético pois integra diferentes teorias. E conforme estes mesmos autores, este modelo busca explicar os motivos e razões, a localização e a forma com as multinacionais desenvolvem suas operações.

Dunning (2000) afirma que a medida, geografia e composição industrial de produção estrangeira realizada por MNEs são determinadas pela interação de três conjuntos de variáveis interdependentes. OLI (*Ownership, Location, Internalization*), como também é conhecido este modelo, propõe que as multinacionais possuem vantagens competitivas ou de propriedade sobre seus concorrentes.

O (*Ownership/ propriedade*), segundo Dunning (2000), é a primeira vantagem competitiva das empresas que pretendem exercer o IDE. Ou seja, representa a condição da empresa frente a outras, na qual a subsidiária no exterior mantém o controle da empresa sobre a marca, processo ou tecnologia. Este subparadigma afirma que a vantagem de propriedade depende diretamente da posse de ativos intangíveis ou de governança da empresa.

L (*Location/ localização*), a segunda vantagem, refere-se às atrações locais de países ou regiões alternativas para agregar valor às atividades das MNEs. Segundo Dunning (2000), este sub paradigma afirma que quanto mais os dotes imóveis, naturais ou criados forem usados a favor da presença no estrangeiro, em vez de uma localização doméstica, mais empresas vão optar por aumentar ou explorar as suas vantagens específicas S envolvendo-se em IED.

I (*Internalization/ internalização*), o terceiro sub paradigma do tripé OLI

oferece uma estrutura para avaliar formas alternativas em que as empresas podem organizar a criação e exploração de suas competências essenciais, dadas as atrações de localização de diferentes países ou regiões. Tais modalidades variam de compra e venda de produtos e serviços no mercado aberto, através de uma variedade de acordos não representativos de capital entre empresas, para a integração dos mercados de produtos intermédios, e uma compra definitiva de uma empresa estrangeira (DUNNING, 2000).

Ferreira et al. (2013) descreve este modelo com referência central na pesquisa atual em negócios internacionais, sendo frequentemente utilizado para o estudo de decisões de localização, investimento, modos de entrada e internacionalização.

Conclui Dunning (2000), que a extensão e o padrão de produção de propriedade estrangeira dependerão dos desafios e oportunidades oferecidas por diferentes tipos de valor acrescentado atividade.

### **5.1.3 Escolha Nórdica – Uppsala**

O modelo de Uppsala, ou modelo dinâmico de aprendizagem, conforme Forte e Júnior (2006), foi desenvolvido na década de 1970, por Johanson e Wiedersheim-Paul (1975) que analisaram como as firmas suecas Sandvik, Atlas, Copco, Facit e Volvo internacionalizaram seus negócios.

Para Carneiro e Dib (2007), o modelo de Uppsala (U-Model), pretende ser um manual explicativo sobre as etapas de um processo de internacionalização, sendo uma das teorias mais difundidas sobre a internacionalização da firma. Uma das principais contribuições dos pesquisadores nórdicos foi analisar a firma partindo da teoria do comportamento organizacional e não sob o ponto de vista puramente do econômico (HEMAIS; HILAL, 2002).

Hilal e Hemais (2003) observam que a Escola de Uppsala define a firma internacional como uma organização caracterizada por processos cumulativos de aprendizagem. Fator este que, segundo Brambilla (2009), caracteriza esta teoria como uma abordagem não contingencial, na qual os mercados externos são vistos como a extensão das operações desenvolvidas no mercado doméstico, fazendo valer a máxima de um passo de cada vez.

Johanson e Vahlne (1977), a partir dos seus estudos, explicam que atividades internacionais envolvem desde a seleção do mercado e forma de entrada até o processo gradual de aprendizagem sobre o mercado externo. Estes autores sugerem que, à medida que a experiência internacional vai aumentando, maiores recursos são dedicados ao mercado internacional, incluindo atividades de produção e de vendas em mercados mais distantes.

Costa et. al. (2014) evidenciam que o U-Model prevê que o processo de internacionalização ocorre de maneira sequencial e incremental, e, conforme a empresa adquire maior conhecimento do país selecionado, vai incrementando suas atividades e aumentando seu envolvimento neste mercado. Assim, Forte e Júnior (2006) descrevem que a internacionalização geralmente ocorre a partir de quatro estágios graduais: a) atividades de exportação irregulares; b) atividades de exportação por meio de representantes; c) atividades de exportação por meio de subsidiária de vendas estabelecidas no mercado externo; e d) a empresa estabelece unidades de produção/ manufatura no mercado externo. Sendo que as empresas normalmente iniciam o processo de internacionalização através da exportação via agente ou representante, podendo passar pelo estabelecimento de uma parceria com empresa do exterior e chegando ao investimento máximo através da abertura de uma subsidiária.

Quanto à decisão do país a serem expandidas as operações da organização, também ocorre de forma gradativa, ou seja, primeiramente elegem-se países com menor distância psíquica, para então expandir-se para locais mais distantes geograficamente (CARNEIRO; ROCHA; SILVA, 2008), visto que quando as empresas selecionam países com menor distância psíquica, maior é a probabilidade de sucesso nas operações, quando comparado a mercados mais distantes (SOUZA; LENGELER, 2009). Após a escolha do país, é preciso decidir sobre o controle da produção e, conforme Carneiro, Rocha e Silva (2008), esta poderá ser caracterizada como controle total, propriedade exclusiva ou pelo controle compartilhado. Sendo que, geralmente, conforme estes mesmos autores, a empresa inicia suas atividades no exterior a partir de um modo de baixo recurso-compromisso e só inicia as operações com elevado compromisso e recursos envolvidos a partir que obtêm experiência e conhecimento do terreno a ser explorado.

A falta de conhecimento do mercado é um importante obstáculo para o

desenvolvimento das operações internacionais, a qual só é possível através da vivência no exterior, conforme Johanson e Vahlne (1977). Assim, quanto mais se conhece determinado mercado, menor o risco percebido sobre a atuação nesse mercado (SILVA e MORAES, 2013). Desta forma, após a empresa adquirir maior experiência do mercado é que passa a ter um maior comprometimento e envolvimento no mercado externo, segundo conclusões de Johanson e Vahlne (1977).

Carneiro e Dib (2007) também destacam sobre a relevância deste modelo, descrevendo que tem sido uma das mais importantes explicações teóricas acerca do processo de internacionalização de empresas. Forte e Júnior (2006) observam que o U-Model é considerado, atualmente, uma importante corrente de pensamento, sendo a validade de seu modelo julgada positivamente em muitos aspectos, sinalizando que o conhecimento, a experiência, o potencial do mercado e a estrutura industrial detém influência simultânea no processo de internacionalização.

Porém, conforme as operações em mercados internacionais foram evoluindo, surgiram diversos estudos a partir do Modelo de Uppsala, os quais sinalizaram para um elemento não referenciado pelos autores: a importância da *network* para o processo de entrada em mercados externos. Os próprios criadores do modelo de Uppsala, Johanson e Vahlne (2009) passam a definir a internacionalização como o processo de desenvolvimento de redes multilaterais, visto que estar de fora de uma rede de relacionamentos (*outsidership*) inviabiliza o desenvolvimento de negócios. Desta forma, os autores evidenciam que o processo de aprendizagem e confiança e a construção de um comprometimento, estão, diretamente, relacionados ao sucesso do negócio.

#### **5.1.4 Teoria das Redes – Network**

A questão das redes de relacionamentos (*networks*) é considerada uma evolução natural do pensamento da Escola Nórdica (HILAL e HEMAIS, 2003). Após reconhecerem que a competição global e o desenvolvimento tecnológico forçam as empresas a se internacionalizarem mais rápido, e não de forma tão gradual, foi incorporado ao Modelo de Uppsala o conceito de Network, conforme Carvalho e Dib (2013). Andersson e Johanson (1997) descrevem que a internacionalização deixa de

ser apenas uma questão de mudar a produção para o exterior, passando a ser percebida como a exploração de relacionamentos potenciais além-fronteiras.

Conforme Honório (2009), à medida que a experiência internacional aumenta, a firma se expõe a mercados mais diversos do ponto de vista cultural, aumentando e potencializando a formação de relacionamentos mais profundos e de longo prazo.

Carneiro e Dib (2007) observam que a empresa assume que os próprios mercados devem ser encarados como redes, conceito este complementado por Hilal e Hemais (2002) ao enfatizar que a internacionalização das firmas também depende da network que ela possui.

Com a competição global, os relacionamentos duradouros com clientes e fornecedores se tornam cada vez mais decisivos na competição por mercados. O foco passa a ser a rede de relacionamentos, o intercâmbio de informações, de atividades e não mais puramente a produção. Além disso, segundo Carvalho e Dib (2013), o modelo de *network* entende que o papel e o significado de uma empresa são dados pela sua interação contínua com outras partes, sendo que a incerteza não se dá pela distância psíquica, e sim pela preocupação de estar fora da rede.

A rede apresenta algumas funções como eficiência, alavancagem de recursos e mutualidade, bem como conexões entre os relacionamentos. Carneiro e Dib (2013) descrevem que é possível identificar quatro situações (aprendizados) de internacionalização na perspectiva de *networks*, as quais correspondem ao grau de internacionalização da firma e do mercado, conforme apresentado na Figura 2.

Figura 2 - Situações de Internacionalização (*networks*)



Fonte: Johanson e Mattsson (1988).

Conforme Carvalho e Dib (2013), quando a empresa se encontra na situação

“*The Early Starter*”, o aprendizado experiencial é crítico e o padrão de internacionalização é lento e gradual. O quadrante “*The Lonely International*” caracteriza empresas multinacionais buscando mercados nacionais fechados, enquanto na situação “*The Late Starter*” a empresa é estimulada a se internacionalizar principalmente pela influência dos clientes, participantes de sua rede. E finalizando, os autores descrevem a situação “*The International Among Others*” quando a empresa está concentrada em integrar novas redes, ampliar sua *network*.

Segundo Chiavegatti e Turolla (2011), através das redes é possível adquirir conhecimento sobre seus parceiros de relacionamento, incluindo seus recursos, necessidades, capacidades, estratégias e outros relacionamentos. Esses parceiros também poderão fornecer informações comerciais importantes sobre os parceiros, concorrentes e atores mais distantes da rede.

Segundo Forsgren (2008), nesta teoria, a distância psíquica torna-se menos relevante, ganhando destaque as barreiras que existem ao acesso das redes de um determinado país. Ou seja, torna-se mais importante a oportunidade para estabelecer relacionamentos com clientes e fornecedores em países estrangeiros.

Como resultado deste relacionamento propiciado pelas redes surge a confiança, que é um importante elemento para o aprendizado bem-sucedido e o desenvolvimento de novos conhecimentos, segundo Carvalho e Dib (2013). Assim, a teoria das redes aponta que as empresas se internacionalizam ou aumentam sua presença no exterior de acordo como a sua rede de relacionamentos ou demanda, e conforme as trocas vão acontecendo aumenta-se a confiança e, por consequência, aumentam as oportunidades de expansão e de novos negócios.

### **5.1.5 Teoria do empreendedorismo internacional**

A partir da década de 90, a Teoria do Empreendedorismo Internacional ganha espaço, passando a ser definida por Mcdougall (2000) como a combinação de inovação, proatividade e aversão ao risco. Silva, Chagas e Siqueira (2012) observam que à medida que os negócios se tornam cada vez mais globais, as empresas precisam desenvolver uma orientação diferenciada em termos de recursos empresariais, a qual está diretamente vinculada ao perfil do empreendedor.

Assim, a Teoria do Empreendedorismo Internacional aborda as formas de entrada no mercado internacional com foco direto no papel do empreendedor para a efetivação do processo (HEMAIL; HILAL, 2002). Aspecto este também evidenciado por Carneiro e Dib (2007) ao descreverem que o tempo e a forma de entrada da empresa em países estrangeiros dependem diretamente do perfil do empreendedor.

Esta teoria, segundo Dalmoro (2008), coincide com o fenômeno das *Born Globals*, rompendo o paradigma que os empreendedores deveriam construir seus negócios, inicialmente, no mercado doméstico, para depois expandir-se internacionalmente. Estas são novas formas de agir e definir o processo de internacionalização, um desafio aos empreendedores que buscam expandir seus negócios. Desta forma, o papel do empreendedor passa a ser primordial, visto que orientará quanto a forma de utilização dos recursos, podendo influenciar no desempenho organizacional (SILVA; CHAGAS; SIQUEIRA, 2012).

Dalmoro (2008) relata que para que o empreendimento tenha sucesso, é preciso que os tomadores de decisão/empreendedores tenham um elemento psicológico crítico denominado “motivação para a realização” ou “impulso para melhorar”. Na verdade, pode-se afirmar que há um perfil comportamental típico dos empreendedores, que facilita a obtenção de sucesso quando há iniciativa para começar um empreendimento (SCHMIDT; DREHER, 2008). Sendo que McClelland (1972) caracteriza o comportamento do empreendedor em três grupos (Quadro 1).

Quadro 1 - Características comportamentais do empreendedor

Grupos	Características comportamentais
<b>Realização</b>	Empreendedor aproveita as oportunidades fora do comum para iniciar um negócio e realizam atividades antes do solicitado; enfrenta desafios e não desistem perante obstáculos; analisa e calcula os riscos de maneira cuidadosa e sempre avalia as chances de sucesso e fracasso; busca exceder os padrões de excelência e têm energia para trabalhar muito; empenha-se pessoalmente na conclusão de uma tarefa e zela pela satisfação dos clientes.
<b>Planejamento</b>	Empreendedor recorre à ajuda de especialistas para elaborar estratégias e busca informações sobre clientes, fornecedores e concorrentes; fixa objetivos claros e específicos, sempre orientado para o resultado; estabelece prazos para o cumprimento das tarefas, além de acompanhá-las de perto, e busca o feedback.
<b>Poder</b>	Empreendedor busca autonomia, mostra-se confiante ao enfrentar desafios e busca situações para eliminar problemas; geralmente tem influência e persuasão sobre as pessoas, age de forma a desenvolver e manter relações comerciais; negocia e faz as pessoas acreditarem em determinada ideia.

Fonte: Elaborado pela autora, adaptado de Schmidt e Dreher (2008).

Uma vez que o empreendedor é o explorador das oportunidades no mercado internacional, o empreendedorismo internacional tem sido relevante no contexto da internacionalização das empresas, certos de que algumas decisões de como e onde se internacionalizar dependem diretamente do perfil desse empreendedor (SILVA; CHAGAS; SIQUEIRA, 2012).

Assim, nesta teoria o empreendedor é a peça fundamental, visto que não seria suficiente dispor de recursos e oportunidades, se a internacionalização não fosse desejada e realizada por pessoas com comportamento empreendedor.

Conforme Souza e Fleury (2009), assim como outras organizações que se internacionalizam, as IES se defrontam com uma série de decisões complexas quanto à escolha das localidades para competir, como competir e como gerir suas operações internacionais. Estes mesmos autores observam que para cada tipo de mobilidade podem se associar estratégias de internacionalização, no que se refere às iniciativas organizacionais e programáticas realizadas no nível institucional.

Raboch e Domingues (2008) observam que algumas teorias que tratam do comportamento de empresas internacionalizadas podem trazer contribuições interessantes ao adaptá-las no âmbito da internacionalização de uma IES, a qual oferece serviços. Assim, Souza (2008) define que há uma abordagem específica para tratar os fenômenos da internacionalização do ensino, sendo chamada de Ensino Superior Internacional.

## 5.2 VISÃO BASEADA EM RECURSOS (VBR)

Wernerfelt (1984) define que recurso significa qualquer coisa que possa ser considerada como uma força ou fraqueza de uma determinada empresa. Exemplos de recursos são: nomes de marca, conhecimento interno de tecnologia, emprego de pessoal qualificado, contatos comerciais, maquinário, procedimentos eficientes, capital, etc. Conforme Barney (1991) a vantagem competitiva sustentada deriva dos recursos e capacidades que uma empresa controla que são valiosas, raras, imperfeitamente imitáveis e não substituíveis.

Na VBR, conforme Wernerfelt (1984) e Barney (1991) as organizações são vistas como um conjunto de recursos. Algumas características de recursos que

impedem as empresas de se mover em direção a homogeneidade de recursos foram identificados como: mobilidade imperfeita, imitabilidade imperfeita, e substitubilidade imperfeita (BARNEY, 1991). A visão baseada em recursos afirma que a razão para alianças é o potencial de criação de valor dos recursos firmes que são agrupados (DAS e TENG, 2000).

Conforme Beerkens e Van Der Wende (2007) a implicação fundamental da VBR é que as organizações vão procurar parceiros que permitam a realização de algum tipo de ajuste ou sinergia entre os seus recursos e os dos seus parceiros alvo. Peng (2001) afirma que alianças estratégicas, empreendedorismo internacional e estratégias de mercados emergentes foram impulsionadas pela VBR.

Assim, Beerkens e Van Der Wende (2007) sinalizam que a VBR também pode ser aplicada a cooperação entre as universidades. Estes autores definem que os consórcios podem empregar mecanismos para melhorar a compatibilidade e complementaridade em situações que estes não são os ideais. Sendo que neste ponto que identifica-se uma adaptação das teorias sobre a internacionalização, aplicáveis a realidade das instituições de ensino.

### 5.3 INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR

O caráter internacional das universidades está presente desde a Idade Média com a criação das primeiras universidades (Bolonha, Paris, Oxford). Altbach (2004) relata que as primeiras universidades fundadas em Paris e Bolonha no século XIII, expandiram-se rapidamente para outras partes da Europa e usavam como linguagem comum o Latim. Nesta época, as “universitas”, como eram chamadas as universidades, contavam com estudantes de diferentes regiões e países, assim como professores que foram recrutados de diversos países, formando comunidades internacionais (ZAMBERLAN et al., 2009).

Altbach e Knight (2007) também evidenciam que as universidades têm sido instituições internacionais a partir de suas origens medievais europeias, atraindo estudantes e professores de muitos países. E conforme descreve De Wit (2002), é no século XV que se intensifica a internacionalização do ensino na Europa, chamado por este mesmo autor como a “peregrinação acadêmica”. Esta peregrinação foi considerada pelo movimento contrarreforma como responsável pela disseminação

de ideias revolucionárias. Fator este condicionante para a perda de força da internacionalização do ensino a partir do século XVIII.

No final do século XX, a internacionalização do ensino passa a ganhar força novamente com a exportação dos modelos de ensino para países periféricos. Sendo neste momento que identifica-se a fundação das primeiras agências, associações e institutos focados na internacionalização do ensino, que ocorreram por volta de 1913.

Mesmo a internacionalização no ensino superior não sendo processo recente, foi a partir dos acordos de livre comércio no Norte e América do Sul e do contínuo desenvolvimento da União Europeia que o mercado inicia suas manifestações pela demanda internacional, conforme Bartell (2003) e Zamberlan et al. (2009). No Brasil, é a partir da década 90, com o processo de globalização, que a internacionalização da educação superior vem se fortificando no panorama mundial, conforme Morosini (2006), a qual constatou que é a partir do século XXI que estudos sobre o tema passam a ganhar destaque no cenário nacional.

Tanto na literatura internacional quanto brasileira, o tema internacionalização, como foco de estudo, é relativamente novo, sendo que não há um conceito único para descrevê-lo, sendo que alguns autores compreendem o tema de forma mais ampla, enquanto outros estudiosos focam em aspectos mais restritos. Conforme Bartell (2003), a internacionalização transmite uma variedade de entendimentos, interpretações e aplicações, em qualquer lugar a partir de uma visão minimalista, instrumental e estática, podendo ser caracterizada pelos programas de estudo no exterior, por meio de intercâmbio internacional de estudantes, pela realização de pesquisas internacionalmente, ou como um processo complexo composto por políticas e permeando a vida, a cultura, currículo e instrução, bem como as atividades da universidade e seus membros de investigação.

Qiang (2003) descreve que a internacionalização do ensino superior é uma resposta dos países para a globalização, e que respeita a singularidade de cada nação. Marginson e Rhoades (2002) definem internacionalização como a globalização do ensino superior, o desenvolvimento do aumento de sistemas educacionais integrados e as relações universitárias além da nação.

Para De Wit (2010), a internacionalização é definida como a variedade de políticas e programas que as universidades e os governos implementam para

responder à globalização. Enquanto Bartell (2003) conceitua a Internacionalização como trocas internacionais relacionadas à educação e à globalização como uma avançada fase no processo que envolve a internacionalização.

Vilalta (2012) também referenciou em seus estudos a diversidade de conceitos e atividades vinculadas à internacionalização, conforme apresentado no Quadro 2, que apresenta uma síntese formulada pelo autor.

Quadro 2 – Conceitos e Características de Internacionalização

Autor	Conceito	Características Relacionadas
<b>Knigh e De Wit (1999)</b>	Processo de integração com dimensão internacional, intercultural para o ensino, pesquisa e funções de serviços da Instituição.	Ensino, pesquisa e funções de serviços da Instituição.
<b>Teichler (2004)</b>	Representa a crescente atividade transfronteiriça, ligando os termos internacionalização, europeização e globalização como tendência da transmissão de conhecimento.	Mobilidade física, cooperação acadêmica e transferência de conhecimento acadêmico.
<b>Altbach e Knight (2007)</b>	Conjunto de políticas e práticas empreendidas por sistemas acadêmicos, instituições e indivíduos para lidar com o ambiente acadêmico global.	Formas de internacionalização: tradicional, a dos países em desenvolvimento ou individual.
<b>Gacel-Ávila (2003)</b>	Significa integrar a dimensão internacional e intercultural e multidisciplinar aos currículos, fomento à mobilidade estudantil, perfil internacional do corpo docente, utilização de métodos pedagógicos, práticas profissionais em ambiente de trabalho internacional e cursos para a população estrangeira.	Mobilidade estudantil, perfil internacional do corpo docente, utilização de métodos pedagógicos, práticas profissionais em ambiente de trabalho internacional e cursos para a população estrangeira.
<b>Rudzki (1998)</b>	Refere-se a um processo de mudanças organizacionais, de inovação curricular, de desenvolvimento profissional do corpo acadêmico e da equipe administrativa, de desenvolvimento da mobilidade acadêmica com a finalidade de buscar a excelência na docência, na pesquisa e em outras atividades que são parte da função da universidade.	Mudança organizacional, Currículo, Corpo acadêmico e equipe administrativa, Mobilidade acadêmica.

Fonte: adaptado pela autora, com base em Vilalta (2012).

Visto que não há um conceito único, Morosini (2006, p. 115) busca correlacionar os conceitos existentes, posicionando-se quanto ao assunto:

Internacionalização da educação superior é um conceito complexo, com uma diversidade de termos relacionados, apresentando diversas fases de

desenvolvimento. São citadas: a) *dimensão internacional* – presente no século XX, que se caracteriza por ser uma fase incidental mais do que organizada; b) *educação internacional* – atividade organizada prevalente nos Estados Unidos, entre a segunda guerra mundial e o término da guerra fria, preferentemente por razões políticas e de segurança nacional; e c) *internacionalização* da educação superior, posterior à guerra fria e com características de um processo estratégico ligado à globalização e à regionalização das sociedades e seu impacto na educação superior.

De Wit (2010) observa também que a maioria dos termos utilizados para referenciar este processo são: estudos internacionais, estudos globais, educação multicultural, a educação intercultural, educação para a paz etc. ou a mobilidade relacionada com: estudo no exterior, educação no estrangeiro, mobilidade acadêmica etc. Quanto às atividades internacionais, o Relatório da *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* (UNESCO) e da OCDE relatam que a internacionalização deu-se basicamente a partir da mobilidade acadêmica, sendo que de 1995 a 2005 o número mais que dobrou. Este aumento no número da mobilidade acadêmica é justificado por Lima e Maranhão (2011) quando relatam que os estudantes e docentes incrementam sua empregabilidade e tornam-se mais atraentes para o mercado de trabalho após esta experiência internacional.

Desta forma, de acordo com Bartell (2003), a realidade é, então, que a internacionalização transmite uma variedade de entendimentos, interpretações e aplicações. De Wit (2010) corrobora ao constatar que ao longo dos últimos dez anos notam-se um novo grupo de termos emergentes, sendo que, para este autor, a internacionalização do ensino superior pode ser descrita conforme sua abordagem: atividade (tipos de atividades), lógica (efeitos e resultados pretendidos), competência (novas habilidades, atitudes e conhecimentos gerados a partir da internacionalização) ou por processo.

Knight (2011) define ainda que a internacionalização pode ser “*at home*” ou “*crossborder*”, ou seja, que a internacionalização pode ocorrer dentro da própria IES ou além das fronteiras. Na internacionalização “*at-home*”, destacam-se como principais ações a inclusão da dimensão intercultural e internacional no processo de ensino-aprendizagem, a pesquisa, as atividades extracurriculares, bem como a relação com grupos comunitários culturais e étnicos locais, a integração de estudantes estrangeiros para a vida e as atividades do campus (KNIGHT, 2011).

Enquanto internacionalização “*crossborder*” ocorre por meio de convênios de cooperação entre governos, instituições de ensino, com empresas do setor produtivo

e, inclusive, com a instalação de campus no exterior.

Independente da forma como ocorre, é indiscutível a importância e relevância da internacionalização no contexto educacional. Dal-Soto et al. (2013) descreve que a internacionalização do Ensino Superior tem sido evidenciada em diversas situações do meio acadêmico, sendo ela necessária para o avanço qualitativo das atividades praticadas pelas IES.

Quanto às principais motivações para a internacionalização do ensino, De Wit (2002) identifica quatro grandes grupos: razões políticas, econômicas, lógicas sociais e culturais e princípios acadêmicos. Knight (2004) complementa ao propor uma quinta motivação, a qual está relacionada a aspectos mercadológicos, conforme demonstrado no Quadro 3.

Quadro 3 - Fatores Motivacionais para a Internacionalização

Motivações	Características
<b>Lógicas Políticas</b>	Segundo De Wit (2002), motivações políticas têm sido muito importantes, em particular após a Segunda Guerra Mundial e no período da Guerra Fria, quando eram dominantes na internacionalização do ensino superior. E conforme Knight (2004), estas motivações envolvem questões vinculadas a segurança nacional, promoção da paz e compreensão mútua entre nações, formação de identidade nacional e regional, entre outros.
<b>Razões Econômicas</b>	Segundo Knight (2004), as motivações econômicas abrangem a busca por crescimento econômico e aumento da competitividade, o desejo de atender às mudanças no mercado de trabalho, incentivos financeiros e geração de receita adicional.
<b>Lógicas sociais e culturais</b>	Conforme Knight (2004), motivações de cunho social e cultural visam ao desenvolvimento de cidadania, desenvolvimento comunitário, promoção de entendimento intercultural e formação de uma identidade cultural nacional.
<b>Princípios acadêmicos</b>	As motivações acadêmicas levam à inclusão da dimensão internacional no ensino e na pesquisa, à busca por melhoria da qualidade acadêmica, à tentativa de conquistar padrões e <i>status</i> internacionais, à promoção da ampliação dos horizontes acadêmicos e ao desenvolvimento da própria IES, segundo Mückenberger e Miura (2015).
<b>Aspectos mercadológicos</b>	Conforme Mückenberger e Miura (2015), motivações mercadológicas estão relacionadas à reputação da IES e sua marca. Envolve a busca de <i>status</i> , notoriedade e reputação internacional para a instituição, o que aproxima bastante os motivos mercadológicos aos motivos econômicos.

Fonte: Elaborado pela autora, 2015.

Conforme Mückenberger e Miura (2015) e parafraseando Knight (2011),

dentre as motivações institucionais para a internacionalização elencam-se: construir perfil e reputação internacional; melhorar a qualidade; desenvolver estudantes e colaboradores com competências interculturais e melhores habilidades de comunicação; interação e relacionamento; gerar renda (quando a IES vê na internacionalização uma fonte extra de renda); buscar alianças estratégicas e produzir pesquisa e conhecimento. De Wit (2002) observa que há diferentes motivos para a internacionalização do ensino superior, os quais não são mutuamente excludentes, podendo variar quanto a sua importância por país e região, e pode mudar em posição dominante ao longo do tempo.

Coelen (2009) reforça que dependendo do motivo, o sucesso na internacionalização tem significados muito diferentes. Porém, segundo Stallivieri (2004), independente dos principais motivos, o foco é que a internacionalização do ensino passou a ser questão de sobrevivência, sendo este o único meio para que a instituição possa competir em nível de igualdade com as melhores IES, tanto no contexto regional quanto global. Neste sentido, Lima e Maranhão (2011) relatam que a internacionalização tem construído novas configurações para o ensino superior, tornando-o mais global e homogêneo.

De acordo com Gao (2015) a internacionalização tornou-se uma preocupação central das universidades, passando a ser articulada como prioridade estratégica, sendo que para operar com sucesso neste ambiente globalizado, as IES devem continuar a promover um compromisso com a internacionalização e fazer esforços significativos para integrar a dimensão internacional em áreas-chave da operação. Esta mesma autora reforça que são necessárias informações mais sofisticadas e ferramentas úteis para o mapeamento e mensuração desse fenômeno, especialmente, de uma forma comparativa internacional.

A seguir serão analisados instrumentos que se propõem a medir a qualidade do ensino internacionalmente, bem como a categorização dos principais rankings internacionais para analisar a qualidade do ensino de forma global.

#### 5.4 INICIATIVAS PARA MEDIR O NÍVEL DE INTERNACIONALIZAÇÃO NAS IES

A partir do reconhecimento da importância da internacionalização no ensino superior, surgiram diversos estudos com a proposição de medir a qualidade do

ensino superior (DE WIT, 2010; BEERKENS et al., 2010; GAO, 2015). De Wit (2009) relata que medir o sucesso do que fazemos está se tornando um item cada vez mais urgente para os profissionais de internacionalização. Segundo este mesmo autor (2010), muito já foi dito sobre o porquê da importância da internacionalização no ensino superior, mas muito pouco sobre os indicadores de qualidade para medição desta.

Nos últimos anos, tem-se percebido o crescimento do número de ferramentas e estudos que estão tentando identificar indicadores importantes para a internacionalização, os quais, segundo Beerkens et al. (2010), surgiram em um cenário internacional ou nos países onde a internacionalização ganhou importância por causa do aumento dos fluxos de estudantes estrangeiros que entram no país, como por exemplo nos Estados Unidos, Reino Unido e Austrália.

De Wit (2010) observa que não há como compreender as transformações da educação, no âmbito da globalização e da internacionalização do ensino superior, sem levar em conta as práticas de avaliação. Argumentação esta que justifica o número de estudos publicados que buscam mensurar a internacionalização do ensino a partir de diferentes instrumentos e ferramentas.

No ano de 1999 tem-se o primeiro esforço internacional para auxiliar as instituições na avaliação do seu desempenho internacional, denominada de IQRP, que contou com o apoio de Hans de Wit (Universidade de Amsterdã) e Jane Knight (Universidade de Toronto), sendo publicado pela OCDE sob o título “Qualidade e Internacionalização do Ensino Superior” (GAO, 2015).

Segundo Beerkens et al. (2010), este projeto foi desenvolvido em parceria com a *Academic Cooperation Association (ACA)* e da *Association of European Universities (CRE)*, tendo como objetivo estimular o desenvolvimento, acompanhamento e fiscalização da execução de uma estratégia de internacionalização dentro de instituições de ensino superior, sendo que a base para a avaliação se dá a partir das próprias metas e objetivos traçados pela Instituição.

Em 2001, o IQRP foi adaptado pelo *American Council on Education (ACE)* com o apoio de Madeleine Green (membro sênior na *Association International of Universities (IAU)* e na NAFSA). O ACE propôs um modelo composto por uma escala de 5 pontos para classificar as universidades de pesquisa nos Estados Unidos entre “altamente ativas e menos ativas” na internacionalização. Em 2006, o

modelo sofreu alterações, alterando a escala final entre “baixo e alto nível” de internacionalização.

Em 2003 observa-se o primeiro esforço Japonês para avaliar a universidade como um todo, sendo que o projeto foi conduzido pelo *National Institution for Academic Degrees and University Evaluation* (NIAD-EU). O instrumento japonês foi composto por 80 variáveis distribuídas em 21 dimensões, conforme apresentado por Beerkens et al. (2010).

Na Austrália, Krause, Coates, e James (2005) propuseram indicadores preliminares para monitorar e medir a internacionalização das instituições de ensino superior do país. Este estudo foi composto por 66 indicadores distribuídos em 5 dimensões: (1) ensino e questões curriculares, (2) corpo docente, (3) pesquisa, (4) os problemas dos alunos e (5) estratégia. Neste mesmo ano, Hser (2005) analisou os esforços para a internacionalização de 59 universidades americanas buscando compreender como as mesmas respondem a demanda internacional, sendo este um estudo qualitativo. Na Europa, neste mesmo período teve início o projeto U-Map, que passou por 3 fases, tendo a última revisão em 2011, a partir proposição de uma escala composta por 6 dimensões, com o intuito de desenvolver uma classificação das IES Europeias. A ressaltar, a classificação é realizada a partir de dados empíricos, não produzindo um efeito hierárquico, sob uma perspectiva multidimensional.

Em 2006, o *Centre for Higher Education Development* (CHE) da Alemanha desenvolveu um instrumento composto por 186 indicadores distribuídos entre indicadores de entrada e de saída. Sendo que nesta proposta, cada IES seleciona os indicadores que melhor representam às suas necessidades (BRANDENBURG; FEDERKEIL, 2007).

No Reino Unido, Ayoubi e Massoud (2007) aplicaram uma pesquisa em 117 Universidades Britânicas comparando o projeto de internacionalização (declarações de missão) e sua implementação a partir de 3 variáveis (percentagem de estudantes no exterior para o número total de estudantes em cada universidade, o percentual do faturamento no exterior para a renda total de uma universidade e o percentual de participação de estudantes estrangeiros do primeiro ano de mercado para a quota de mercado total no exterior). Ainda em 2007, a Nuffic elaborou uma ferramenta chamada de Mapeamento da Internacionalização (MINT), que objetivou apoiar

instituições de ensino superior e proporcionar-lhes uma visão completa de sua política de internacionalização, atividades e apoio, segundo Gaalen (2009). A MINT combina ferramentas de autoavaliação com *benchmarking*, sendo disponibilizada a partir de um *link* na *web*.

Em 2009, foi publicado pela *European Association of International Education* (EAIE) um *Occasional Paper*, o qual foi editado por Hans De Wit, sob a temática “Medindo o sucesso do que fazemos”, podendo ser caracterizado como uma coletânea de estudos sobre internacionalização no ensino. Este *papper* traz exemplos de diferentes métodos, ferramentas, processos e experiências a partir de investigações realizados por Hudzik and Stohl, Deardorff, Pysarchik and Yun, Coelen, Spinelli, Woolf, Brandenburg et al., Gaalen, Olsen, Jenkins-Deas e pelo próprio editor, De Wit.

Analisando estudos publicados mais recentemente, Gao (2015) apresentou uma nova abordagem para desenvolver um conjunto de indicadores aplicáveis internacionalmente que irão informar os dirigentes da universidade sobre o estado atual de internacionalização. Esta autora propõe um quadro conceitual (Quadro 4) para auxiliar a medição da internacionalização, o qual é composto por 16 construtos em 6 dimensões.

Quadro 4 – Proposta de uma Estrutura para Medir a Internacionalização do Ensino

Dimensões	Componentes
Gestão e Suporte Organizacional	Recursos humanos para a internacionalização Recursos financeiros para a internacionalização Presença internacional
Aluno	Estudantes internacionais Mobilidade acadêmica
Docente	Perfil internacional da equipe de professores Perspectiva e experiência internacional do corpo docente
Currículo	Cursos com componente internacional Programas de graduação conjunta Participação dos alunos em estudos internacionais
Pesquisa	Programas de investigação de cooperação internacional Centros de investigação internacional Pesquisas internacionais Reconhecimento internacional dos resultados da pesquisa
Parceria Internacional	Rede internacional e de parceria Presença internacional de ex-alunos

Fonte: Traduzido pela autora, de Gao (2015).

A partir de uma análise de artigos publicados a partir da temática internacionalização do ensino, e a categorização pelas dimensões propostas por Gao (2015) pode-se evidenciar uma série de investigações que vem sendo realizadas nos últimos anos, conforme sintetizado no Quadro 5.

Quadro 5 – Relação dos autores por dimensão

<b>Dimensão</b>	<b>Autores</b>
Gestão e Suporte Organizacional	Rudzki (2000); Van Damme (2001); Knight (2001; 2004; 2015); McCabe (2001); Beaton (2001); Horie (2002); Woolf (2002); Gillespie (2002); Bartell (2003); Devita e Case (2003); Huang (2003); van der Wende (2003; 2007); Teichler (2004); Meiras (2004); Gacel-Ávila (2005; 2007); Scherer, Javalgi, Bryant e Tukul (2005); Frolich (2006); Deardorff (2006); Stone (2006); Murphy (2007); Dunn e Nilan (2007); Taylor e Braddock (2007); Marginson (2007); Altbach e Knight (2007); Kehm e Teichler (2007); Marginson e van der Wende (2007); Horn, Hendel e Fry (2007); Huang (2007); Healey (2008); Wai Lo (2009); Childress (2009); Aittola et al (2009); Trilokekar (2010); Luring e Selmer (2010); Bostrom (2010); Patricio (2010); Gribble e Blackmore (2012); Coryell et al. (2012); Ha Cho e Palmer (2013); Wang (2013); Daquila (2013); Tadaki e Tremewan (2013); Berry e Taylor (2014); Ilieva, Beck e Waterstone (2014); Haigh (2014); Stevenson (2014); Kuroda (2014); Hou (2014); Ramírez (2015); Wamboye, Adekola e Sergi (2015); Gao (2015); Deschamps e Lee (2015); Yemini e Giladi (2015); Guillotin e Mangematin (2015); Seeber et al(2016); Tamtik e Kirss (2016); Urbanovič, Wilkins, Huisman (2016)
Aluno	Devita (2000); Zhao, Kuh e Carini (2005); Asmar (2005); Stronkhorst (2005); Deardorff (2006); Chapman e Pyvis (2006); Gribble (2008); Lee (2008); Ryan e Viète (2009); Saltmarsh e Swirski (2010); Kondakci (2011); Ramachandran (2011); Kuznetsov e Kuznetsova (2011); Hughes (2013); Oleksiyenko, Cheng e Yip (2013); Nerlich (2013); Bianchi (2013); Behle (2014); Urban e Palmer (2014); Troisi e Soria (2014); Caruso e De Wit (2015); Fabricius, Mortensen e Haberland (2016); Stein e Andriotti (2016); Kritz (2016); Ding (2016); Straker (2016); Vögtle e WindzioHorn(2016)
Docente	Marginson (2000); Dewey e Duff (2009); Huang (2009); Kim, Wolf-Wendel e Twombly (2011); Lugovtsova, Krasnova e Torhova (2012); Karky (2013); Daniels (2013); Li e Tu (2016)
Currículo	Paseka (2000); Wächter (2003); Huang (2006a); Huang (2006b); Crosling, Edwards e Schroder (2008); Luxon e Peelo (2009); Gorges, Kandler e Bohner (2012); Leasky (2013); Fitch (2013); Doiz, Lasagabaster e Sierra (2013); Dlaska (2013); Maringe e Sing (2014); Baker, Perkins e Comber (2014); Francois (2014); Meda e Monnapula-Mapesela (2016)
Pesquisa	Sugden (2004); Knobel, Simoes e De Brito Cruz (2013); Kwiek (2015)
Parceria Internacional	Chan (2004); Kajberg (2004); Beerkens e Derwende (2007); Shore e Groen (2009); Spencer-Oatey (2013); Li et al (2014)

Fonte: Elaborado pela autora, 2016

A partir dos estudos mencionados no Quadro 5, Terra e Lengler (2016) identificam os temas recorrentes, com destaque a mobilidade, estratégia, currículo,

idiomas, comercialização e cooperação. Kehm e Teichler (2007) realizaram um estudo analisando publicações de 1996 a 2006, e também identificaram a mobilidade, a estratégia e a cooperação entre os primeiros planos de estudos e análises a partir da internacionalização do ensino.

Terra e Lengler (2016) evidenciam ainda, a partir de uma análise de 130 artigos publicados em periódicos de referência internacional, que há uma evolução nos temas analisados, conforme apresentado no Quadro 6. Porém, é importante ressaltar que a transição dos temas não significa a eliminação progressiva de temas anteriores, e sim o aumento da diversidade dos mesmos (TEICHLER, 2004).

Quadro 6 - Evolução dos estudos com foco na internacionalização do ensino superior

Ano	Área analisada
2000	Cultura; Participação ativa; Aluno Internacional.
2001	Mobilidade acadêmica; Mobilidade dos staffs (docente e técnicos administrativos).
2002	Análise de processos; Descrição de programas de dupla titulação.
2003	Globalização; Mobilidade; Internacionalização do currículo.
2004	Cooperação interinstitucional; Transferência de conhecimento; Políticas de internacionalização, Razões, Programas internacionais, Internacionalização at-home.
2005	Resultados da aprendizagem; Influências.
2006	Formação intercultural; Justificativas para a internacionalização.
2007	Estratégias institucionais; Rankings; Sistemas de classificação do ensino; Acreditação.
2008	Negócio educacional; Migração qualificada; Mudança organizacional.
2009	Cultura; Conhecimento global; Planejamento.
2010	Diversidade; Assistência ao aluno internacional.
2011	Carreira internacional; Valor do ensino superior.
2012	Estudar no exterior; Políticas de apoio à internacionalização do ensino e de apoio ao estudante; Inovação.
2013	Práticas de ensino; Consórcios universitários; Adaptação dos métodos de ensino.
2014	Sustentabilidade da internacionalização; Aprendizado e desenvolvimento do aluno; Adaptação do aluno estrangeiro; Alianças estratégicas.
2015	Internacionalização do campus; Racismo; Conflitos globais; Políticas transnacionais.
2016	Competição entre IES; Razões individuais para buscar instituições no exterior; Mercantilização.

Fonte: Terra e Lengler (2016)

Hudzik e Stohl (2009) observam ainda que, a partir dos estudos realizados, nascem dois modelos de avaliação de educação superior: externa e interna. No

capítulo posterior, serão analisadas avaliações aplicadas às IES quanto a sua internacionalização.

## 5.5 INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO DA INTERNACIONALIZAÇÃO NAS IES

A avaliação de caráter externo enfatiza a regulação, o controle e a hierarquização, em busca de eficiência e de produtividade e o estabelecimento de *rankings* para efeitos comparativos entre as instituições. Enquanto a avaliação interna adota a perspectiva da valorização dos problemas que acontecem no interior das instituições e enfatiza o processo de autoavaliação e *benchmarking*, com base nos princípios de participação e de gestão democrática das instituições.

### 5.5.1 Autoavaliação

Conforme Gaalen (2009), a autoavaliação é uma das ferramentas mais óbvias e frequentemente utilizadas para mapeamento e avaliação das atividades dentro de uma organização, sendo medida através de indicadores objetivos que foram determinados pela organização. A autoavaliação é um exercício interno e serve para fins internos. Pacheco et al. (2009) mencionam em seus estudos que há dois requisitos básicos para iniciar a autoavaliação, sendo eles a informação disponível para a discussão e a diretriz de avaliação. Segundo estes mesmos autores há quatro elementos essenciais para definir e analisar o estágio de autoavaliação, sendo eles:

a) Mecanismos de informação: é preciso definir o critério de coleta de dados, as informações devem ser adequadamente processadas e preparadas e deve haver mecanismos que garantam seu critério de confiabilidade e objetividade;

b) Diretriz de avaliação: a diretriz é um instrumento para orientar a discussão, evitando distrações durante a análise. A diretriz deve explicar claramente o tipo de avaliação que é exigido dos participantes (critério julgamento) e devem ensiná-los a avaliar com instruções claras e simples sobre os objetivos e as atividades que a comissão deverá realizar (critério de conteúdo), de tal de forma que o trabalho começa rapidamente e não é interrompido com perguntas sobre o procedimento;

c) Comitê: todas as partes interessadas devem estar representadas no comitê (critério de representatividade);

d) Processo: é necessária a participação ativa e colaboração dos membros da comissão, sendo que a avaliação aumenta a credibilidade e relevância quando as partes interessadas estão envolvidas na transferência de suas opiniões e comentários críticos para as comissões.

Caso o objetivo da instituição é saber onde está vis-à-vis seus concorrentes, Gaalen (2009) observa que ela pode usar o *benchmarking* como uma ferramenta ou pode, ainda, realizar esta comparação a partir de uma tabela de classificação ou ranking.

### 5.5.2 Benchmarking

Conforme De Wit (2009), o *benchmarking* é uma ferramenta de auto aperfeiçoamento. Gaalen (2009) e Beerkens et al. (2010) descrevem o *benchmarking* é um exercício contínuo, no qual os processos internos de uma instituição são medidos e comparados aos de outras instituições.

Beerkens et al. (2010) observam que o *benchmarking* também é utilizado por muitas instituições, nas quais é propiciada a comparação frente a outras IES, e conforme De Wit (2009), ainda propicia a identificação dos seus pontos fortes e fracos comparativos. De Wit (2009) relata que o *benchmarking* é também uma forma de encontrar e adotar boas práticas que vão além da mera comparação dos dados, uma vez que incide sobre processos pelos quais os resultados são alcançados, auxiliando as instituições no seu processo de reflexão e definição dos seus objetivos, metas, políticas e estratégias institucionais.

Gaalen (2009) observa que os modelos de avaliação comparativa para a internacionalização têm sido desenvolvidos por alguns programas de incentivo à internacionalização no ensino, como por exemplo, pela Rede de Escolas de Negócios Internacional (ENE) e do Programa Europeu de Benchmarking (ESMU). Esta mesma autora ressalta que, em um futuro próximo, o *benchmarking* será usado para identificar se uma IES possui potencial para tornar-se ou não membro de determinada rede.

Assim, enquanto indicadores de autoavaliação e de *benchmarking* avaliam

uma única instituição, os *rankings* podem avaliar um grupo de instituições de um mesmo país ou de diferentes continentes (BEERKENS et al, 2010).

### 5.5.3 Rankings

Os rankings de universidades são um fenômeno relativamente novo (COELEN, 2009), sendo que esta prática teve início nos Estados Unidos no ano de 1983, seguido pelo Reino Unido, em 1990. Segundo De Wit (2009), é nesta época que o ranking internacional do ensino superior começa a ser um exemplo amplamente debatido, sendo que a proliferação e aderência aos rankings deu-se a partir da publicação do *Academic Ranking of World Universities* (ARWU), conforme descrito por Santos (2015).

As tabelas classificativas ou *rankings* universitários passaram a ser usados para comparar o desempenho de várias instituições, tendo como principal objetivo fornecer ao público informações sobre a qualidade relativa das instituições (GAALLEN, 2009). Conforme Coelen (2009), os esquemas de classificação global partem de uma medição a partir de determinados parâmetros, aos quais são atribuídos um peso particular e então combinados para produzir uma única medida (*score*), sendo que esta pontuação determina a posição de uma universidade em uma lista. Contudo, é importante observar que os mesmos não medem diretamente a internacionalização da IES, e sim a qualidade do ensino reconhecida internacionalmente.

Santos (2015) conclui que, os *rankings* passaram a aperfeiçoar as ações das instituições, bem como a forma que colaboram e interagem entre si, destacando, inclusive, os pontos fortes e fracos das mesmas. A mesma autora descreve que os *rankings* podem trazer as seguintes vantagens: permitem às instituições construir, manter ou melhorar sua reputação; estudantes de bom desempenho utilizam *rankings* para selecionar instituições, especialmente, no nível de pós-graduação; as decisões sobre financiamentos, patrocínios e recrutamento de profissionais são influenciadas pelos *rankings*; uma boa colocação nos rankings proporciona benefícios e vantagens às universidades.

Há uma diversidade de *rankings* que classificam a qualidade das IES, sendo que cada um possui uma abordagem específica bem como define seus indicadores

balizadores. Santos (2015) destaca os seguintes *rankings*: *Academic Ranking of World Universities* (ARWU); *The Times World University Ranking* (THE); *Quacquarelli Symonds World University Rankings* (QS); *Ranking Web of Universities* (WEBOMETRICS); *Scimago Institutions Rankings* (SIR); *CWTS Ranking Leiden* (LEIDEN); *National Taiwan University Ranking* (NTU); *Ranking* multidimensional (U-Multirank) e o *Ranking* Universitário da Folha (RUF), sendo este último um *ranking* Brasileiro. Para melhor entendimento da proposta de cada um dos rankings, seguem definições dos mesmos.

a) **ARWU**: o primeiro ranking internacional de universidades surgiu na Universidade de Jiao Tong, Shanghai, a partir da necessidade de comparar a produção científica de sua instituição com as melhores universidades do mundo. A sua periodicidade é anual, com a classificação de 500 IES a partir de 6 indicadores, apresentados no Quadro 7.

Quadro 7 - Lista de indicadores utilizados pelo ARWU

Ranking	Indicadores utilizados
ARWU	<p><b>Alumni</b> - número de Prêmio Nobel e Medalha Medal vencidos pelos ex-alunos</p> <p><b>Award</b> - número de Prêmio Nobel e Medalha Medal vencidos por membros do corpo docente</p> <p><b>Hici</b> - número total de pesquisadores altamente citados</p> <p><b>PUB</b> - quantidade de trabalhos incluídos no SCIE e no SSCI durante o biênio anterior</p> <p><b>TOP</b> - proporção de trabalhos científicos publicados em 20% dos periódicos com melhor fator de impacto durante o biênio anterior</p> <p><b>FUND</b> - é a despesa de fundo de pesquisa na área de engenharia de computação de uma universidade.</p>

Fonte: Elaborado pela autora, baseado no site <<http://www.shanghairanking.com/pt/ARWU-FIELD-Methodology-2014.html#4>>. Acesso em: out. 2015.

b) **THE**: tem considerável prestígio, estando vinculado ao periódico britânico The Times. Este ranking passou por reformulações em 2009, sendo que sua principal diferença com o ARWU está na forma de ranqueamento, que no THE ocorre a partir de 2 avaliações, sendo uma quantitativa e uma qualitativa.

Este ranking conta com a participação de mais de 15 mil acadêmicos. Sendo que a partir do THE são classificadas as 200 melhores universidades do mundo, a partir de 13 indicadores, distribuídos em 5 áreas, conforme pode-se constatar no Quadro 8.

Quadro 8 – Lista de indicadores utilizados pelo THE

Ranking	Indicadores utilizados
THE	<p><b>Ensino (o ambiente de aprendizagem): 30%</b>  <u>Reputação acadêmica (15%)</u>  <u>Doutores titulados (2,25%)</u>: N° de doutorados titulados em relação ao tamanho do corpo docente da Instituição;  <u>Alunos/staff acadêmico (4,5%)</u>: proporção do número de alunos x docentes;  <u>Orçamento (2,25%)</u>: Relação entre orçamento e o n° de docentes;  <u>Doutorados/Bacharelado (6%)</u>: % doutorado frente os cursos de bacharelado oferecidos;</p> <p><b>Pesquisa (volume, renda e reputação): 30%</b>  <u>Reputação em pesquisa (18%)</u>: Resultado obtido por meio da pesquisa de opinião entre acadêmicos;  <u>Investimento em pesquisa (6%)</u>: Relação entre orçamento destinado à pesquisa e o n° de docentes;  <u>Publicações (6%)</u>: % de documentos publicados x docentes;</p> <p><b>Citações (30%)</b>: periódicos acadêmicos indexados pela base de dados Scopus da Elsevier nos últimos 5 anos;</p> <p><b>Outlook Internacional (pessoal, estudantes, investigação): 7,5%</b>  <u>Estudantes Estrangeiros e nacionais (2,5%)</u>: % de estudantes estrangeiros;  <u>Docentes estrangeiros e nacionais (2,5%)</u>: % docentes estrangeiros;  <u>Colaboração internacional (2,5%)</u>: N° artigos publicados com coparticipação de autor estrangeiro.</p> <p><b>Recursos Institucionais</b>: % de recursos destinados à pesquisa proveniente da indústria.</p>

Fonte: Elaborado pela autora, baseado no site <<http://www.timeshighereducation.com/news/ranking-methodology-2016>>. Acesso em: out. 2015.

c) **QS**: este *ranking*, que inicialmente estava vinculado ao THE, passou a publicar seus resultados separadamente deste 2010, e classifica 700 universidades anualmente. Este ranking utiliza um instrumento composto por 6 indicadores, conforme apresentado no Quadro 9.

Quadro 9– Lista de indicadores utilizados pelo QS

Ranking	Indicadores utilizados
QS	<p><b>Reputação acadêmica</b>: pontos obtidos pela instituição na pesquisa global Peer review;</p> <p><b>Reputação entre empregadores</b>: pontos obtidos na pesquisa segundo avaliação dos empregadores;</p> <p><b>Estudantes por Professor</b>: proporção do número de estudantes por professores;</p> <p><b>Citações por Docente</b>: conforme base Scopus, considerando últimos 5 anos;</p> <p><b>Professores Estrangeiros</b>: % pesquisadores estrangeiros sobre o total de docentes;</p> <p><b>Estudantes Estrangeiros</b>: % de estudantes estrangeiros sobre o total de alunos matriculados.</p>

Fonte: Elaborado pela autora, baseado no site <<http://www.topuniversities.com/qs-world-university-rankings>>. Acesso em: out. 2015.

d) **WEBOMETRICS**: iniciado em 1994, sofreu reestruturação em 2004

a partir de modelo proposto pelo ARWU, sendo, atualmente, o maior ranking de classificação acadêmica das Instituições de Ensino Superior na *web*. Sua periodicidade é semestral envolvendo IES do mundo todo. E para medição, utiliza um indicador composto, que combina com um sistema de ponderação de uma série de indicadores (Quadro 10).

Quadro 10 - Lista de indicadores utilizados pelo Webometrics

Ranking	Indicadores utilizados
Webometrics	<p><b>Visibilidade (50%)</b> - A visibilidade do vínculo dados são coletados a partir dos dois fornecedores mais importantes destas informações: Majestic SEO e ahrefs.</p> <p><b>Atividade (50%)</b> – composto por Presença (1/3) + Abertura (1/3) + Excelência (1/3).  <u>Presença:</u> O número total de páginas hospedadas no webdomain principal (incluindo todos os subdomínios e diretórios) da universidade como indexados pelo maior motor de busca comercial (Google).  <u>Abertura:</u> O esforço global para criar repositórios institucionais de investigação é explicitamente reconhecido neste indicador que leva em conta o número de arquivos ricos (pdf, doc, docx, ppt) publicados em sites dedicados de acordo com o mecanismo de pesquisa acadêmico Google Scholar.  <u>Excelência:</u> Os trabalhos acadêmicos publicados em revistas internacionais de alto impacto que fazem parte dos <b>10% trabalhos mais citados</b> em seus respectivos campos científicos.</p>

Fonte: Elaborado pela autora, baseado no site <<http://www.webometrics.info/en/Methodology>>. Acesso em: out. 2015.

e) **SIR:** participam deste *ranking* as instituições que obtiveram mais de 100 trabalhos publicados incluídos na base de dados SCOPUS durante o último ano do período de tempo. Seu objetivo é fornecer estatísticas globais da publicação científica e outras instituições de saída, ao mesmo tempo, permite a comparação entre instituições de diferentes tamanhos, tendo como objetivo principal facilitar o *benchmarking* entre as IES. O ranking é divulgado anualmente contendo indicadores que são divididos em três grupos (Quadro 11) que buscam refletir aspectos científicos, econômicos e sociais das instituições.

Quadro 11 - Lista de indicadores utilizados pelo SIR

Ranking	Indicadores utilizados
SIR	<p><b>Pesquisa:</b></p> <p><u>Saída:</u> Número total de documentos publicados em periódicos indexados na Scopus acadêmicos.</p> <p><u>Colaboração Internacional:</u> Relação de saída da Instituição produzido em colaboração com instituições estrangeiras.</p> <p><u>Impacto Normalizado:</u> calculado a partir da metodologia estabelecida pelo Karolinska Intitutet na Suécia. Os valores (em números decimais) mostram a relação entre a média impacto científico de uma instituição e da média mundial definida como uma pontuação de 1.</p> <p><u>Publicações de Alta Qualidade:</u> % de publicações que uma instituição pública nos jornais acadêmicos mais influentes do mundo, aqueles classificados no primeiro quartil (25%).</p> <p><u>Índice de especialização:</u> calculado de acordo com o Índice de Gini usado em Economia, sendo que indica o grau de concentração temática/dispersão da produção científica de uma instituição. Os valores variam entre 0 e 1, indicando instituições especializadas vs. generalistas.</p> <p><u>Excelência Classificação:</u> taxa de Excelência indica a quantidade (em%) da produção científica de uma instituição que está incluído no conjunto dos 10% dos trabalhos mais citados em seus respectivos campos científicos.</p> <p><u>Liderança Científica:</u> indica a quantidade de papéis em que o autor correspondente pertence à instituição.</p> <p><u>Excelência com Liderança:</u> indica a quantidade de documentos na taxa de excelência em que a instituição é o principal contribuinte.</p> <p><u>Associação de talento científico:</u> Número total de autores de uma instituição em que a produção total da publicação desta instituição durante um determinado período de tempo.</p> <p><b>Inovação</b></p> <p><u>Conhecimento inovador:</u> saída de publicação científica de uma instituição citada em patentes. Com base PATSTAT (<a href="http://www.epo.org">http://www.epo.org</a>).</p> <p><u>Impacto Tecnológico:</u> Percentagem da produção publicação científica citado em patentes.</p> <p><b>Rede</b></p> <p><u>Tamanho Web:</u> Número de páginas associadas à instituição URL de acordo com a Google (<a href="https://www.google.com">https://www.google.com</a>).</p> <p><u>Do domínio de entrada links:</u> Número de ligações recebidas para um domínio instituição de acordo com ahrefs (<a href="https://ahrefs.com">https://ahrefs.com</a>).</p>

Fonte: Elaborado pela autora, com base no site <http://www.scimagoir.com/methodology.php>. Acesso em: out. 2015.

f) **LEIDEN:** este *ranking* tem como objetivo fornecer uma medida exata do impacto científico das universidades e seu envolvimento nas colaborações científicas, utilizando um conjunto de indicadores bibliométricos refinados. A primeira edição ocorreu em 2007 pela Universidade de Leiden, na Holanda, sendo que classifica anualmente a *performance* de 500 universidades em todo o mundo, a partir de 8 indicadores, conforme apresentado no Quadro 12.

Ranking	Indicadores utilizados
<b>LEIDEN</b>	<p><b>Impacto de citação</b>  <u>MCS</u> - pontuação de citações. O número médio de citações das publicações de uma universidade.  <u>MNCS</u> - significa pontuação das citações normalizadas. O número médio de citações das publicações de uma universidade, normalizado para as diferenças de campo e ano de publicação. Por exemplo, um valor MNCS de 2 significa que as publicações de uma universidade foram citadas duas vezes acima da média mundial.  <u>PP (10%)</u> - proporção de 10% superiores publicações. A proporção de publicações de uma universidade que pertencem ao top 10% mais citada, em comparação com outras publicações no mesmo campo e, no mesmo ano.</p> <p><b>Colaboração científica</b>  <u>PP (collab)</u> - proporção de publicações interinstitucional colaborativos. A proporção de publicações de uma universidade que foram coautoria com um ou mais outras organizações.  <u>PP (int collab)</u> - proporção de publicações internacionalmente colaborativas. A proporção de publicações de uma universidade que foram coautoria de dois ou mais países.  <u>PP (collab UI)</u> - proporção de publicações em colaboração com a indústria. A proporção de publicações de uma universidade que foram coautoria com um ou mais parceiros industriais.  <u>PP (&lt;100 km)</u> - proporção de publicações colaborativas de curta distância. A proporção de publicações de uma universidade com uma distância geográfica colaboração de menos de 100 km.  <u>PP (&gt; 1000 km)</u> - proporção de publicações colaboração de longa distância. A proporção de publicações de uma universidade com uma distância geográfica colaboração de mais de 1000 km</p>

Fonte: Disponível em:<<http://www.about.leiden.edu/international-face/internationalprofile/international-rankings.html>>. Acesso em: out. 2015.

**g) NTU:** este *ranking* utiliza o método bibliométrico para analisar e classificar o desempenho das 500 melhores universidades do mundo. A classificação é realizada a partir de 8 indicadores que são elencados a partir de 3 áreas: Produtividade na pesquisa; Impacto da pesquisa e Pesquisa de excelência, conforme apresentado no Quadro 13.

Quadro 13 - Lista de indicadores utilizados pelo NTU

(continua)

Ranking	Indicadores utilizados
<b>NTU</b>	<p><b>Produtividade na Pesquisa</b>                      Nº de artigos nos últimos 11 anos (10%)                      Nº de artigos no último ano (15%)  <b>Impacto da Pesquisa</b>                      Nº de citação nos últimos 11 anos (15%)                      Nº de citação nos últimos 5 anos (10%)</p> <p><b>Pesquisa de Excelência</b></p>

Quadro 13 - Lista de indicadores utilizados pelo NTU

(conclusão)

	h-index dos últimos 2 anos (10%)
	Total de artigos altamente citados (15%)
	Nº de artigos no ano corrente em revistas de alto impacto

Fonte: Elaborado pela autora, baseado no site <<http://nturanking.lis.ntu.edu.tw/BackgroundMethodology/Methodology-enus.aspx>>. Acesso em: out. 2015.

**h) U- Multirank:** proposto pela União Europeia no ano de 2012, é o primeiro ranking global que oferece uma visão completa sobre a diversidade do desempenho universitário, sendo que compara o desempenho das universidades em toda uma gama de diferentes atividades classificando-as de "A" (muito bom) a "E" (fraco), porém, não produz uma tabela de classificação, pois seu objetivo é permitir aos usuários identificação dos pontos fortes e fracos de uma universidade, ou os aspectos que mais lhes interessam. Os dados incluídos na U-Multirank são extraídos de uma série de fontes que compreendem desde dados fornecidos pelas instituições, de bancos de dados bibliométricos, patentes internacionais, além de uma pesquisa com mais de 85 mil estudantes das universidades participantes.

Quadro 14 - Lista de indicadores utilizados pelo U-Multirank

(continua)

Ranking	Indicadores utilizados
U-Multirank	<p><b>Ensino e a aprendizagem</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>% bacharéis formados sobre o total de alunos entrantes</li> <li>% de mestres graduados sobre os novos entrantes</li> <li>% de diplomados que se formou dentro do tempo esperado para seu programa de bacharel sobre o total de diplomados em licenciatura</li> <li>%de diplomados que se formou dentro do tempo esperado para seu programa de mestrado sobre o total de mestres formados</li> <li>% de docentes com doutorado</li> <li>Avaliação dos professores a partir de pesquisa junto aos alunos</li> <li>A inclusão de estágios ou fases de experiência prática no currículo</li> <li>% de estudantes que fazem um estágio</li> <li>% de alunos que concluíram a graduação no prazo esperado</li> <li>% de alunos que concluíram o mestrado no prazo esperado</li> </ul> <p><b>Pesquisa</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>%de concertos, exposições, produtos manufaturados, produções de mídia sobre o total de acadêmicos;</li> <li>Taxa média de citação - médio de vezes que as publicações de pesquisa da universidade se citado em outras pesquisas;</li> <li>Receita para a pesquisa oriunda bolsas de investigação de agências de fomento nacionais e internacionais, conselhos de investigação, fundações de pesquisa, instituições de caridade e outros não organizações lucrativos;</li> <li>Receitas de investigação e as receitas de transferência de conhecimento de fontes privadas</li> <li>% publicações sobre o total da produção</li> <li>% pós-doc sobre o total acadêmico</li> </ul>

Quadro 14 - Lista de indicadores utilizados pelo U-Multirank

(conclusão)

	<p>Nº de publicações científicas</p> <p>% de publicações científicas sobre o total de alunos matriculados</p> <p>Nº de publicações de uma universidade que, em comparação com outras publicações no mesmo campo e no mesmo ano, pertencem ao top 10% mais citados</p> <p><b>Transferência de conhecimento</b></p> <p>% de publicações sobre determinada empresa sobre o total de publicações</p> <p>% de receita referente ao desenvolvimento profissional sobre o total de receitas</p> <p>Nº de patentes atribuídas a (inventores que trabalham em) a instituição</p> <p>% patentes em parceria com a indústria sobre o total de patentes</p> <p>Nº de família de patentes</p> <p>Média de publicações citadas em patentes sobre o total de publicações</p> <p>Nº de <i>start-up</i> sobre o total de alunos</p> <p><b>Orientação internacional</b></p> <p>% de programas de bacharelado em língua estrangeira sobre o total programas de bacharelado</p> <p>% de programas de mestrado em língua estrangeira sobre o total de mestrados oferecidos</p> <p>% estudantes internacionais</p> <p>% de vagas de doutorado fornecido a alunos estrangeiros</p> <p>% da pesquisa que apresenta no mínimo um autor estrangeiro</p> <p>% de estudantes de intercâmbio enviado para fora</p> <p>% de alunos em programas de graduação sanduíche</p> <p>% alunos em intercâmbio receptivo</p> <p><b>Engajamento regional</b></p> <p>% de graduados bacharel que encontrou seu primeiro emprego (após graduação) na região onde a universidade está localizada</p> <p>% da renda que vem de fontes regionais</p> <p>% de mestres graduados que encontraram o seu primeiro emprego (após graduação) na região onde a universidade está localizada</p> <p>% de publicações de pesquisa da universidade que listar pelo menos um co autor com um endereço da filial na mesma região (dentro de um raio de 50 km)</p> <p>% de estágios que foram realizados com uma empresa ou organização situada na região</p>
--	---

Fonte: Elaborado pela autora, com base no site <<http://www.umultirank.org/#!/home?trackType=home>>. Acesso em: out. 2015.

i) **RUF**: realizado desde 2012, pelo DataFolha, o RUF é uma avaliação anual do ensino superior brasileiro que classifica 192 universidades brasileiras, públicas e privadas, a partir de cinco áreas: pesquisa, internacionalização, inovação, ensino e mercado.

Os dados são coletados em bases de patentes brasileiras, em bases de periódicos científicos, em bases do MEC e em pesquisas nacionais de opinião feitas pelo Datafolha. No Quadro 15 são sintetizados os indicadores que balizam o instrumento utilizado pelo RUF.

Quadro 15 - Lista de indicadores utilizados pelo RUF

Ranking	Indicadores utilizados
RUF	<p><b>Ensino (32 pontos)</b>            % professores com doutorado e mestrado            % docentes com dedicação integral e parcial            Nota Enade            Nota na pesquisa de opinião (realizada pelo DataFolha)</p> <p><b>Pesquisa (42 pontos)</b>            Nº de publicações científicas            Nº de citações em artigos            Nº de citações por publicações            Média de publicação por docente            Nº de publicações em revistas nacionais            Recurso captado para pesquisa            % de pesquisadores com alta produção acadêmica</p> <p><b>Internacionalização (4 pontos)</b>            Nº de citações em trabalhos da IES por grupos de pesquisas internacionais            % de publicações com coautoria internacional</p> <p><b>Inovação (4 pontos)</b>            Nº de patentes</p> <p><b>Mercado (18 pontos)</b>            Média do desempenho da Instituição (pesquisa realizada pelo DataFolha)</p>

Fonte: Elaborado pela autora, com base no site <<http://ruf.folha.uol.com.br/2015/o-ruf/>>. Acesso em: out. 2015.

Gaalen (2009) reforça que, quanto mais alto o *ranking*, mais fácil recrutar pessoal internacional talentoso e estudantes. Segundo Coelen (2009), os meios de comunicação da Internet e de impressão, asseguraram que o público em geral tem tido acesso aos rankings globais.

## 5.6 DIMENSÕES DA INTERNACIONALIZAÇÃO

O termo dimensionalidade refere-se a uma classe de atributos específica do construto ou conceito, ou seja, está relacionado com as características de um objeto (HAIR et al., 2009).

A partir dos estudos analisados, evidencia-se um grande volume de dimensões propostas para medir a internacionalização. No Quadro 16 são apresentadas algumas dimensões referenciadas na literatura, os quais tratam questões específicas e que compreendem aspectos regionais, nacionais ou globais.

Quadro 16 – Dimensões para medir a internacionalização do ensino  
(por pesquisadores)

Massoud e Ayoubi (2007)	Paige (2005)	Krause, Coates e James (2005)	Gao (2015)
Atividades de internacionalização	Liderança Universitária para internacionalização	A dimensão estratégica	Gestão e suporte organizacional
Intenção estratégica	Plano Estratégico de Internacionalização	A dimensão pedagógica e curricular	Aluno
	Institucionalização da educação internacional	A dimensão estudante	Docente
	Infraestrutura (unidades profissionais e funcionários)	A dimensão do corpo docente	Currículo
	Currículo internacionalizado	A dimensão pesquisa	Pesquisa
	Estudantes e acadêmicos internacionais		Parceria Internacional
	Estudo no exterior		
	Envolvimento da faculdade em atividades internacionais		
	Vida no campus		
	Acompanhamento do processo		

Fonte: Elaborado pela autora, 2015.

Beerkens et al. (2010) em seus estudos analisaram diversos instrumentos, propostos em diferentes países, por órgãos e organizações que promovem ações em prol da internacionalização do ensino. Estes instrumentos apresentam particularidades, porém apresentam objetivos semelhantes, que permeiam a medição do nível de internacionalização das instituições de ensino.

Ao analisar as dimensões propostas nos instrumentos do OCDE (1999), CHE (2007), NUFFIC (2009), DAAD (2009), ACE (2006) e NAFSA (2003), é possível identificar que algumas dimensões são abordadas em diferentes instrumentos, porém outras são muito específicas e apenas utilizadas em um único caso. Não sendo identificada uma estrutura padrão, conforme constata-se no Quadro 17.

Quadro 17 – Dimensões para Medição da Internacionalização  
(por organizações)

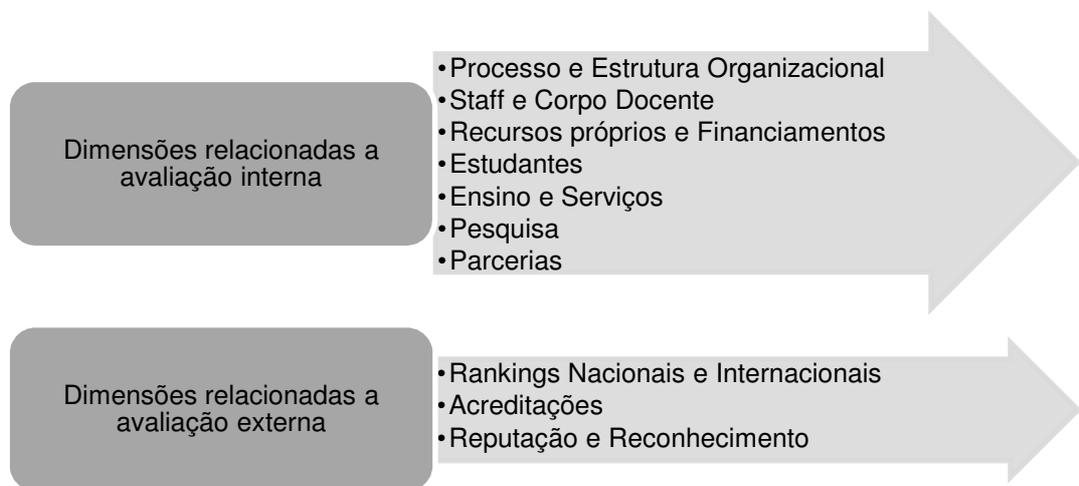
OCDE IQRP (1999)	CHE (2007)	Nuffic MINT (2009)	DAAD (2009)	ACE (2006)	NAFSA ABPI (2003)
Políticas e estratégias	Aspectos gerais (entrada)	Metas	Estudantes estrangeiros	Apoio institucional	Internacionaliz. do Campus
Estruturas organizacionais e de apoio	Pesquisa acadêmica (entrada)	Atividades	Mobilidade de professores e alunos no âmbito ERASMUS	Requisitos acadêmicos, programas e atividade extracurricular	Apoio administrativo
Programas acadêmicos e estudantes	Pesquisa acadêmica (saída)	Apoio	Mobilidade de estudantes alemães fora do ERASMUS	Políticas e oportunidades	Resultados
Pesquisa e colaboração acadêmica	Ensino e estudos (entrada)	Garantia de qualidade	Participação das instituições em programas DAAD	Estudantes internacionais	Currículo
Gestão de Recursos Humanos	Ensino e estudos (saída)	Figuras chave	Programas internacionais		Pesquisa
Contratos e serviços		Sub Categorias de atividades:	Colaboração internacional		Dimensão da internacionaliz.
		Educação em Inglês ou outra língua estrangeira	Acadêmicos com nacionalidade estrangeira		Apoio institucional para atividades no exterior (docentes, alunos e técnicos administrativos)
		Mobilidade de crédito	Financiamento da pesquisa a partir do estrangeiro		
		Recrutamento de estudantes estrangeiros	Remuneração		
		Internacionalização do currículo	Medidas para a promoção da internacional.		
		Internacionaliz. da equipe			
		Partilha internacional de conhecimentos			
		Atividades internacionais de pesquisa			

Fonte: Elaborado pela autora.

Além destas, recentemente Barbosa e Masiero (2015) propuseram um framework sintetizando um conjunto de dimensões e elementos para a construção de indicadores que visam avaliar o processo de internacionalização das instituições de ensino superior, conforme apresentado na Figura 3. Com vistas a medição da

internacionalização sob aspectos internos das instituições, os autores propõem 7 dimensões: Processo e Estrutura Organizacional; Staff e Corpo Docente; Recursos Próprios e Financiamentos; Estudantes; Ensino e Serviços; Pesquisa; e Parcerias. E sob o ponto de vista externo, três dimensões: Rankings Nacionais e Internacionais; Acreditações; e Reputação e Reconhecimento.

Figura 3 - Dimensões para a construção de indicadores  
(*framework*)



Fonte: Adaptado de Barbosa e Masiero (2015)

Assim, evidenciam-se inúmeras dimensões que podem ser utilizadas para medir a internacionalização do ensino, sendo que a partir delas, faz-se necessário a seleção de indicadores para mensurar este processo, os quais são apresentados no próximo capítulo.

## 5.7 INDICADORES PARA MEDIR A INTERNACIONALIZAÇÃO DAS IES

Bartell (2003) sinaliza que há uma variedade de indicadores que podem ser utilizados na tentativa de operacionalizar e medir o grau ou nível de internacionalização das instituições de ensino superior. Brandenburg e Federkil (2007) dividem os indicadores em dois grupos: de entrada e de resultado. Hudzik e Stohl (2009) incorporam, ainda, uma dimensão intermediária, considerando os indicadores de saída. No Quadro 18 são apresentados indicadores que podem ser utilizados em cada um dos grupos mencionados.

## Quadro 18 – Exemplos de Indicadores

(continua)

Função institucional central	Exemplo de indicadores de entrada	Exemplo de indicadores de saída	Exemplo de indicadores de resultado
<b>Descoberta</b>	<p>Apoio interno e externo para os projetos do corpo docente e da atividade no exterior;</p> <p>Crescimento do investimento em contratos e subvenções concedidas a instituição para apoio à atividade internacional;</p> <p>Diversificação das fontes de contratos internacionais e apoio financeiro;</p> <p>Apoio concedido aos membros do corpo docente;</p> <p>Incidência de publicações de professores e funcionários em revistas internacionais, convites como oradores em conferências internacionais, painéis de revisão etc.;</p> <p>Nº de professores envolvidos no ensino internacional ou na pesquisa ou projetos no exterior.</p>	<p>Publicações, patentes, incidência de citação, subvenções e contratos de externo fontes de atividade internacional.</p>	<p>Incidência das publicações analisadas por professores e funcionários em revistas internacionais, convites para falar em conferências internacionais, painéis de revisão, e assim por diante;</p> <p>Posição da instituição nos <i>rankings</i> globais de instituições de ensino superior;</p> <p>Prêmios, reconhecimento, <i>rankings</i> de atividade internacional institucional;</p> <p><i>Joint ventures</i> estratégicos no exterior que atendem ou superam as contribuições para os objetivos da missão institucional;</p> <p>Alianças estratégicas globais;</p> <p>Crescimento da renda da instituição de aplicações comerciais;</p> <p>Contribuição para a comunidade ou o desenvolvimento econômico e / ou cultural</p>

## Quadro 18 – Exemplos de Indicadores

		(continuação)	
<b>Aprendizagem</b>	A variedade e disponibilidade de cursos, currículos e oportunidades de aprendizagem ativa com conteúdo comparativa internacional ou global;	Nº e diversidade de alunos que estudam no exterior;	Impactos sobre a aprendizagem do aluno;
	A variedade e disponibilidade de cursos de línguas e da aprendizagem de línguas experiências;	Matrículas em cursos com conteúdo global, comparativa ou internacional;	Aquisição de conhecimentos;
	O número e a diversidade do corpo docente empenhado em ensinar com organizações internacionais, conteúdo comparativo ou global;	A integração curricular de conteúdo internacional;	Atitudes;
	O número de estudantes internacionais licenciados e não licenciados no campus e sua diversidade de país de origem e principais preferências;	Nº de professores que entregaram este conteúdo.	Crenças;
	O número e a diversidade de opções de estudo no estrangeiro;		Habilidades para a vida, carreiras etc.
	Posse e promoção diretrizes que dão reconhecimento ao valor do ensino internacional;		
	Conteúdo global disponível no campus ou obtido através de estudos no exterior.		

Quadro 18 – Exemplos de Indicadores

			(conclusão)
<b>Parcerias</b>	Fundos, pessoas e outros recursos aplicados a comunidade ou internacional desenvolvimento de resolução de problemas e engajamento;	Número de projetos, locais e pessoas envolvidas no estrangeiro.  No mercado interno que incorpora métodos e aprender com outras sociedades e culturas de resolução de problemas.	Os impactos sobre o bem-estar e a condição econômica das pessoas, saúde, renda, nutrição, segurança, acesso etc.
	Incentivos e benefícios por atividades em parceria internacional.		

Fonte: Adaptado pela autora, com base em Hudzki e Stohl (2009).

Nos estudos realizados por Veiga (2012) os indicadores propostos são classificados a partir de 3 grupos (dimensões): ensino/aprendizagem, investigação e cooperação, conforme apresentado no Quadro 19.

Quadro 19 – Indicadores de internacionalização

(continua)

Dimensão	Indicadores
<b>Ensino / Aprendizagem</b>	Nº de docentes <i>outgoing</i> / nº total de docentes
	Nº de docentes <i>incoming</i> / nº total de docentes
	Nº de estudantes <i>outgoing</i> / nº total de estudantes
	Nº de estudantes <i>incoming</i> / nº total de estudantes
	Nº de funcionários não docentes <i>outgoing</i> / nº total de funcionários não docentes
	Nº de funcionários não docentes <i>incoming</i> / nº total de funcionários não docentes
	Montante de fundos atribuídos para mobilidade no ano em análise/orçamento total da IES no mesmo ano
	Nº de funcionários afetos ao gabinete de mobilidade / nº total de funcionários não docentes
	% de cursos de licenciatura que contempla pelo menos uma UC de inglês
	Nº de disciplinas lecionadas em Inglês / nº de cursos (1º e 2º ciclo)
	Nº de docentes estrangeiros / nº total de docentes
	Nº de estudantes estrangeiros / nº total de estudantes
	O sítio da internet da IES está disponível em inglês (sim/não)

### Quadro 19 – Indicadores de internacionalização

(conclusão)

	A IES tem funcionamento o EILC - <i>Erasmus Intense Language Course</i> (sim/não)
	Nº de cursos internacionais à distância
<b>Cooperação</b>	Nº de parceiros para mobilidade (Erasmus)
	Nº de cursos de graduação em conjunto com IES internacionais
	Nº de protocolos de cooperação com IES internacionais
	Participação na EUA - <i>European University Association</i> (sim/não)
	Participação na LERU - <i>League of European Research University</i> (sim/não)
<b>Investigação</b>	Nº de doutorados por IES internacionais / nº de doutorados
	Nº de publicações em revistas científicas internacionais com afiliação nas IES ou UI
	Nº de pesquisadores com bolsa em unidades de pesquisa das IES
	Nº de patentes registradas internacionalmente
	Nº de reuniões científicas internacionais organizadas
	Nº de projetos de pesquisa científica realizadas em consórcio com IES estrangeiras ou UI
	Nº de projetos de pesquisa financiados internacionalmente / nº de projetos

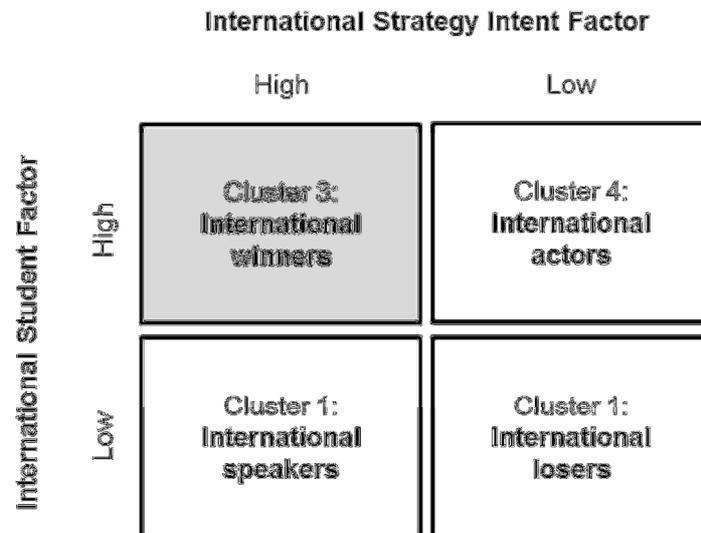
Fonte: Adaptado de Veiga (2012)

### 5.8 ESCALA DE CLASSIFICAÇÃO DO ESTÁGIO DE INTERNACIONALIZAÇÃO

Além das dimensões e indicadores, alguns estudos também propõem a classificação das IES a partir de escalas. Na ferramenta apresentada pela ACE (2001), as IES são classificadas em 5 grupos entre “Muito Ativas” a “Menos Ativas”, a partir de questões pontuadas de 0 a 1, com intervalos de 0,25. Em 2006, esta mesma ferramenta foi reformulada e passou a considerar a classificação entre: Zero, Baixo, Médio, Médio-alto e Alto grau de internacionalização.

Massoud e Ayoubi (2007) também propuseram a classificação a partir de uma escala com 4 intervalos, denominadas por eles como: vencedores, atores, alto-falantes e perdedores internacionais, conforme Figura 4.

Figura 4 – Estágio de Internacionalização das IES (Massoud e Ayoubi)



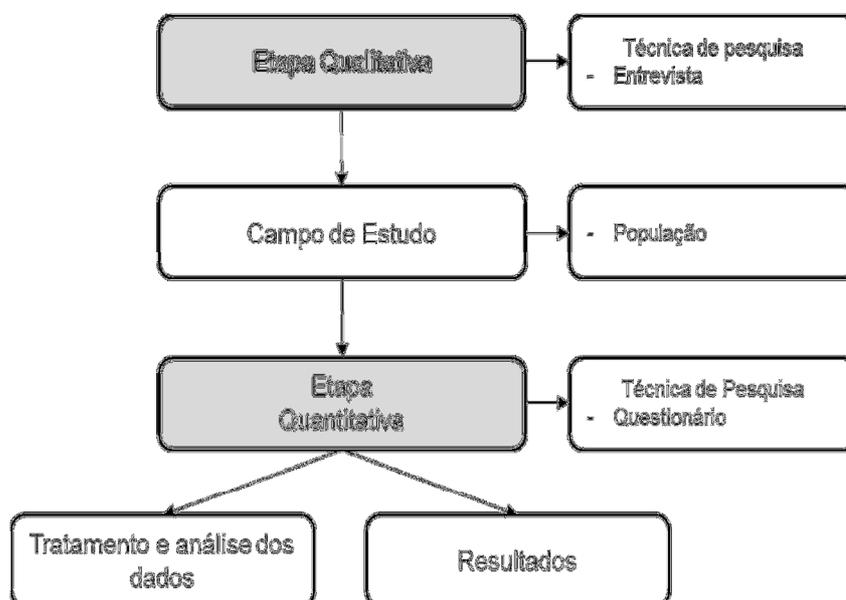
Fonte: Massoud e Ayoubi (2007).

Contudo, não foram identificados na literatura construtos validados para a aplicação em IES, apenas listas de indicadores e dimensões, e a sintetização das dimensões e componentes a partir de um quadro conceitual por Gao (2015).

## 6 MÉTODO DE PESQUISA

Neste capítulo, serão descritos os procedimentos metodológicos adotados na dissertação a partir dos quais buscou-se atingir os objetivos propostos neste estudo e responder ao problema de pesquisa. A destacar, a pesquisa foi realizada em duas etapas, a primeira, sendo qualitativa e a segunda, quantitativa, conforme demonstrado na Figura 5, destacando que este estudo tem caráter exploratório.

Figura 5 – Esquema das Etapas de Pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora, 2015.

### 6.1 ETAPA QUALITATIVA

A pesquisa qualitativa é um dos campos de investigação utilizados para verificação deste estudo. Conforme Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa situa o pesquisador sobre determinado assunto, além de garantir maior objetividade, uma vez que a influência do pesquisador é minimizada neste tipo de pesquisa (FLICK, 2009). Malhotra (2012) define que a pesquisa qualitativa proporciona uma melhor visão, sendo baseada em pequenas amostras que proporcionam percepções e compreensão do contexto do problema e às vezes ela é necessária para a compreensão do problema e seus fatores subjacentes.

Na literatura, há diversos métodos para a coleta de dados qualitativos. Neste

estudo, na etapa qualitativa, utilizou-se a técnica de entrevista em profundidade.

### **6.1.1 Entrevista em profundidade**

Optou-se pela técnica de entrevista em profundidade na etapa qualitativa uma vez que a “entrevista serve para levantar informações que não encontramos em referências bibliográficas, mas pode-se obter conversando com pessoas” (MASCARENHAS, 2012; GIL, 2009).

Gil (2009) define que esta técnica propicia uma maior flexibilização quanto a sua condução. Malhotra (2012), Alves (2007) e Mascarenhas (2012) descrevem que a partir da realização de entrevistas em profundidade, é possível realizar análises mais densas sobre o objeto estudado. Hair et al. (2005) definem ainda que esta técnica propicia também a obtenção de *feedbacks*, o que poderá ser muito útil nesta etapa, a qual balizou a formulação do instrumento que será utilizado para a coleta de dados na etapa quantitativa.

Em relação ao número de entrevistados Guest et al. (2006) e Morse et al. (2002) destacam que não existem instrumentos matemáticos ou lógicos para a delimitação do ponto de saturação e, por consequência, o número de observações requeridos. Assim, estes autores sugerem que para chegar-se a saturação das informações, sejam entrevistados em torno de 6 pessoas.

## **6.2 CAMPO DE ESTUDO**

Segundo Gil (2009), geralmente os levantamentos abrangem um universo de elementos muito grande, sendo impossível considerá-lo em sua totalidade. Na etapa descritiva, será apresentada informações referente a população e público-alvo desta pesquisa.

### **6.2.1 População e público-alvo**

Malhotra (2012) define a população como a soma de todos os elementos que compartilham algum conjunto de características comuns. Ferreira (2011) define que, estatisticamente, a população representa a totalidade de indivíduos dentro de uma área de amostragem. Assim, os elementos da população, sobre os quais se deseja informações, são as Instituições de Ensino Superior Brasileiras, tanto do setor

público quanto do privado. Sendo que para este estudo optou-se pela amostra por conveniência, definida por Malhotra (2012) como uma técnica onde a seleção das unidades amostrais é realizada pelo próprio entrevistador.

A partir do relatório “Sinopses Estatísticas da Educação Superior – Graduação” (2013), identificou-se que no Brasil há 2.391 instituições de ensino superior, conforme apresentado na Tabela 1. Observa-se ainda que as instituições são classificadas/definidas a partir da sua estrutura acadêmica e administrativa:

- Estrutura acadêmica: Universidade, Centro Universitário, Faculdade, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia ou Centro Federal de Educação Tecnológica.
- Estrutura administrativa: públicas (vinculadas aos governos federal, estadual ou municipal) ou privadas.

Tabela 1 – Relação das IES no Brasil em 2013

Unidade da Federação / Categoria Administrativa	Instituições				
	Total Geral	Universidades	Centros Universitários	Faculdades	IF e CEFET
Brasil	2.391	195	140	2.016	40
Pública	301	111	10	140	40
Federal	106	62	.	4	40
Estadual	119	38	1	80	.
Municipal	76	11	9	56	.
Privada	2.090	84	130	1.876	.

Fonte: INEP, 2013. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/superior-censosuperior-sinopse>>. Acesso em: out. 2015.

Desta forma, identifica-se que no Brasil há 2.090 instituições privadas e 301 públicas, sendo que 84% são Faculdades, 8% Universidades, 6% Centros Universitários e 2% Institutos ou Centros Tecnológicos.

Para regulamentar e supervisionar a qualidade do ensino superior brasileiro, as IES são avaliadas pelo Ministério da Educação (MEC) e pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), e entre os indicadores que sinalizam a qualidade do ensino que é oferecido pelas instituições cita-se o Índice Geral de Cursos da instituição (IGC) e o Conceito Institucional (CI).

O IGC é uma métrica que indica a qualidade dos cursos de graduação e pós-graduação stricto sensu (mestrado e doutorado) das IES. Para composição deste indicador utiliza-se o Conceito Preliminar dos Cursos (CPC) que mensura a

qualidade dos cursos de graduação, e o conceito CAPES, que mede a qualidade dos Programas de Pós-graduação. Já o CI é composto a partir da avaliação *in loco* pelo MEC, sendo que ambos indicadores variam de 1 a 5.

Assim, definiu-se que neste estudo o público-alvo da análise será composto por IES com IGC e CI a partir de 3, sendo este o critério de julgamento utilizado. Para identificar tais IES, foi realizado um levantamento a partir do Censo do Ensino Superior, disponibilizado no site do e-MEC (14/04/2015), exportando a base de dados para o excel e realizando um filtro nos indicadores de IC e IGC. Porém, ao realizar o corte a partir dos indicadores estabelecidos, identificou-se que instituições reconhecidas por sua qualidade haviam ficado de fora da amostra, sendo que até 2014 elas não eram avaliadas *in loco*, ou seja, não tinham o indicador de CI.

Dessa forma, o filtro foi ajustado e foram incluídas 43 IES que haviam ficado de fora da população alvo, devido à ausência de CI. Realizados os ajustes, identificou-se 1.346 IES atendem o critério estabelecido, as quais estão distribuídas em todo território nacional, conforme apresentado na Figura 6.

Figura 6 – Público-alvo do estudo (Número de IES por Estado)



A partir do público-alvo definido, IES Brasileiras com IGC e CI a partir de 3, elaborou-se um banco de dados com as informações das instituições de ensino superior selecionadas. Na primeira etapa o banco de dados foi composto pelas variáveis identificadas no relatório do MEC: Estado, Nome da Instituição, Tipo de Organização (Universidade, Centro Universitário, Centro Federal de Educação Tecnológica, Instituto ou Faculdade), Categoria (Privada com ou sem fins lucrativos, Pública Municipal, Estadual ou Federal), CI e IGC.

Em seguida, com o objetivo de identificar uma forma de contato com as instituições, foram incluídas as seguintes variáveis ao banco de dados: site institucional, telefone, Membro da Associação Brasileira de Educação Internacional (FAUBAI), setor de relações internacionais (se possui ou não), página do setor de relações internacionais (se tiver), E-mail para contato (contato apto para receber questionário sobre a internacionalização).

A primeira etapa foi realizada a partir do site do FAUBAI, que disponibiliza a partir da aba “Instituições Associadas” as variáveis a serem preenchidas no banco de dados. Foram identificados os dados e contatos 170 instituições a partir desta busca.

A segunda etapa, para identificação dos dados das IES não associadas ao FAUBAI, ocorreu a partir da ferramenta de busca do Google, onde foi digitado o nome da IES, uma a uma. A partir da identificação do site da instituição foi realizada uma investigação para identificar os dados necessários.

A partir do site da instituição foram identificadas 87 IES que possuem setores de relações internacionais, além das associadas ao FAUBAI. Quando não localizado uma forma de contato ou até mesmo se a instituição possuía ou não um setor de relações internacionais ou atividades de internacionalização, foi encaminhado uma mensagem online para identificar a pessoa que poderia estar recebendo o questionário. Este contato foi realizado via canal de Ouvidoria, Fale Conosco, por e-mail institucional disponibilizado no site ou ainda via página do *Facebook*. Nesta etapa foram realizados 699 contatos, dos quais obteve-se retorno de 97 instituições, o que representa uma taxa de retorno de 13,87%. Destas IES que retornaram, 19 informaram que não possuem setor e não teriam interesse em participar da etapa posterior, e as demais (78) disponibilizaram um e-mail de contato para envio do questionário. Referente às 602 instituições que não retornaram o contato, buscou-se

identificar a partir do *Google* pelo menos um e-mail institucional, preferencialmente vinculado a reitoria, pró reitorias ou secretaria acadêmica para envio do questionário. Destas, identificou-se 511 e-mails, os quais foram utilizados para envio da ferramenta.

Na terceira etapa, quando esgotada as buscas pela internet (*Google*) e no site das instituições (ou pela inexistência de um site institucional), recorreu-se ao site do MEC que consta um e-mail para contato das IES. A partir da página foram identificados os e-mails de 282 instituições.

Devido à falta de identificação de uma forma de contato, foram excluídas da população 199 IES, nas quais não havia nenhuma informação ou contato disponibilizado nos canais pesquisados. No total, após todas as tentativas de identificação de um contato, obteve-se o e-mail de 1.147 IES, sendo que 257 e-mails estão diretamente vinculados aos setores de relações internacionais das instituições.

### 6.3 ETAPA QUANTITATIVA

A pesquisa quantitativa compreende tudo que pode ser quantificável, o que significa traduzir em números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las (FERREIRA, 2011).

#### 6.3.1 Questionário

Na literatura, encontram-se diferentes instrumentos para a coleta de dados, mas o questionário talvez seja o meio mais utilizado e rápido (RICHARDSON, 1999; GIL, 2009). Malhotra (2012) define que o questionário é um dos meios para obtenção de dados quantitativos em pesquisas descritivas. Este mesmo autor define os três principais objetivos do questionário, sendo: deve transformar as informações desejadas em um conjunto de perguntas específicas, precisa motivar e incentivar o entrevistado a deixar-se envolver pela entrevista, e por último deve minimizar o erro de respostas.

Ferreira (2011) define como principais vantagens do uso do questionário a economia de tempo, um maior atingimento de pessoas simultaneamente, a abrangência de uma área geográfica mais ampla, a obtenção de respostas mais rápidas e precisas e maior uniformidade na avaliação.

Assim, a partir do cruzamento dos dados obtidos nas entrevistas e de indicadores utilizados em estudos anteriores sobre a internacionalização (anexo I), foi formulado um questionário composto por 8 blocos: o primeiro pela caracterização da IES respondente, seis blocos representando cada uma das dimensões da internacionalização propostas por Gao (2015): Gestão e Suporte Organizacional, Alunos, Docente, Currículo, Pesquisa e Parcerias Internacionais, e o último pela caracterização do respondente.

No primeiro e último bloco foi composto por perguntas estruturadas e não estruturadas, Malhotra (2012) define como perguntas abertas (não estruturadas) as que são de livre resposta pelo entrevistado.

Nos blocos com foco nas dimensões da internacionalização, as perguntas foram estruturadas a partir de escala Likert de 5 pontos, que representa uma maneira mais sistemática e refinada de construir índices (BABBIE, 1999). Há diversas escalas disponíveis, porém neste estudo utilizou-se a escala de concordância: Discordo Totalmente, Discordo, Indiferente, Concordo e Concordo Totalmente.

Além destas, conforme identificado na etapa de entrevistas que algumas informações não são de conhecimento do setor de relações internacionais, inclui-se uma opção neutra denominada “Sem Condições de Opinar – SCO”, para que assim o respondente tenha condições de seguir à diante no instrumento de pesquisa, caso não tenha o dado que subsidie a resposta.

Após a conclusão do instrumento para medir o nível de internacionalização das IES Brasileiras, uma etapa precedente a sua aplicação é a validação, a qual deve ser realizada por uma pequena população escolhida (LAKATOS; MARCONI, 2010). Conforme Gil (2009), nos casos de validação de um questionário, os exemplares deverão ser entregues aos indivíduos em forma física, e concluído o preenchimento os mesmos deverão ser entrevistados a fim de identificar fragilidades no instrumento.

E quanto ao método para a coleta de dados, neste estudo será utilizado o meio online, através do envio pelo software SurveyMonkey, que garante o envio simultâneo ao público-alvo, e possibilita o acompanhamento online dos acessos e retornos efetivos do instrumento.

#### 6.4 Procedimentos estatísticos de análise dos dados

Hair et al. (2009) observam que antes de realizar as análises estatísticas faz-se necessário examinar os dados obtidos na etapa de coleta de dados. Bisquerra et al. (2004) denominam esta etapa como “depuração de dados”, na qual as inconsistências, assim como dados da baixa qualidade, são filtrados da amostra. Ou seja, a análise inicia-se com o tratamento das não-respostas, verificação da necessidade de codificação, correção de possíveis erros na base de dados, para então dar-se início a etapa de análise dos dados obtidos a partir do questionário.

Segundo Hair et al. (2009) casos de não-resposta ou omissos (missing values) podem ocorrer por diferentes motivos, tais erros na digitação, recusa ou incapacidade do entrevistado em responder a questão.

Na sequência, sugere-se a codificação de respostas para facilitar análises futuras. Hair et al. (2009) descreve que esta etapa consiste em atribuir um número para uma determinada resposta de modo que ela possa ingressar num banco de dados.

Realizados os tratamentos, a fase seguinte consiste na análise estatística dos dados. Sendo que neste estudo foi utilizada a análise univariada (descritiva) e multivariada dos dados. Para tal, foram utilizadas duas ferramentas de suporte estatístico: o Excel e o software *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) versão 22 e 24.

A análise univariada compreende a comparação de variável por variável de cada amostra. E conforme Bisquerra et al. (2004) os procedimentos descritivos e de frequência são os mais recomendados para uma primeira aproximação da descrição dos dados. A descrição geral das distribuições (distribuição de frequências) é útil para medir grande quantidade de dados, enquanto as medidas de tendência geral identificam valores representativos de uma distribuição, sendo representada a partir da média aritmética, mediana, e para identificar como os valores estão agrupados, utilizou-se a medida de variabilidade do desvio padrão.

Na análise univariada foi analisada a média e o desvio padrão das respostas por variável. Conforme Hair et al. (2009) a média pode ser usada quando os dados são medidos com uma escala intervalar ou de razão. Enquanto o desvio padrão descreve a dispersão da variabilidade dos valores de distribuição da amostra a partir da média e é talvez o índice mais valioso da dispersão.

Na análise multivariada foram realizadas técnicas de análise fatorial exploratória. Hair et al. (2009) argumentam que as técnicas multivariadas são populares porque permitem a criação do conhecimento, sendo que se referem a todas as técnicas estatísticas que simultaneamente analisam múltiplas medidas. Conforme Hair et al. (2009) para maior validade da análise multivariada a amostra deve ser superior a 50 observações.

Conforme Figueiredo Filho e Silva Junior (2010) a principal função das diferentes técnicas de análise fatorial é reduzir uma grande quantidade de variáveis observadas a um número reduzido de fatores. Os fatores representam as dimensões latentes (construtos) que resumem ou explicam o conjunto de variáveis observadas (Hair et al, 2009). Ao resumir dados, a análise fatorial obtém dimensões latentes que descrevem os dados em um número menor de conceitos do que as variáveis individuais originais (Hair et al, 2005).

Com o objetivo de reduzir uma grande quantidade de variáveis observadas em um número menor de fatores, realizou-se a análise dos componentes principais. Para Garson (2009) e Pallant (2007), a análise de componentes principais é em geral preferida para fins de redução de dados (traduzindo o espaço das variáveis num espaço ótimo de fatores). Hair et al. (2005) descrevem que esta abordagem pode ser utilizada para analisar inter-relações entre um grande número de variáveis explicando estes em termos de suas dimensões inerentes comuns, os fatores.

Quanto à rotação utilizada, optou-se pelo método ortogonal de varimax, que segundo Pallant (2007) e Tabachnick e Fidell (2007), é o mais comumente utilizado, sendo que procura minimizar o número de variáveis que apresentam altas cargas em cada fator. Desta forma, tem-se uma solução mais simples e de fácil interpretação (Abdi, 2003).

Quanto ao peso adequado das cargas fatoriais nas variáveis, Hair et al. (2005) conclui que quanto maior o valor absoluto da carga fatorial, mais importante a carga da interpretação da matriz fatorial. Além destes autores, Pestana e Gageiro (2008) definem também que cargas a partir de 0,50 são consideradas com significância na prática.

O passo seguinte foi verificar o percentual de variância explicada pelos construtos, e apesar de não existir um critério consensual para definir quantos fatores devem ser extraídos, a literatura aponta alguns métodos que podem auxiliar

o pesquisador na hora de tomar essa decisão, sendo que neste estudo a extração será justificada a partir da análise total de variância explicada pelos fatores. Hair et al. (2009) definem que aceitam-se combinações em que os fatores explicam no mínimo 60% da amostra.

Para verificar a adequabilidade da amostra foi aplicado o teste de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO), o qual pode variar entre 0 e 1, sendo que quanto mais perto de 1, melhor. Malhotra (2001) define que a medida obtida a partir deste teste pode ser analisada da seguinte forma: 0,8 a 1 é admirável; 0,7 ou acima é mediano; 0,60 ou acima é medíocre; 0,50 ou acima é ruim; e abaixo de 0,50 é inaceitável. Enquanto Hair et al (2005) sugerem que o KMO a partir de 0,50 apresenta um patamar aceitável. Hutcheson e Sofroniou (1999) definem que valores abaixo de 0,5 são inaceitáveis, idem Malhotra (2001), entre 0,50 e 0,70 são medíocres, entre 0,70 e 0,80 são bons, 0,80 são ótimos valores e acima de 0,90 excelentes. Pallant (2007) sugere 0,60 como um limite razoável.

Também foi utilizado o teste de esfericidade de Bartlett, o qual avalia a amostra a partir de uma matriz de identidade. Valores do teste de esfericidade de Bartlett com níveis de significância  $p < 0,05$  indicam que a matriz é fatorável (TABACHNICK e FIDELL, 2007), rejeitando a hipótese nula de que a matriz de dados é similar a uma matriz-identidade. Em geral, os resultados dos testes de KMO e de esfericidade de Bartlett tendem a ser uniformes, aceitando ou negando a possibilidade de fatoração da matriz de dados (DZIUBAN e SHIRKEY, 1974).

Após, foi adotado o procedimento estatístico para verificar a correlação entre os novos fatores. A partir do coeficiente de Pearson foi analisada a correlação. Conforme sugere a literatura, índices de 0 a 3 indicam uma correlação desprezível; de 0,3 a 0,5 uma correlação fraca, de 0,5 a 0,7 indicam uma correlação forte, e de 0,9 a 1 indicam uma correlação muito forte. Sendo que esta correlação pode ser positiva ou negativa. Figueiredo Filho e Silva Junior (2010) sugerem que dentro de um padrão, a maioria das correlações devem estar acima de 0,30.

Para investigar o grau de correlação entre um conjunto de variáveis, estimando a consistência interna do construto (PESTANA e GAGEIRO, 2008), foi utilizado o Alfa de Cronbach ( $\alpha$ ). O  $\alpha$  pode ser interpretado como coeficiente médio de todas as estimativas de consistência interna que se obteriam se todas as divisões possíveis da escala fossem feitas (CRONBACH, 1951).

Para Nunnally (1978 apud Maroco e Gacia-Marques; 2006), a confiabilidade é apropriada quando o  $\alpha$  é pelo menos 0,70. Contudo, Maroco e Garcia-Marques (2006) descrevem que em alguns cenários um  $\alpha$  de 0,60 é considerado aceitável desde que os resultados obtidos com esse instrumento sejam interpretados com precaução. Hair et al. (2005) também definem o limite inferior geralmente aceito para o alfa de Cronbach é de 0,60.

Verificada a adequacidade do instrumento, foi gerada um ANOVA para identificar as diferenças significativas a partir do tipo de credenciamento das IES: Universidades, Centros Universitários, Faculdades e Institutos.

Em seguida, a partir da validação dos construtos e de sua consistência, foi realizada a média ponderada das variáveis retidas neste estudo, oferecendo assim um quadro comparativo para que as IES possam autoavaliar-se, melhorando a qualidade das estatísticas educacionais em nível internacional, e estimulando a coleta regular de dados.

## 7 RESULTADOS

Neste capítulo serão apresentados os resultados deste estudo. Na primeira etapa serão apresentados os principais resultados obtidos a partir das entrevistas realizadas com 5 gestores que atuam frente ao setor de relações internacionais em diferentes IES. Na segunda etapa, que corresponde a análise quantitativa, serão apresentados os resultados obtidos a partir da aplicação de um questionário, sendo que para tal, foram utilizadas técnicas univariada e multivariadas.

### 7.1 ETAPA QUALITATIVA

Na primeira etapa deste estudo, caracterizado como qualitativa, foram realizadas entrevistas a partir de um roteiro semiestruturado, o qual foi configurado a partir de seis dimensões da internacionalização com foco no ensino, propostas por Gao (2015): Gestão e Suporte Organizacional, Aluno, Docente, Currículo, Pesquisa e Parcerias Internacionais. A partir destas dimensões, foram analisados indicadores utilizados em outros países para medir a internacionalização, ou a qualidade internacional do ensino (HUDZKI e STOHL, 2009; PAIGE, 2005; KRAUSE, COATES e JAMES, 2005). Alguns dos instrumentos analisados foram: OCDE (1999), ACE (2001 e 2006), CHE (2007) e NUFFIC (2007). A partir do cruzamento das dimensões propostas por GAO (2015) e dos estudos e instrumentos analisados, obteve-se um roteiro composto por 29 questões abertas (apêndice 1).

A validação do roteiro ocorreu em fevereiro de 2016, e foi realizada com um especialista e dois funcionários do setor de internacionalização de uma IES do Rio Grande do Sul. Com base nos apontamentos realizados, foram realizados ajustes em alguns termos utilizados, sem necessidade de alteração no número de questões propostas.

Validado o instrumento, foram selecionadas oito instituições de ensino superior para realização da entrevista. Sendo que a seleção ocorreu a partir de uma pesquisa preliminar no site de diferentes instituições, as quais deveriam preencher dois critérios principais: realizar ações de internacionalização (lista de cooperações com instituições no exterior, divulgação de oportunidades para mobilidade discente, oferta de programas de dupla-titulação, entre outros), e ter um setor específico de

relações internacionais.

Estes critérios foram definidos visto que a realização da entrevista tem como objetivo identificar indicadores que poderão compor o questionário para medir o nível de internacionalização. Assim, entrevistar instituições que não possuem ações poderia prejudicar ou limitar a formulação do instrumento.

A partir da seleção das IES, foram identificados os gestores que atuam no setor de relações internacionais, e em seguida realizado contato telefônico ou via e-mail com os mesmos. Após explicação do objetivo do presente estudo, obteve-se o aceite de cinco gestores para realização das entrevistas. Os três gestores que recusaram a participação justificaram sua decisão, explicando que coincidiria com o período em que teriam uma agenda no exterior ou ainda por questões institucionais que inviabilizaram sua participação.

Depois do aceite dos gestores, foram realizados os agendamentos das entrevistas, as quais ocorreram entre março e maio de 2016. Quanto à condução, as entrevistas foram individuais, de forma presencial com três gestores, e por Skype com os demais, sendo que todas as entrevistas foram gravadas (3h39min de áudio) e posteriormente transcritas.

### 7.1.1 Caracterização dos respondentes

As entrevistas foram realizadas com os gestores do setor de relações internacionais de cinco instituições de ensino superior, sendo que quatro instituições estão no Rio Grande do Sul, e uma na Bahia. Dessas, três são instituições privadas sem fins lucrativos e duas são públicas federais.

A partir de combinação com os gestores, os dados dos entrevistados e das instituições de ensino serão preservados, e no decorrer da análise os mesmos foram identificados a partir de códigos, conforme apresentado no Quadro 20.

Quadro 20: Codificação dos respondentes

<b>Instituição de Ensino - IE -</b>	<b>Entrevistado - E -</b>
A	1
B	2
C	3
D	4
E	5

Fonte: Elaborado pela autora.

### 7.1.2 Análise das entrevistas

A análise das entrevistas foi realizada em três etapas: pré-análise, interpretação do material coletado e tratamento da informação. Na primeira etapa, conforme Mascarenhas (2012) o pesquisador deve encontrar uma maneira eficiente para trabalhar com as informações coletadas, desta forma, a autora elaborou um quadro resumo sintetizando as informações obtidas em cada questão, auxiliando na análise das informações obtidas, possibilitando identificar pontos de convergência e de divergência.

Na segunda etapa foram agrupadas as manifestações realizadas pelos respondentes, com a finalidade de identificar comportamentos semelhantes entre as IES que participaram das entrevistas. A organização desta etapa deu-se a partir respostas obtidas por dimensão analisada, sendo descritas nos subcapítulos 7.1.2.1 a 7.1.2.6.

Finalizando a análise das entrevistas, os dados obtidos foram comparados com instrumentos utilizados no exterior, subsidiando a formulação de um questionário (apêndice 2).

#### *7.1.2.1 Gestão e Suporte Organizacional*

A dimensão de Gestão e Suporte Organizacional foi composta por 8 questões que vislumbravam identificar como as IES estão preparadas para a internacionalização. Buscou-se identificar a existência de políticas, de metas, de orçamento institucional para a promoção da internacionalização, bem como a estrutura (física e de pessoal) dedicada à internacionalização.

Quando questionados sobre o posicionamento da IES a internacionalização (questão 1), quatro gestores informaram que o tema é uma prioridade na instituição onde desempenham suas atividades, sendo parte integrante da estratégia institucional, constando inclusive em documentos oficiais, tais como o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) e no Planejamento Estratégico.

*“Nosso reitor já expressou em diversos momentos que a internacionalização é a quarta missão... com certeza é uma das prioridades, e está contemplada no PDI que foi escrito a 4 anos atrás, e está sendo analisado para permanecer no próximo*

*PDI que está sendo redigido neste momento. É uma atividade meio, a gente não internacionaliza por internacionalizar” E4.*

*“Quando decidimos que a internacionalização é uma prioridade institucional, alteramos nosso PDI, e inserimos na Visão estratégia da instituição a internacionalização” E3.*

*“A gestão tem ciência da importância e irreversibilidade do processo de internacionalização” E2.*

*“A internacionalização está entre os temas estratégicos do planejamento estratégico da instituição” E1.*

Apenas um dos respondentes sinalizou que a internacionalização ocorre de maneira descentralizada, e que o setor de internacionalização é muito mais um apoio para formalização de alguns processos, e não um promotor das ações de internacionalização (E5). E conforme sinalizado pelo mesmo: *“o processo de internacionalização parte do professor, e não da instituição, pois o docente já possui sua própria rede internacional de cooperação, e quando julgar necessário, pode solicitar o auxílio da assessoria para formalizar convênios e parcerias”.*

Quanto ao planejamento institucional para a internacionalização (questão 2) identifica-se que todas IES possuem esforços e metas, porém em estágios e esforços distintos. Na IES C, por exemplo, no momento em que a entrevista foi realizada, era dado início a medição das ações de internacionalização (definição de indicadores) e um trabalho de sensibilização junto aos colegiados acadêmicos sobre a importância da internacionalização no ensino. Enquanto na IES B estavam em processo de aprovação do alinhamento estratégico da internacionalização com as demais diretrizes institucionais, enquanto nas IES A, C e D este alinhamento estava consolidado.

Sendo um dos critérios para participar da entrevista, entende-se que todas IES analisadas possuem setores de internacionalização (questão 3). Quanto a composição destes setores em termos de pessoal, identificou-se que não há um padrão na estrutura funcional, sendo que o número de funcionários alocados no setor pode variar de instituição para instituição, sendo que o único ponto em comum é que as instituições possuem em seus setores técnicos administrativos e docentes, conforme apresentado no Quadro 21.

Quadro 21 - Funcionários alocados no setor de relações internacionais

IES	Nº funcionários
A	10 (6 docentes e 4 técnicos administrativos)
B	3 (2 docentes e 1 técnico administrativo)
C	4 (1 docente e 3 técnicos administrativos)
D	11 (2 docentes e 9 técnicos administrativos)
E	8 (2 docentes e 6 técnicos administrativos)

Fonte: Coleta de dados (2016)

Dentre as atividades desempenhadas pelos setores de relações internacionais destacam-se: representação institucional internacional, formalização dos convênios de cooperação com instituições de outros países, assessoria para alunos e docentes, intermediar a oferta de intercâmbios emissivos e receptivos, participar da organização de missões internacionais (acadêmicas ou administrativas) e ainda atuar junto aos colegiados acadêmicos repensando o currículo e mobilizando quanto à importância da internacionalização no processo de ensino aprendizagem.

Quanto a preparação dos funcionários para atender às demandas internacionais (questão 5), identifica-se que as pessoas que desenvolvem suas atividades profissionais nestes setores nem sempre dominam outros idiomas ou conhecem a realidade acadêmica de IES do exterior. Sendo uma limitação apontada por dois gestores (E3, E4 e E5). Conforme evidenciado *“a emissão e análise de documentos trazidos por alunos do exterior, ainda é campo que causa certo desconforto, visto que cada país possui suas especificidades e regulamentações, e nosso corpo técnico administrativo não sabe exatamente como proceder”* E3.

*“a instituição precisa de técnicos que saibam fazer o ingresso do aluno do exterior, que entendam uma grade curricular... precisamos de um técnico que saiba digitar um histórico escolar, que saiba interagir com os alunos, informar seus horários e o local das suas aulas”* E4.

Para aperfeiçoar estas questões, as três IES entrevistadas sinalizam que oferecem cursos de idiomas, capacitações específicas e workshops de aprimoramento aos técnicos administrativos vinculados ao setor.

Ao serem questionados sobre a existência de metas para a

internacionalização (questão 4), todos sinalizaram que sim. As IES A, C e D, apontaram que as principais metas são: aumento da mobilidade e otimização do uso da rede de parceiros internacionais. Na IES B a principal meta é o aumento do número de convênios formalizados com instituições do exterior. Na IES E as metas estão em um nível mais informal, uma vez que os setores são motivados para a promoção da internacionalização, e não cobrados para tal.

Referente ao investimento institucional destinado para a internacionalização (questão 6), as IES públicas sinalizaram que desde 2015 passaram a ter um orçamento próprio (por definição do MEC), o qual é variável e depende do repasse definido pelo governo. Nas IES privadas, a partir das informações dadas pelos respondentes, identifica-se a existência de um centro de custo próprio, porém o valor destinado cobre basicamente os custos do setor ou pequenas ações para a promoção da internacionalização (realização de feiras e eventos aos alunos, participação em seminários e fóruns pelo corpo administrativo). Os gestores informaram que mesmo que tenham um orçamento próprio, o valor é incipiente, e ainda dependem de verba extra via reitoria (IES A, B e C). Nas instituições B, C e E identifica-se ainda há certa confusão quanto aos investimentos previstos e o valor para uso do setor, os quais podem estar diretamente vinculados a rotina administrativa ou para subsidiar ações dos discentes e docentes.

Quanto às fontes externas para a promoção da internacionalização (questão 7), os respondentes manifestaram que os programas oferecidos atualmente são basicamente financiados pelos próprios alunos. Com a estagnação do programa Ciências sem Fronteiras (CsF), há poucas alternativas para auxílio aos alunos que pretendem complementar seus estudos no exterior. *“No semestre 201601 as IES já sentiram drasticamente a redução do número de mobilidade acadêmica (cross-border), sinalizando o fim do CsF”* E5.

As IES A e B atualmente buscam opções de bolsas junto a governos de outros países, enquanto nas IES B e D têm buscado fomento junto a órgãos de fomento internacionais, como o *Deutscher Akademischer Austausch Dienst* (DAAD) e o *European Community Action Scheme for the Mobility of University Studies* (Erasmus).

Questionados quanto a forma que a instituição marca sua presença internacionalmente (questão 8), constatou-se que os 5 gestores participam do Fórum

anual promovido pela FAUBAI, que é um evento nacional. Alguns gestores informaram que também participam de eventos internacionais, tais como: *Organización Universitaria Interamericana* (OUI), NAFSA e EAIE.

Além de participação em eventos, a IES A informou que como forma de marcar sua presença internacionalmente, busca formalizar parcerias com IES ranqueadas, em rankings de prestígio internacional. *“Firmar convênio com uma universidade ranqueada é um ótimo indicador, é uma forma como a comunidade internacional avalia a qualidade do ensino oferecido por nós”* E1.

Desta forma, identifica-se que mesmo em níveis diferentes de comprometimento, todas IES analisadas possuem um posicionamento estratégico e metas (formais ou informais) balizadoras do processo de internacionalização. Quanto à estrutura do setor, há docentes e técnicos alocados diretamente no setor, os quais variam de setores enxutos ou mais complexos.

#### 7.1.2.2 Aluno

A segunda dimensão foi composta por seis questões, e identificou-se de forma unânime que mesmo com diferentes esforços, as IES analisadas realizam ações para a promoção da internacionalização, incentivando os alunos para a experiência e aprendizado no exterior. Todos os gestores informaram que no momento possuem alunos estudando no exterior (questão 9), e alunos estrangeiros matriculados em seus cursos. Porém a maior diferença se dá na questão da matrícula, os alunos que vão estudar no exterior geralmente matriculam-se em cursos regulares (graduação, pós-graduação lato e stricto sensu), enquanto os alunos que vêm do exterior geralmente participam de cursos de curta duração (extensão), conforme informado pelos gestores das IES B e E.

A partir das entrevistas foi possível identificar que a mobilidade acadêmica é um dos meios mais comuns para viabilizar a internacionalização do ensino (*at-home* ou *cross-border*). Constatou-se também que as IES brasileiras encaminham significativamente mais alunos ao exterior do que recebem alunos estrangeiros, principalmente se analisarmos as parcerias com instituições localizadas no Canadá, Austrália e Reino Unido, conforme evidenciado pelo gestor da instituição C.

Ainda sobre a mobilidade, alguns gestores manifestaram a preocupação com

o declínio do programa Ciências sem Fronteiras (CsF), que impulsionou muito a saída de estudantes para o exterior. *“No auge do CsF chegaram a enviar em um único ano, 800 alunos ao exterior, e atualmente este número não ultrapassa 160 alunos/ano”* E5.

Sobre a forma como os alunos internacionais chegam até as instituições ou participem de ações no exterior (questão 10), todas IES sinalizaram que os alunos chegam ou saem a partir das parcerias firmadas com outras IES do exterior, a partir de convênios de cooperação. Um dos respondentes informou que no momento estão analisando outras opções para viabilizar a vinda de alunos internacionais, e não apenas por meio dos convênios firmados, mas neste caso o trâmite é outro, e estão trabalhando neste ponto (E2).

Quanto ao percentual de alunos que participa anualmente de atividades internacionais (questão 14), dois gestores não souberam informar o número, um gestor informou que 48% dos alunos já participaram de alguma atividade internacional. Na instituição “D”, em torno de 2.500 alunos participaram de atividades internacionais nos últimos 4 anos, enquanto na instituição “E” em média 160 alunos participam ao ano de atividades internacionais.

Referente ao suporte oferecido para a recepção ou envio de alunos (questão 11), identificou-se que as assessorias de relações internacionais atuam como facilitadoras do processo, apoiando quanto a documentação necessária, a logística, e o suporte de forma geral para a vinda de alunos estrangeiros ou envio de alunos ao exterior. Na instituição “B” além deste suporte são oferecidos cursos gratuitos de língua portuguesa, e possuem um cadastro de famílias hospedeiras, sendo que esta última atividade não é oferecida na instituição “E”. Constatou-se ainda que nenhuma das IES possuem alojamento ou realizam incentivos financeiros próprios para apoio aos alunos emissivos ou receptivos. Apenas a instituição “A” informou que em casos específicos (premiação ou apresentação de trabalho) é avaliado via reitoria a possibilidade de auxílio financeiro para a participação de alunos em eventos ou feiras no exterior.

Questionados sobre como instigam seus alunos a participarem de atividades internacionais (questão 12) e quais ações desenvolvem para a promoção da internacionalização (questão 13 e 15), quatro respondentes sinalizaram que realizam feiras e eventos focados na troca de experiências e com divulgação de

oportunidades. Apenas a IES “D” manifestou que não divulgam ou fazem eventos para a promoção da internacionalização, sendo que a procura geralmente ocorre pelo próprio aluno.

Assim, identifica-se que todas IES promovem atividades e ações para a promoção da internacionalização, sendo que a mobilidade é uma das atividades de internacionalização mais comuns entre a comunidade acadêmica. Porém, como esta é geralmente autofinanciável, reduzidas exceções quando o aluno é beneficiado por alguma bolsa governamental ou de órgãos no exterior. Gestores manifestaram preocupação em relação a mobilidade, pois dada a situação econômica atual do Brasil, e com a redução das verbas a partir do CsF, a mobilidade provavelmente irá reduzir drasticamente, conforme manifestado pelos gestores das instituições A, C, D e E. Constatou-se também que o número de alunos que vão ao exterior é desproporcionalmente muito maior que o número de alunos do exterior que buscam oportunidades de estudo nas IES Brasileiras, sendo destacado pelos entrevistados o idioma como um empecilho para a vinda de alunos internacionais.

#### 7.1.2.3 Docente

Na terceira dimensão, foram realizadas cinco questões com o objetivo de identificar como o corpo docente está preparado para a internacionalização do ensino. Foram investigados aspectos quanto ao domínio de outros idiomas, formação no exterior, a presença de docentes estrangeiros no quadro, entre outros. Buscando compreender como o corpo docente está estruturado para atender as demandas internacionais (questão 16), a partir das falas dos entrevistados é possível identificar realidades muito distintas entre e dentro das instituições.

*“Nosso corpo docente tem um alto nível de formação, 70% são doutores ou estão em doutoramento, e isto poderia sinalizar que temos um corpo docente preparado para a internacionalização do ensino, mas esta não é a nossa realidade, pois a grande maioria realizou todo o seu processo de formação acadêmica no Brasil, e não tem nenhuma experiência internacional”* E5. Enquanto a IES “D” enfatiza que *“como temos muitos programas com conceito 6 e 7, automaticamente não tem escolha de não seguirmos pelos meios internacionais”*.

Sobre o domínio de outros idiomas e a vivência no exterior (questão 17 e 20)

dos docentes, identifica-se que esta informação nem sempre é monitorada pelas instituições, mas esforços estão sendo realizados para que se tenha esta informação em nível institucional. Apenas o gestor da instituição “A” informou que já monitoram esta informação, mas o último levantamento foi realizado em 2013. Na instituição “C” estão realizando o primeiro estudo para identificar o perfil do docente na instituição, e a partir destas informações estarão definindo um plano de ação específico junto aos diferentes colegiados.

Quanto à participação dos docentes em eventos no exterior (questão 19), identifica-se que professores vinculados à pesquisa tendem a participar mais ativamente, porém esta informação nem sempre é contabilizada como uma ação de internacionalização, uma vez que as informações de participação dos docentes em eventos internacionais nem sempre chegam até a secretaria de relações internacionais, fator este que prejudica o acompanhamento e mensuração deste indicador (E1, E3 e E4).

Quanto a presença de professores estrangeiros no quadro docente (questão 18), fica evidenciado no transcorrer das entrevistas que nas IES privadas há uma maior sensibilização para contratação de estrangeiros. Um dos gestores destaca que *“a presença de professores internacionais é inclusive um indicador de qualidade junto aos órgãos regulamentadores, e deste modo, é uma meta institucional”* E1.

Nas IES públicas participantes da entrevista, os gestores informaram que não há mobilização para ampliar o quadro de docentes estrangeiros. *“Na década de 80 recebíamos alguns docentes que queriam sair da Argentina, Uruguai e Chile, por exemplo, e vinham para cá. Hoje continuamos contratando latino-americanos, mas não pelos mesmos motivos. Temos também alguns professores Europeus: Alemães, Franceses, Italianos. Mas no total, não é um número alto, não é uma política ativa contratar docentes porque são estrangeiros”* E4.

Referente ao incentivo para formação no exterior (questão 20), os cinco entrevistados informaram que a instituição oferece auxílio, seja ele financeiro ou legal (licença estudos – remunerado ou não, auxílio no trâmite quanto às documentações, entre outros). Nas IES públicas há uma política institucionalizada para a licença docente e/ou benefício financeiro, enquanto nas IES privadas a aprovação para a realização dos estudos no exterior ocorre a partir da aprovação da reitoria ou por pró-reitoria específica.

A partir da análise das respostas, identifica-se que o papel docente no processo da internacionalização pode ser um ponto de fragilidade, pois pouco se sabe dos docentes que atuam nas IES, suas experiências, interesses e domínio de outros idiomas. Fatores estes que podem ser evidenciados a partir das falas dos entrevistados: *“a instituição tem ciência que a internacionalização começa em sala de aula, tendo o professor um papel imprescindível neste processo, contudo, hoje não sabemos quais dos nossos docentes estariam preparados para lecionar disciplinas em outros idiomas”* E2. Em outra IES o gestor enfatizou sobre a diferença entre os cursos, sendo que algumas áreas estão mais preparadas para atuar no âmbito internacional: *“estamos começando estudos para analisar o perfil do quadro docente, e entendermos quem é o nosso professor. Na pós-graduação esta questão é mais tranquila, mas não conhecemos o nosso docente da graduação”* E3.

#### 7.1.2.4 Currículo

Na quarta dimensão foram realizadas 3 questões com foco na identificação das questões da internacionalização por meio do currículo. Buscou-se identificar a oferta de disciplinas ou cursos em outras línguas e ainda a oferta de cursos na modalidade sanduíche.

Quanto à estrutura atual do currículo (questão 21), identificou-se a partir das entrevistas que nas IES privadas há um foco maior para adequação do currículo para o atendimento de demandas internacionais (IES A e C). Porém a insegurança do docente para lecionar em outro idioma ou até mesmo a compreensão de como internacionalizar o currículo são entraves neste processo (IES B e C). *“Professores ainda sentem-se inseguros para lecionar uma disciplina em outra língua, visto que o aluno pode dominar o outro idioma melhor que ele”* E2.

Nas IES públicas que participaram da entrevista identifica-se que não é uma prioridade a oferta de disciplinas em outro idioma, conforme pode ser constatado nas indagações de um dos respondentes: *“Muitos professores podem lecionar em inglês, e teriam condições. Mas na prática, temos 45 mil alunos que falam em português, e só uns 800 estrangeiros, e isso iria dificultar o aprendizado do nosso aluno”* E4.

Quanto ao oferecimento de disciplinas ou cursos em outros idiomas (questão

22) constatou-se que esta não é uma prática adotada em todas as instituições analisadas. As instituições privadas oferecem apenas algumas disciplinas ou cursos de curta duração (extensão) em outros idiomas, enquanto as IES públicas ainda estão em processo de articulação e definição de diretrizes para tal. Destaca-se também que nenhuma das IES oferece programas ou cursos regulares (graduação, lato e stricto) totalmente em outro idioma. Seguem comentários dos entrevistados:

*“Nós temos disciplinas pois é premissa para atender alunos estrangeiros. E a meta é aumentar o número de disciplinas em inglês, tanto para o nosso aluno, quanto para externos. Curso na íntegra não temos”* E1.

*“Apenas no curso de graduação de relações internacionais possuímos disciplinas em outro idioma. Além destas, também oferecemos alguns cursos de curta duração em outro idioma, mas em disciplinas regulares ainda não”* E2.

*“O Brasil é criticado por isso, pois não oferecemos programas em língua inglesa. Mas ainda estamos discutimos no âmbito de disciplina. No próximo semestre teremos uma disciplina em inglês por Instituto Acadêmico”* E3.

*“Estamos implantando uma política. Estamos pensando em lecionar algumas disciplinas em inglês, não muitas. Estamos tentando convencer alguns cursos para que ofereçam algumas disciplinas em inglês”* E4. *“Ainda não, estamos tentando articular”* E5.

No que se refere a oferta de cursos na modalidade sanduíche (questão 23), observa-se que esta prática é comum em todas IES analisadas, nos cursos de pós-graduação *lato* e *stricto sensu*. Para os cursos de graduação apenas o gestor da instituição C informou que estão analisando a possibilidade de oferta na modalidade sanduíche, sendo que nas demais o aluno tem apenas a possibilidade de estudar no exterior e aproveitar os créditos para concluir seus estudos no Brasil, porém esta opção não é caracterizada como sanduíche.

Em relação aos países com os quais as instituições possuem parceria para oferta de cursos na modalidade sanduíche, Chile, Portugal e Colômbia foram os países destacados pelos entrevistados 1 e 2.

#### 7.1.2.5 Pesquisa

Buscando compreender a quinta dimensão, foram realizadas 3 questões, a

partir das quais buscou-se identificar o papel da pesquisa no processo de internacionalização, a inserção internacional da pesquisa, e a identificação do estágio que a instituição se encontra no que diz respeito às publicações internacionais do seu corpo docente e discente.

Quanto ao papel da pesquisa (questão 24), 4 gestores informaram que a pesquisa é imprescindível no processo de internacionalização, sendo que as instituições manifestaram estar engajadas em redes internacionais de pesquisa.

Outro ponto destacado pelos entrevistados refere-se ao *network* do próprio professor (questão 25), o qual muitas vezes ocorre de maneira informal, tornando difícil a mensuração real das publicações e grupos de pesquisa internacionais existentes e vinculados aos docentes (E1, E3 e E5).

Hoje é um desafio integrar os grupos de pesquisa com as redes internacionais já estabelecidas (E2 e E3). O gestor da instituição C destaca que em alguns cursos ou programas oferecidos o *networking* internacional é bem mais forte e facilita o desenvolvimento de pesquisas em redes internacionais, enquanto em outros casos é preciso uma maior interferência para a formalização da rede.

Referente às publicações internacionais (questão 26), ficou evidenciado que as instituições fazem esforços para tal, visto que este é um indicador importante e que reflete a qualidade institucional perante os órgãos regulamentadores do ensino superior brasileiro, o MEC e a CAPES. Contudo este dado geralmente é monitorado por uma pró-reitoria específica, sendo que em alguns casos estas informações não são de conhecimento do setor de relações internacionais (E2, E3, E4 e E5).

#### *7.1.2.6 Parceria Internacional*

A sexta dimensão buscou analisar a participação da instituição em redes internacionais, os países nos quais possuem parcerias institucionais, o volume de parceiros no exterior, bem como quais atividades são desenvolvidas entre os parceiros.

Quanto à participação em redes para promoção da internacionalização (questão 27), identificou-se que as IES estão vinculadas a redes nacionais e internacionais, com destaque ao FAUBAI, que tem adesão de 100% das IES entrevistadas.

Além do FAUBAI foram identificadas outras redes nacionais, entre elas o Consórcio das Universidades Comunitárias Gaúchas (COMUNG), a Associação Brasileira das Universidades Comunitárias (ABRUC) e a Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes). Referente à participação em redes internacionais mencionaram o NAFSA, o programa Erasmus, EAIE, Grupo Coimbra, DAAD e OUI.

Referente ao número de países e instituições internacionais que possuem parcerias (questão 28), o Quadro 22 sintetiza as informações identificadas:

Quadro 22 - N.º de países e de parceiros internacionais

IES	Nº de países que possui parcerias	Nº de instituições/convênios no exterior
A	25 países	90 instituições
B	16 países	57 instituições
C	50 países	80 instituições
D	40 países	+ de 250 instituições
E	45 países	+ de 300 acordos de cooperação

Fonte: Elaborado pelo autor

Durante a entrevista não foi solicitado aos entrevistados que informassem os países com os quais possuem parcerias, porém a partir da análise das entrevistas é possível evidenciar a busca por instituições parceiras no Reino Unido, Estados Unidos, Austrália, Finlândia, Dinamarca, Canadá e da Europa (França, Alemanha, Portugal, Espanha, Itália, entre outros), sendo estes os destinos mais tradicionais, conforme destacado nas entrevistas.

Ainda conforme o gestor da instituição C, cada vez mais os alunos buscam por instituições em países fora do eixo EUA/Europa, como África, China, Colômbia, México, Chile, Argentina e Uruguai. Indicando assim uma nova rota para alunos brasileiros no exterior.

Quanto às principais atividades desenvolvidas com as instituições parceiras (questão 29) destaca-se a pesquisa, a mobilidade docente e discente (emissiva e receptiva), o intercâmbio e a participação em eventos e seminários para apresentação de trabalhos. No que tange a mobilidade dos técnicos administrativos três instituições (B, C e D) trazem esta questão como um avanço necessário no processo de internacionalização, o qual atualmente ainda trava em questões jurídico-legais.

Sendo esses os principais pontos identificados a partir das entrevistas realizadas com cinco gestores de diferentes instituições de ensino superior brasileiras. O passo seguinte foi o cruzamento destas informações com indicadores utilizados mundialmente para medir a internacionalização do ensino, que balizaram a formulação de um questionário, que compreende a segunda etapa deste estudo.

## 7.2 QUESTIONÁRIO

A partir das informações obtidas na etapa qualitativa foi possível realizar um diagnóstico prévio das ações de internacionalização desenvolvidas pelas IES Brasileiras, bem como os pontos fortes e fracos deste processo. Em seguida realizou-se o cruzamento destas informações com a literatura analisada para este estudo, identificando indicadores que poderiam ser utilizados para medir o nível de internacionalização das IES Brasileiras.

Para formulação do questionário foram utilizadas as mesmas dimensões de internacionalização que também nortearam o roteiro das entrevistas. Assim, a partir do cruzamento das dimensões da internacionalização com indicadores aplicáveis a realidade brasileira, estruturou-se um instrumento com 102 questões, conforme apresentado no Quadro 23.

Quadro 23 - Estrutura inicial do questionário

<b>Seção/Bloco</b>	<b>Componente</b>	<b>Nº de Questões</b>
Seção A	Caracterização da IES	10
Seção B	Setor de Relações Internacionais	4
Gestão e Suporte Organizacional	Presença Internacional	8
	Recursos Humanos	5
	Recursos Financeiros	5
Aluno	Alunos Internacionais	8
	Mobilidade Discente	8
Docente	Perfil Internacional da equipe docente	5
	Perspectiva e experiência internacional da equipe	6
Currículo	Cursos com componentes internacionais	8
	Programas de graduação e pós-graduação em conjunto com instituições no exterior	4
Pesquisa	Participação dos alunos da instituição em estudos internacionais	1
	Programas de investigação	4
	Centro de Pesquisa	1
	Reconhecimento internacional da pesquisa	5
Parceria internacional	Rede e parceiros internacionais	13
Seção C	Caracterização do respondente	7

Fonte: Elaborado pela autora

A seção A, B e C foram compostas por questões abertas e fechadas, de caráter qualitativo. Os blocos relacionados às dimensões de internacionalização foram compostos por questões obrigatórias a partir da escala Likert de 5 pontos (discordo totalmente, discordo, indiferente, concordo e concordo totalmente). Além das opções da escala Likert, foi incluída a opção “Sem condições de opinar”, uma vez que durante as entrevistas preliminares para formulação do questionário, identificou-se que a obrigatoriedade de resposta poderia inviabilizar a participação das IES, sendo que o setor de relações internacionais ou o respondente, poderia não ter acesso a todas informações necessárias.

Após formulação da proposta inicial do questionário, procedeu-se com a validação do mesmo, a qual ocorreu presencialmente entre os meses de junho e julho de 2016. A validação do questionário foi realizada com dois gestores que atuam no setor de relações internacionais (e que participaram da etapa qualitativa), 3 técnicos administrativos que atuam em diferentes IES nos setores de relações internacionais, e um gestor executivo que atua em uma IES que não possui um setor estruturado de relações internacionais. A escolha deste último gestor teve como objetivo avaliar se o instrumento poderia ser respondido inclusive por instituições que não possuem um processo de internacionalização formalizado ou conduzido por um setor específico.

Após considerações realizadas pelos respondentes, 8 questões foram excluídas, e foram realizados ajustes conforme apontamentos dos validadores: 9 questões foram reformuladas pois davam margem para diferentes interpretações, nas questões que remetiam a questão temporal, foi incluído o período de referência (ex. nos últimos 5 anos, no semestre 201502). Além das alterações mencionadas, algumas questões foram reposicionadas no questionário, a fim de garantir uma maior fluidez para o respondente, partindo de questões mais simples, para as mais complexas.

Finalizada a validação, o questionário foi cadastrado na ferramenta *Survey Monkey*, que é um software específico para aplicação de questionário através da internet. Nesta etapa foram incluídas as regras para o preenchimento, sendo elas:

- Foram criadas janelas para responder ao questionário, sendo que o bloco seguinte só era aberto se atendida as condições mínimas, tais como: possuir atividades de internacionalização, preenchimento de todas as questões (para bloco

objetivo), entre outros.

- Nos casos de não possuir atividades de internacionalização, questão a ser preenchida no bloco de caracterização do setor de relações internacionais, encerra-se a participação da IES, e não precisaria responder as questões vinculadas as dimensões da internacionalização.

- Sinalizada a existência de ações/atividades de internacionalização, abriria os blocos vinculados as dimensões de internacionalização. Sendo que só passaria para a próxima dimensão, após o preenchimento completo do bloco, exceto nas questões optativas.

Registrada as regras no sistema, foi realizado o pré-teste do instrumento. E segundo Lakatos e Marconi (2010), o pré-teste deve ser aplicado em uma pequena população escolhida, buscando verificar três importantes elementos: a fidedignidade, a validade e a operacionalidade do instrumento. Assim, o questionário foi encaminhado online para oito convidados, sendo três especialistas e cinco funcionários que atuam em instituições de ensino superior.

Após *feedback* dos respondentes, foram realizadas algumas alterações no questionário (termos e palavras utilizados e aplicada a regra de obrigatoriedade de preenchimento das questões). Em seguida, deu-se andamento com o envio para a população previamente selecionada. No Quadro 24 segue a estrutura utilizada no questionário, finalizando a etapa de validação do instrumento.

Quadro 24: Estrutura do questionário

<b>Seção/Bloco</b>	<b>Componente</b>	<b>Nº de Questões</b>
Seção A	Caracterização da IES	9
Seção B	Setor de Relações Internacionais	7
Gestão e Suporte Organizacional	Presença Internacional	7
	Recursos Humanos	5
	Recursos Financeiros	5
Aluno	Alunos Internacionais	8
	Mobilidade Discente	7
Docente	Perfil e formação internacional da equipe docente	11
Currículo	Cursos com componentes internacionais	8
	Programas de graduação e pós-graduação em conjunto com instituições no exterior	4
Pesquisa	Participação dos docentes e discentes da instituição em estudos internacionais	5
	Reconhecimento internacional da pesquisa	6
Parceria internacional	Rede e parceiros internacionais	7
Seção C	Caracterização do respondente	7

Fonte: Elabora pelo autora

A publicação e gerenciamento do envio e dos retornos, foi realizado a partir do software *Survey Monkey*, o mesmo utilizado na etapa de pré-teste. Destaca-se ainda que, afim de aumentar a participação das IES, além do envio realizado pela pesquisadora, a FAUBAI e o COMUNG também encaminharam o link do questionário para seu mailing, reforçando a participação dos mesmos nestes estudo.

Durante o período em que o questionário ficou aberto (3 meses), foram realizados reenvios de 15 em 15 dias aos não respondentes, e um monitoramento semanal quanto as IES que iniciaram o preenchimento, porém não o concluíram. Para este segundo grupo foi encaminhado um e-mail informando o percentual que havia sido preenchido e o link para que continuassem o preenchimento do questionário de onde haviam parado, sem precisar responder todas as questões novamente.

Em dezembro de 2016 o questionário online foi fechado, sendo que 111 instituições acessaram e responderam pelo menos uma questão. Para tratamento e análise dos dados, as respostas obtidas foram exportadas do software *Survey Monkey* para o Excel, sendo que o primeiro tratamento realizado foi quanto as não-respostas.

### **7.2.1 Verificação das não-respostas**

O primeiro procedimento para limpeza dos dados foi a verificação das não-respostas. Desta forma, adotou-se o conceito de Hair et al. (2005), que definem que nos casos em que há uma grande proporção de dados não preenchidos pelos respondentes, todo questionário poderá ser removido do banco de dados. Assim, 43 casos foram retirados da amostra, representando 38,74% dos respondentes, os quais responderam apenas o primeiro bloco do questionário (caracterização da instituição de ensino), indicando o abandono do preenchimento. Observa-se ainda que no bloco de caracterização da instituição e dos respondentes foram identificadas algumas questões sem respostas, porém como estas não serão utilizadas na análise multivariada, não serão necessários ajustes.

Após a retirada das IES que não realizaram o preenchimento do questionário em sua totalidade, a base passou a ser composta por 68 instituições. Contudo observa-se que destas, 11 IES manifestaram não possuir ações de

internacionalização, encerrando sua participação no questionário sem acessar as questões relacionadas às dimensões da internacionalização.

Assim, para realização das análises estatísticas (fatorial exploratória), serão consideradas as respostas das 57 IES que preencheram todas as questões que mediam o grau de concordância a partir de questões vinculadas as dimensões da internacionalização.

## 7.2.2 Codificação

Após, foram identificadas as variáveis nominais que deveriam ser codificadas, tornando-as categóricas/numéricas, viabilizando o seu uso em testes estatísticos que foram empregados posteriormente. No Quadro 25 são apresentadas as respostas que passaram pelo processo de codificação.

Quadro 25 - Codificação de respostas

<b>Credenciamento (Carac_Cred)</b>	
1	Faculdade
2	Centro Universitário
3	Universidade
4	Instituto
<b>Categoria (Carac_Cat)</b>	
1	Privada sem fins lucrativos
2	Privada com fins lucrativos
3	Pública Municipal
4	Pública Estadual
5	Pública Federal
<b>Escala</b>	
1	Discordo totalmente
2	Discordo
3	Indiferente
4	Concordo
5	Concordo totalmente
0	Sem condições de opinar
<b>Estágio do Setor de Relações Internacionais (SRI_Est)</b>	
1	Nada desenvolvido
2	Pouco desenvolvido
3	Desenvolvido
4	Muito desenvolvido
0	Não desejo informar

Fonte: Elaborado pela autora

Em relação as escalas, destaca-se que para realização dos testes estatísticos, quando selecionada a opção “Sem condições de opinar”, que a priori possuía peso zero, este valor foi substituído pela média geral da dimensão.

Na sequência, deu-se início a análise dos resultados. Sendo a primeira etapa composta pela caracterização das instituições participantes, dos respondentes e dos setores de relações internacionais. A segunda etapa foi composta pela análise quantitativa dos dados, a partir das 73 variáveis distribuídas entre as 6 dimensões de internacionalização: Gestão e Suporte Organizacional (17), Alunos (15), Docentes (11), Currículo (12), Pesquisa (11) e Parcerias (7).

### **7.2.3 Caracterização da amostra**

A população inicial, a partir dos critérios definidos, era composta por 1.346 IES, porém destas, não foi possível identificar o contato de 199 instituições. Desta forma, o questionário foi encaminhado para 1.147 IES, das quais retornaram 132 e-mails informando que o contato não existia ou estava incorreto.

Após os ajustes, a população passou a ser composta por 1.015 IES, das quais obteve-se uma taxa de participação de 10,94% (111 instituições). Contudo, identificou-se que 43 IES apenas acessaram o instrumento e preencheram poucas questões, as quais não chegaram a representar 10% das questões, e desta forma, foram retiradas da amostra.

Desta forma, consideraram-se válidos 68 questionários, que representam 6,70% da população. Na Figura 7 apresenta-se o número de IES, por Estado, para os quais foi encaminhado o questionário, e entre parênteses o número de retornos válidos (questionários completos).

Figura 7 - Mapeando o envio do formulário online  
(n.º IES por estado \* n.º retornos)



Fonte: Elaborado pela autora.

Os estados que obtiveram maior representatividade na amostra são: Minas Gerais (16,18%), Rio Grande do Sul (14,71%) e São Paulo (11,76%). Enquanto nos estados do Acre, Amazonas, Rondônia, Amapá, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas Distrito Federal e Goiás nenhuma instituição participou da coleta de dados.

Das instituições que responderam ao questionário, 30 são Universidades, 10 Centros Universitários, 22 Faculdades e 4 Institutos. Sendo que 30,88% são instituições públicas (7 estaduais e 14 federais) e 69,12% privadas (28 sem fins lucrativos e 19 com fins lucrativos). Dentre as instituições privadas sem fins lucrativos, 53,57% são comunitárias, 14,29% confessional e 32,14% filantrópicas.

Referente ao número de funcionários destas instituições, considerando técnicos administrativos e docentes, a menor instituição em número de funcionários manifestou ter um quadro funcional composto por 30 pessoas, enquanto a maior,

informou 8.300 pessoas, tendo como base o período de 2016. O número de funcionários vinculados às IES participantes da coleta IES totalizam 85.770, entre docentes, técnicos administrativos e estagiários.

Quanto ao número de alunos matriculados nestas instituições, duas instituições informaram ter 150 alunos (menor número de alunos informado), enquanto a instituição com o maior número de alunos sinalizou um total de 46.500 alunos. Estes números equivalem aos alunos matriculados em todos os níveis de ensino oferecidos pelas IES, sendo que o número total de alunos matriculados nas 68 instituições participantes totaliza 675 mil. Na graduação são 555 mil alunos matriculados nas IES participantes.

A partir da análise por quartis o número de alunos foi agrupado, conforme apresentado na Tabela 2.

Tabela 2 – Relação de IES x N.º de Alunos

<b>Número de Alunos</b>	<b>Frequência</b>	<b>% de instituições</b>
até 1.650 alunos	17	25,4%
de 1.651 a 4.900 alunos	34	50,7%
a partir de 4.901 alunos	17	25,3%
<b>Total</b>	<b>68</b>	<b>100%</b>

Fonte: Coleta de dados (2016).

A partir dos dados analisados, identifica-se que IES de todos os portes e de todas as regiões do Brasil participaram da amostra. Após a caracterização os respondentes deveriam informar há existência ou não de atividades de internacionalização, sendo esta a pergunta chave para dar andamento no preenchimento do questionário ou finalização da participação dos mesmos, conforme será tratado no capítulo subsequente.

### *7.2.3.1 Caracterização dos respondentes*

Conforme e-mail convite encaminhado às instituições, priorizou-se que gestores vinculados ao setor de relações internacionais respondessem o questionário, assim identificou-se que entre os respondentes, 38 estão diretamente vinculados ao setor de relações internacionais (gestores, coordenadores, técnicos administrativos, professores vinculados ao setor). Os demais (19) são

coordenadores de curso, pró-reitores, secretários executivos ou membros da reitoria.

Quanto ao tempo que os respondentes atuam na instituição de ensino que representam, 60% informaram de 1 a 10 anos, 37% de 11 a 30 anos, e 3% não informaram o tempo de atuação. A questão seguinte buscou identificar o tempo que atuam diretamente com a internacionalização do ensino, considerando toda sua vida profissional, e 58% informou que atua entre 1 e 5 anos nesta área, 20% de 6 a 10 anos, e 14% atua a mais de 11 anos com a internacionalização do ensino, conforme apresentado na Tabela 3.

Tabela 3– Tempo de atuação dos respondentes

<b>Tempo de atuação</b>	<b>Na mesma instituição</b>	<b>Trabalha com a internacionalização do ensino (toda vida profissional)</b>
1 a 5 anos	18	33
6 a 10 anos	16	11
11 a 15 anos	8	4
16 anos ou mais	13	4
não desejo informar	2	5

Fonte: Coleta de dados (2016)

Referente ao número de idiomas que dominam, além do português, dois respondentes informaram que não dominam outro idioma (sendo que um destes é assessor no setor de relações internacionais), 17 informaram que dominam um idioma além da língua mãe, 24 dominam outros dois idiomas além do português, e 13 informaram dominar mais três idiomas além do português.

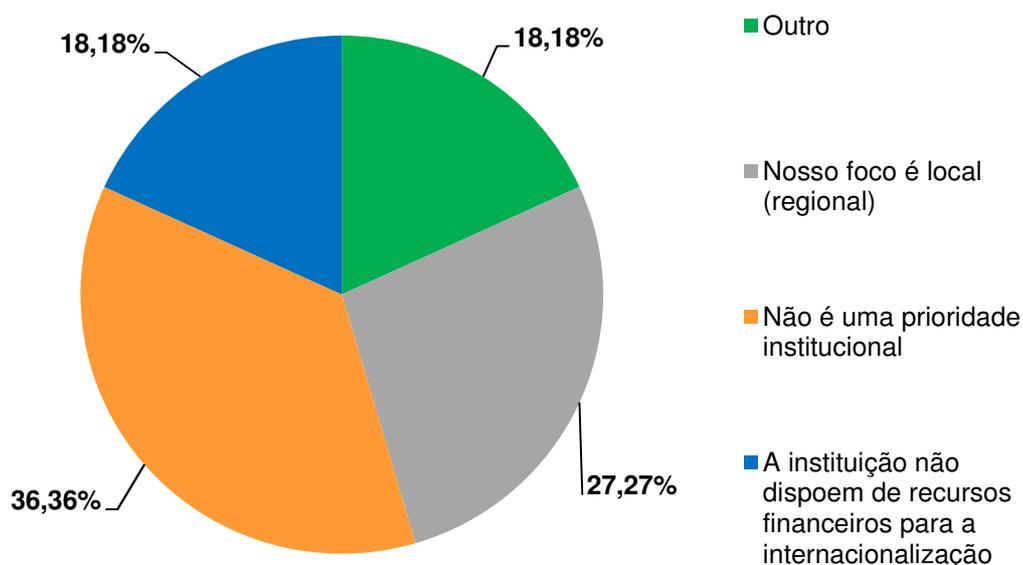
Questionados se já residiram por um longo período no principal país de relação internacional da instituição, 13 respondentes informaram que sim, sendo que destes, 70% residiram por até um ano no exterior.

### *7.2.3.2 Setor de Relações Internacionais*

O segundo bloco do questionário, buscou identificar se as instituições possuem ações de internacionalização e setores específicos para tal. Quanto à existência de ações de internacionalização, 57 instituições manifestaram que possuem ações/atividades, representando 83,82% da amostra. Enquanto 11 instituições, todas credenciadas como Faculdades, responderam que não possuem atividades, sendo que 36% dessas informaram que o motivo para a resposta negativa justifica-se visto que a internacionalização não é uma prioridade

institucional, conforme apresentado no Gráfico 1, no qual são apresentados os motivos para a inexistência de ações de internacionalização.

Gráfico 1 – Motivos da inexistência de ações de internacionalização

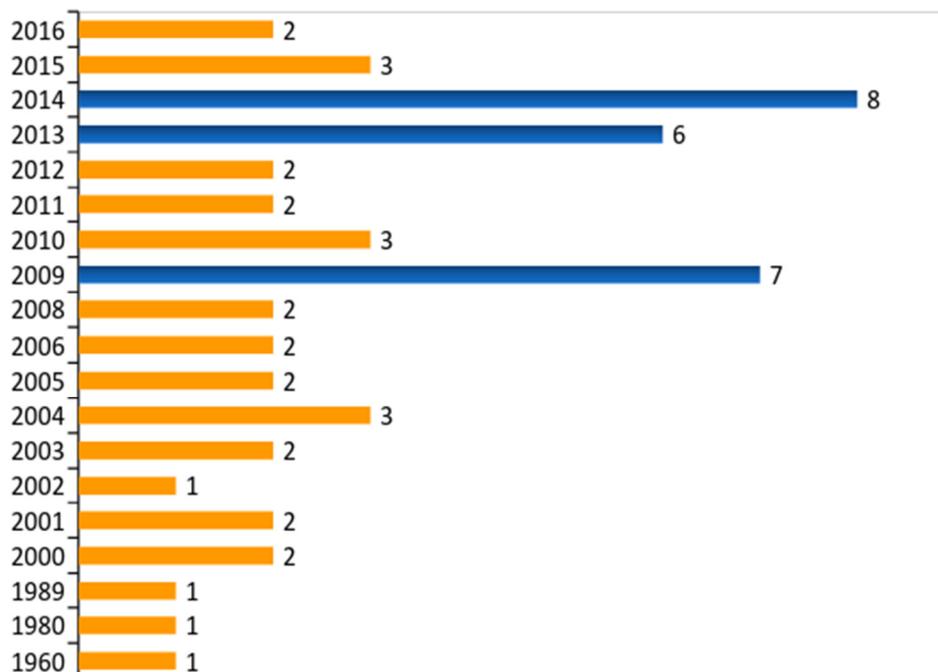


Fonte: Coleta de dados (2016).

Para as 11 instituições que sinalizaram “não” para a existência de atividades de internacionalização, o questionário encerra-se nesta questão, visto que as próximas questões foram desenvolvidas como foco nas ações de internacionalização desenvolvidas pelas IES. Assim, a partir deste ponto, as análises serão baseadas a partir das respostas das 57 instituições que sinalizaram que realizam ações de/para a internacionalização do ensino.

Quanto ao ano de início das atividades de internacionalização, 3 instituições manifestaram que já realizavam ações de internacionalização antes dos anos 2000, sendo que nos anos 2009, 2013 e 2014 é que identifica-se um maior número de IES aderindo ao processo, conforme apresentado no Gráfico 2.

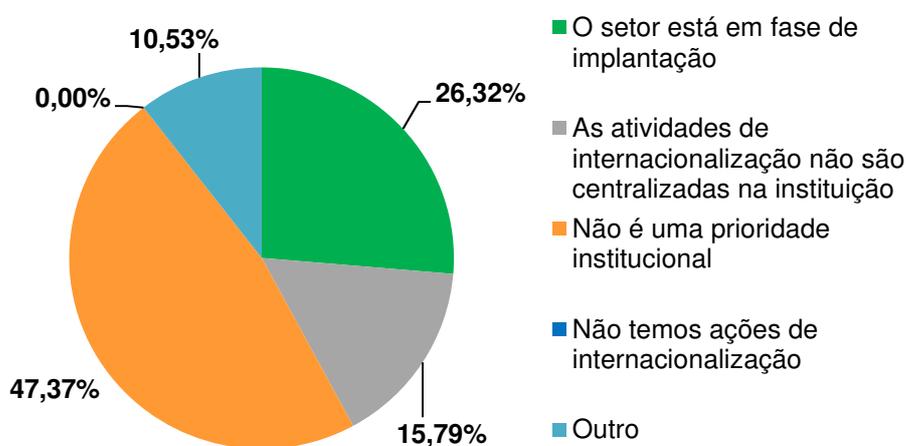
Gráfico 2 – Ano de início das atividades de internacionalização nas IES



Fonte: Coleta de dados (2016)

Na questão subsequente, buscou-se identificar quantas instituições possuem um setor específico de Relações Internacionais. A resposta foi positiva para 49 IES, representando 85,96% dos respondentes aptos. Sendo que para as IES que possuem atividades, mas não um setor específico (8 IES), 47,37% sinalizou que esta não é uma prioridade institucional, conforme apresentado no Gráfico 3.

Gráfico 3 – Motivos por não ter um setor de Relações Internacionais



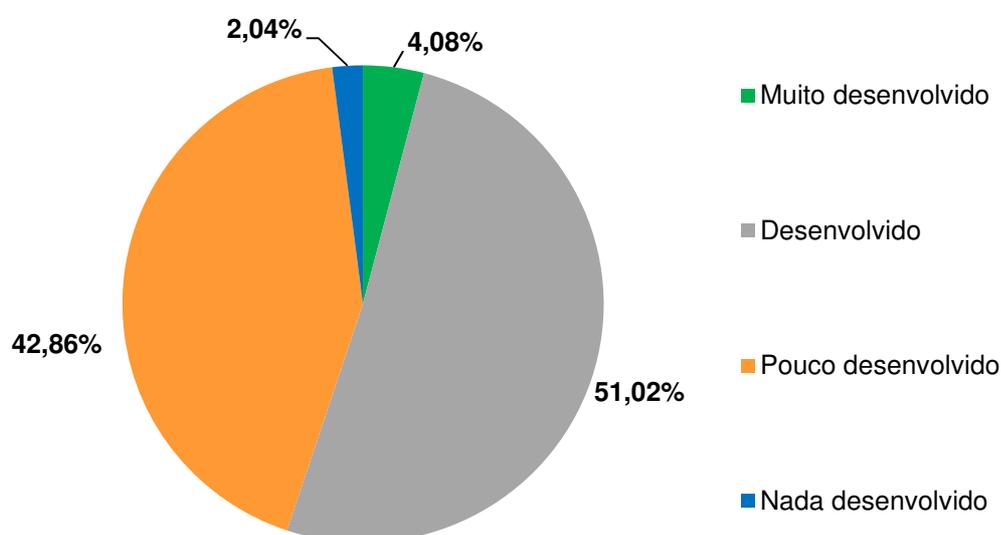
Fonte: Coleta de dados (2016).

Quanto às instituições que sinalizaram a existência de um setor específico de

relações internacionais, identificou-se que 4 são credenciadas como Instituto, 8 caracterizam-se como Faculdade, 8 são Centros Universitários e 29 Universidades.

Em relação ao estágio do setor de relações internacionais, a partir da percepção dos respondentes, identifica-se que 51,02% definem que o setor é desenvolvido, e 42,86% como pouco desenvolvido, conforme apresentado no Gráfico 4.

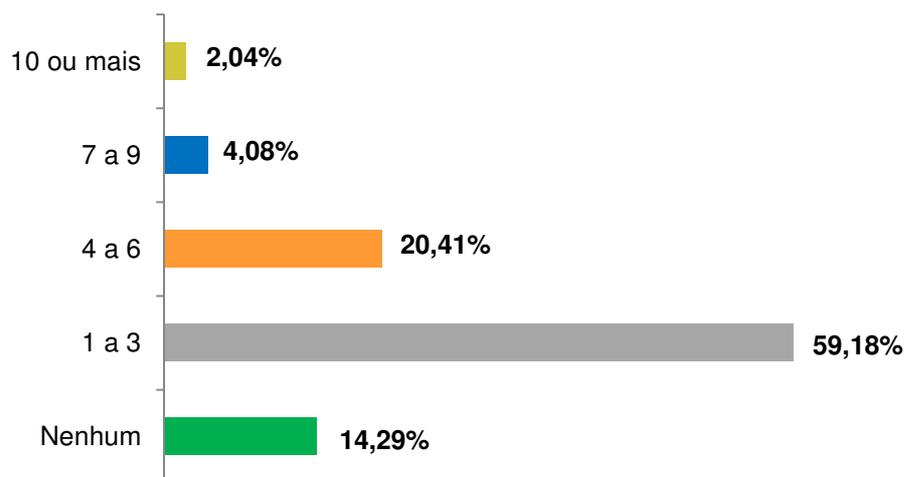
Gráfico 4 – Estágio do setor de Relações Internacionais  
(a partir da percepção dos respondentes)



Fonte: Coleta de dados (2016).

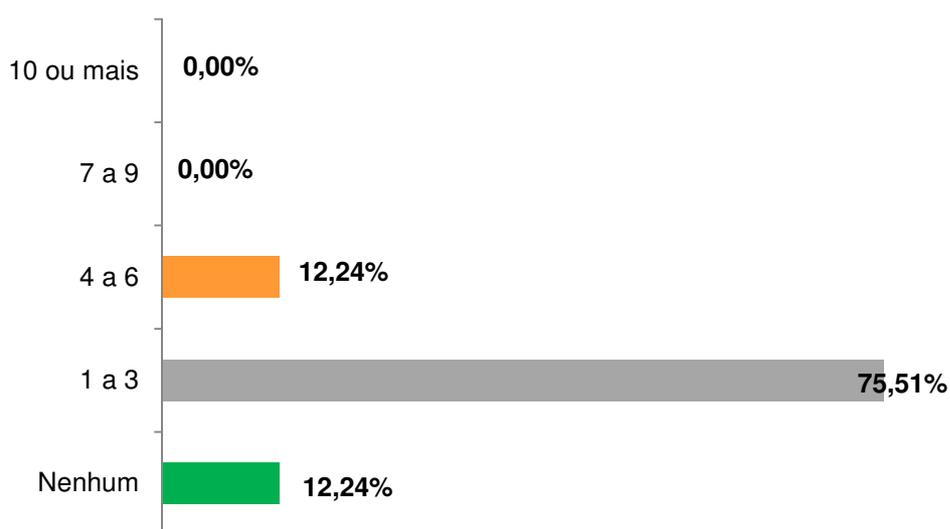
Quanto à estrutura dos setores, identificou-se uma predominância de setores com 1 a 3 docentes, e com 1 a 3 técnicos administrativos, conforme apresentado nos Gráficos 5 e 6. Sendo que o tamanho do setor não tem relação direta com o número de alunos ou tipo de instituição (faculdade, universidade, centro universitário ou instituto). Destaca-se ainda que 7 instituições informaram que o setor de relações internacionais é apenas composto por docentes, e outras 6 sinalizaram que não há docentes atuando junto ao setor, apenas técnicos administrativos.

Gráfico 5 – Técnicos Administrativos alocados no setor de Relações Internacionais



Fonte: Coleta de dados (2016)

Gráfico 6 – Docentes alocados no setor de Relações Internacionais

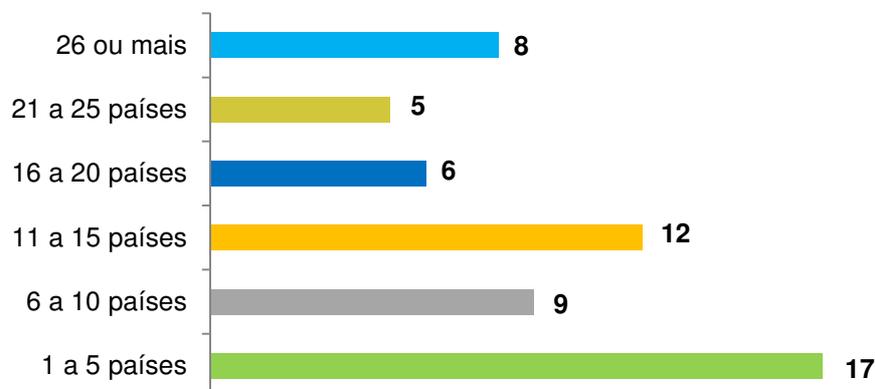


Fonte: Coleta de dados (2016).

A partir do Gráfico 6 identifica-se que nenhuma IES possui mais de 6 docentes no setor de Relações Internacionais, contudo chama-se atenção ao fato que 12,24% das respondentes não possuem nenhum docente no setor, indicando uma estrutura composta apenas por técnicos administrativos.

A próxima questão, buscou identificar o número de países nos quais as instituições possuem parceiros, a partir de um agrupamento, identifica-se que 29,82% das IES possuem parcerias em até 5 países, e 66,67% com até 15 países, conforme apresentado no Gráfico 7.

Gráfico 7 - N.º de países nos quais as IES possuem parcerias



Fonte: Coleta de dados (2016)

Quanto às IES que informaram ter parceiros em 26 países ou mais, identifica-se que todas são universidades, localizadas no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Rio de Janeiro, Mato Grosso e Ceará. Já as Faculdades em sua grande maioria possuem parceiras em 1 até 5 países.

Quanto aos países mais relevantes no processo de internacionalização do ensino, os respondentes destacaram Portugal, Espanha e Estados Unidos da América, conforme apresentado a partir da “Nuvem de Palavras” (Figura 8) onde estão apresentados todos os países informados pelos respondentes.

Figura 8 - Países mais relevantes no processo de internacionalização



Fonte: Elaborado pela autora a partir do software Tagcrowd.

Identifica-se que Portugal é o país com o qual um maior número de IES Brasileiras possuem parcerias, representando 66,7% dos respondentes. Resultado

este que pode ser evidenciado a partir do programa Ciências sem Fronteiras e também por representar menor distância psíquica, conforme teorias de internacionalização.

Assim, encerra-se o bloco de caracterização das IES, dos respondentes e sobre as atividades e setor de relações internacionais.

### 7.3 ANÁLISE DAS FREQUÊNCIAS

Neste capítulo será realizada a análise das médias e desvio padrão das variáveis das dimensões Gestão e Suporte Organizacional, Aluno, Docente, Currículo, Pesquisa e Parceria Internacional.

#### 7.3.1 Gestão e Suporte Organizacional

A dimensão Gestão e Suporte Organizacional (GSO) foi composta por 17 variáveis, apresentadas na Tabela 4. A média das variáveis desta dimensão está entre 2,415, com valor mais baixo na variável GSO\_v.15, e o mais alto 4,554 na variável GSO\_v.5. A mediana da maioria das variáveis ficou entre 3,00 (6 variáveis) e 4,00 (9 variáveis), sendo que as medianas mais alta e mais baixa correspondem as variáveis com maior e menor média, apresentadas anteriormente. Quanto ao desvio padrão, a questão com menor desvio foi também a GSO\_v.5 (0,5366), e o maior desvio padrão encontra-se na questão GSO\_v.13. Quanto à afirmação de menor domínio pelos respondentes (sem condições de opinar), identificou-se a variável GSO\_RF17, onde 6 respondentes manifestaram não ter a informação (SCO).

Tabela 4 – Dimensão Gestão e Suporte Organizacional

(continua)

Dimensão Gestão e Suporte Organizacional (A instituição...)	Nº resp.	SCO	Média	Mediana	Desvio Padrão
GSO_v.1) tem a internacionalização como uma prioridade/estratégia institucional	56	1	3,911	4,000	1,0665
GSO_v.2) possui metas e objetivos institucionais claramente definidos no PDI com vistas a internacionalização	57	0	3,807	4,000	1,0928
GSO_v.3) tem uma política definida para a internacionalização do ensino, da pesquisa e da extensão	56	1	3,607	4,000	1,1390

Tabela 4 – Dimensão Gestão e Suporte Organizacional

(conclusão)

GSO_v.4) monitora seus esforços para a internacionalização ( <i>BSC, Strategic Advisor, Business Intelligence, etc</i> )	53	4	3,057	3,000	1,3361
GSO_v.5) tem como objetivo aumentar a sua participação internacional	56	1	4,554	5,000	0,5366
GSO_v.6) produz material de divulgação institucional (site, folders, blogs, etc) em outro(s) idioma(s)	57	0	3,895	4,000	1,1446
GSO_v.7) tem participado de eventos internacionais anualmente	54	3	3,889	4,000	1,2388
GSO_v.8) possui funcionários técnicos administrativos aptos para o atendimento do público internacional	56	1	3,446	4,000	1,3338
GSO_v.9) incentiva a formação dos funcionários técnicos administrativos em línguas estrangeiras	56	1	3,696	4,000	1,2638
GSO_v.10) viabiliza a participação dos técnicos administrativos em eventos na rede de parceiros no exterior	56	1	3,089	3,000	1,2689
GSO_v.11) propicia aos técnicos administrativos o intercâmbio administrativo em instituições de ensino no exterior	55	2	2,873	3,000	1,3201
GSO_v.12) busca capacitar o corpo técnico administrativo para atendimento das demandas internacionais	56	1	3,143	3,000	1,2994
GSO_v.13) possui um orçamento institucional (centro de custo) específico para custear as atividades de internacionalização (bens de consumo, despesas de representação, divulgação, para a mobilidade discente e docente, entre outros)	54	3	3,167	4,000	1,4890
GSO_v.14) possui metas financeiras para o desenvolvimento da internacionalização	54	3	2,815	3,000	1,3746
GSO_v.15) constitui um fundo institucional para subsidiar as atividades de internacionalização	53	4	2,415	2,000	1,2775
GSO_v.16) disponibiliza recursos financeiros suficientes para a promoção da internacionalização	55	2	2,764	3,000	1,2614
GSO_v.17) já foi beneficiada com fontes externas de fomento para a promoção da internacionalização	51	6	3,529	4,000	1,3169

Fonte: Coleta de dados (2016).

Com base nos resultados observa-se que a grande maioria mais concorda (mediana 4,00) que discorda quanto às afirmações realizadas, ou seja, que as instituições possuem ações e percebem a importância da Gestão e do Suporte Organizacional para o desenvolvimento da internacionalização do ensino.

A partir da análise das médias dos subgrupos, identifica-se que as variáveis vinculadas aos recursos financeiros disponibilizados para as ações de internacionalização encontram o menor grau de concordância entre os

respondentes, obtendo a média de 2,938 (discordo).

Ainda na dimensão Gestão e Suporte Organizacional, na variável GSO\_v.7, para os 40 respondentes que sinalizaram concordo ou concordo totalmente para esta afirmação, os mesmos deveriam responder uma questão auxiliar, informando quais os eventos em que participam anualmente ou periodicamente. Assim, 40 respondentes informaram que a instituição participa do FAUBAI, 21 participam do NAFSA, 14 do EAIE. Observa-se ainda que 7 instituições geralmente participam dos 3 eventos mencionados acima, enquanto as demais participam apenas de um dos eventos sugeridos. Além destes, como havia um campo para “outros”, foram mencionados os seguintes eventos: Congresso de Acessibilidade e Inclusão na Educação (CAIE), Going Global, GCUB, NUFFIC, British Council, DAAD, Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G), Organização dos Estados Americanos (OEA), Grupo Coimbra, *Higher Education Fair* (BMI) e *Campus France*.

### 7.3.2 Aluno

O mesmo procedimento para analisar as variáveis vinculadas a dimensão “Alunos”, a qual foi composta por 15 variáveis, conforme apresentado na Tabela 5. Identificou-se que a menor média foi atribuída a variável AL\_v.29, sendo 2,464, enquanto a maior média, de 4,491, foi atribuída a afirmação AL\_v.26.

Quanto a mediana, 60% das variáveis está em 4,00 (9 de 15 variáveis), sendo que a maior mediana (5,00) foi atribuída a variável AL\_v.26, assim como o menor desvio padrão (0,6846). O maior desvio padrão ocorreu na variável AL\_v.23, sendo que nesta questão 16 instituições sinalizaram entre discordo totalmente e discordo, e 35 sinalizaram que concordo e concordo totalmente com a afirmação. E o maior número de respostas “sem condições de opinar” foi na variável AL\_v.32.

Tabela 5 – Dimensão Aluno

(continua)

Dimensão Aluno (A instituição...)	Nº respos.	SCO	Média	Mediana	Desvio Padrão
AL_v.18) possui estratégias para atrair e selecionar alunos do exterior	57	0	3,281	4,000	1,2783
AL_Int19) identifica um número crescente de alunos estrangeiros matriculados nos seus cursos de Graduação e Pós-Graduação nos últimos 5 anos	56	1	3,375	4,000	1,3693

Tabela 5 – Dimensão Aluno

(conclusão)

AL_v.20) possui um número crescente de alunos estrangeiros inscritos em eventos de curta duração promovidos pela IES nos últimos 5 anos	55	2	2,636	2,000	1,3245
AL_v.21) fornece subsídio financeiro para a vinda de alunos estrangeiros	56	1	2,661	2,000	1,3788
AL_v.22) fornece subsídio logístico aos alunos estrangeiros que participam de alguma atividade no campus	56	1	3,429	4,000	1,2039
AL_Int23) promove eventos para integração entre estudantes locais e internacionais	56	1	3,482	4,000	1,4269
AL_v.24) planeja ações acadêmicas específicas para atender e atrair alunos internacionais	55	2	3,236	4,000	1,3739
AL_v.25) tem programas co-curriculares para estudantes internacionais	54	3	2,981	3,000	1,3527
AL_v.26) orienta seus alunos sobre oportunidades de bolsas, cursos e intercâmbios internacionais	57	0	4,491	5,000	0,6846
AL_v.27) apoia os alunos para participarem de atividades de mobilidade no exterior (suporte logístico, palestras informativas, apoio com psicólogos e professores, auxílio nos trâmites legais da viagem, etc)	56	1	4,089	4,000	0,9775
AL_v.28) oportuniza aos acadêmicos a possibilidade de estudos no exterior (graduação, pós-graduação ou extensão)	57	0	4,193	4,000	0,8750
AL_v.29) possui um programa de auxílio financeiro para formação do aluno no exterior	56	1	2,464	2,000	1,2787
AL_v.30) apresenta um número crescente de atividades para a promoção da internacionalização entre os discentes, nos últimos 5 anos	56	1	3,696	4,000	1,2346
AL_v.31) tem ampliado o número de alunos que participam de ações internacionais nos últimos 5 anos	56	1	3,911	4,000	1,0493
AL_v.32) teve alunos premiados em eventos no exterior nos últimos 5 anos	46	11	2,957	3,000	1,3977

Fonte: Coleta de dados (2016).

Nas afirmações AL\_v.19 e AL\_v.20 quando sinalizado pelos respondentes as opções Concordo ou Concordo Totalmente, eram convidados a informar o número de alunos estrangeiros que participaram de alguma atividade acadêmica nos últimos 5 anos em suas respectivas instituições. Assim, como não era questão obrigatória, 8 IES informaram o número de alunos estrangeiros desde 2011, conforme é apresentado na Tabela 6.

Tabela 6 – Alunos estrangeiros na Instituição

Ano	Nº respostas	Média por IES	Menor n.º de aluno por IES	Maior n.º de aluno por IES
2011	8	30	4	67
2012	8	36	6	102
2013	8	39	2	107
2014	8	45	7	110
2015	8	57	12	118

Fonte: Coleta de dados (2016).

A partir do cruzamento das respostas do número de alunos estrangeiros (2015) pelo número total de alunos das instituições (apenas das 8 que responderam a questão AL\_v.20.1), identifica-se que o número de alunos estrangeiros representa em média 0,45% do total de alunos matriculados nas instituições de ensino superior brasileiras.

### 7.3.3 Docente

O mesmo procedimento anterior foi realizado para analisar as 11 variáveis da dimensão Docente, conforme dados apresentados na Tabela 7. A menor média (2,873) deste bloco está na variável PROF\_v.34, e a maior média (3,911) está na variável PROF\_v.35. A mediana das variáveis está em 4,00 (9 de 11 variáveis), sendo que a menor mediana 3,00 foi identificada nas variáveis PROF\_v.34 e PROF\_v.43, a qual também foi a questão com maior incidência de “sem condições de opinar”, totalizando 26,3%. O desvio padrão teve variações entre 0,9505 e 1,3074, respectivamente nas afirmações PROF\_v.38 e PROF\_v.42.

Tabela 7 – Dimensão Docente

(continua)

Dimensão Docente (A instituição...)	Nº resp.	SCO	Média	Mediana	Desvio Padrão
PROF_v.33) incentiva a formação docente no exterior	54	3	3,685	4,000	1,1463
PROF_v.34) tem uma política de incentivo financeiro e político à formação docente no exterior	55	2	2,873	3,000	1,1715
PROF_v.35) oportuniza a participação docente em eventos acadêmicos internacionais	56	1	3,911	4,000	1,0318
PROF_v.36) avalia como imprescindível a participação dos docentes em eventos acadêmicos internacionais	53	4	3,792	4,000	1,0444
PROF_v.37) incentiva financeiramente a participação de docentes em eventos acadêmicos internacionais	57	0	3,368	4,000	1,1438

Tabela 7 – Dimensão Docente

(conclusão)

PROF_v.38) identifica uma crescente participação de docentes em eventos acadêmicos internacionais	51	6	3,765	4,000	0,9505
PROF_v.39) possui um número crescente de docentes com experiência internacional (formação, especialização e/ou morou por mais de 6 meses no exterior) nos últimos 5 anos	49	8	3,673	4,000	1,1970
PROF_v.40) possui docentes aptos para lecionar disciplinas em outros idiomas	51	6	3,882	4,000	0,9929
PROF_v.41) possui docentes que já atuaram ou atuam em IES no exterior	45	12	3,822	4,000	1,1734
PROF_v.42) tem atualmente docentes estrangeiros que participam das atividades acadêmicas de ensino, pesquisa e extensão	54	3	3,630	4,000	1,3074
PROF_v.43) tem como meta institucional a contratação de docentes estrangeiros	42	15	2,881	3,000	1,2337

Fonte: Coleta de dados (2016).

### 7.3.4 Currículo

A próxima dimensão analisada refere-se ao Currículo, a qual foi composta por 12 variáveis, conforme apresentado na Tabela 8. Identificou-se a partir da análise das médias que na dimensão Currículo obteve-se as menores médias e medianas de todo o conjunto de dimensões avaliadas, sendo que a média ficou entre 2,070 (menor) e 3,038 (maior), respectivamente nas variáveis CUR\_v.45 e CUR\_v.51. Neste bloco a mediana das variáveis está em 2,00 (9 de 12 variáveis), sendo que as variáveis CUR\_v.44 e CUR\_v.51 apresentaram mediana de maior valor (3,00).

Dentre as variáveis que compõem a dimensão Currículo, a afirmação CUR\_v.55, apresentou o maior número de respostas sinalizadas como “sem condições de opinar”, sinalizada por 14% dos respondentes.

Tabela 8 – Dimensão Currículo

(continua)

Dimensão Currículo (A instituição...)	Nº resp.	SCO	Média	Mediana	Desvio Padrão
CUR_v.44) realiza ou já realizou nos últimos 5 anos cursos de curta duração ministrados em língua estrangeira	55	2	2,945	3,000	1,4197
CUR_v.45) possui cursos de graduação específicos para atender demandas de alunos internacionais	57	0	2,070	2,000	1,0152
CUR_v.46) disponibiliza na grade curricular dos cursos de graduação componentes curriculares em língua estrangeira	57	0	2,561	2,000	1,3760
CUR_v.47) tem a grade curricular dos seus cursos de graduação alinhada com currículos acadêmicos de outras IES no exterior	49	8	2,592	2,000	1,2234

Tabela 8 – Dimensão Currículo

	(conclusão)				
CUR_v.48) possui cursos de pós-graduação (especialização/MBA) específicos para atender demandas de alunos internacionais	57	0	2,140	2,000	1,1408
CUR_v.49) possui cursos de Pós-Graduação (lato e stricto sensu) em língua estrangeira	56	1	2,125	2,000	1,0798
CUR_v.50) utiliza tecnologias EaD para realização de cursos em parceria com IES do mundo	53	4	2,453	2,000	1,3526
CUR_v.51) tem uma política institucional com vistas à internacionalização do currículo	52	5	3,038	3,000	1,3279
CUR_v.52) oferece cursos de graduação em parceria com instituições de outros países	56	1	2,696	2,000	1,4132
CUR_v.53) oferece cursos de especialização em parceria com instituições de outros países (dupla titulação)	55	2	2,691	2,000	1,4640
CUR_v.54) possui programas de mestrado e doutorado em parceria com instituições de outros países (dupla titulação)	54	3	2,741	2,500	1,3484
CUR_v.55) oferece a possibilidade de formação em regime de cotutela	49	8	2,714	2,000	1,3540

Fonte: Coleta de dados (2016).

### 7.3.5 Pesquisa

Este bloco foi composto por 11 variáveis, sendo que nesta dimensão obtiveram-se o maior número de respostas “Sem Condições de Opinar”, conforme pode ser identificado na Tabela 9, sendo que este comportamento já era esperado, uma vez que na etapa qualitativa (entrevistas para formulação do questionário) os gestores entrevistados informaram que mesmo sendo fundamental para o processo de internacionalização, estas informações não eram de domínio do setor de relações internacionais, pois o processo da pesquisa geralmente é coordenado por outra área na instituição, sendo geralmente uma pró-reitoria de Pesquisa. As variáveis PESQ\_v.64 e PESQ\_v.61 foram as que obtiveram o menor número de respostas válidas, 32 e 36 respectivamente, de um total de 57 respondentes.

Tabela 9 – Dimensão Pesquisa

Dimensão Pesquisa (A instituição...)	Nº resp.	SCO	(continua)		
			Média	Mediana	Desvio Padrão
PESQ_v.56) estimula a dimensão internacional na pesquisa	53	4	3,943	4,000	1,0080
PESQ_v.57) possui orçamento institucional para a cooperação internacional da pesquisa	47	10	2,745	3,000	1,2242
PESQ_v.58) possui alunos participando de grupos de pesquisas internacionais	42	15	3,452	4,000	1,1519
PESQ_v.59) tem docentes vinculados a grupos de pesquisas internacionais	50	7	3,820	4,000	1,1726

Tabela 9 – Dimensão Pesquisa

	(conclusão)				
PESQ_v.60) apresenta um crescimento no número de projetos de pesquisa internacional com parceiros de cooperação internacional nos últimos 5 anos	45	12	3,378	4,000	1,3192
PESQ_v.61) apresenta um aumento no número de citações internacionais por docentes nos últimos 5 anos	36	21	3,611	4,000	1,1778
PESQ_v.62) apresenta um aumento no número de publicações em coautoria internacional	38	19	3,421	4,000	1,1771
PESQ_v.63) possui reconhecimento internacional da pesquisa (publicações)	38	19	3,316	4,000	1,3174
PESQ_v.64) possui reconhecimento internacional da pesquisa (patentes)	32	25	2,594	2,500	1,1031
PESQ_v.65) possui contratos formalizados que visam a pesquisa e a colaboração educativa com parceiros internacionais	51	6	3,765	4,000	1,1417
PESQ_v.66) incentiva os docentes à formalização de convênios de cooperação com instituições internacionais	56	1	4,071	4,000	0,8498

Fonte: Coleta de dados (2016).

A média das variáveis deste bloco ficou entre 2,594 na PESQ\_v.64 e 4,071 na PESQ\_v.66. A variável PESQ\_v.66 apresentou o menor desvio padrão (0,8498), e o maior foi identificado na variável PESQ\_v.60, representando 1,3192. A mediana de 9 variáveis ficou em 4,00, e a menor mediana de todas as dimensões também ficou neste bloco, na questão PESQ\_v.64, com 2,50.

### 7.3.6 Parceria Internacional

O último bloco analisado (Tabela 10) refere-se à Dimensão Parceria Internacional, a qual foi composto por 7 variáveis, e apresentou as maiores médias e menores desvios padrão dentre todas as variáveis utilizadas no instrumento de coleta de dados. A maior média (4,491) deste bloco foi encontrada na variável PARC\_v.69, e a menor média foi 3,583 na variável PARC\_v.72. Em 71,43% a mediana foi 4,00, sendo que a variável PARC69 apresentou a maior mediana 5,00, e esta mesma apresentou o menor desvio padrão, 0,6580. O maior desvio padrão foi na variável PARC\_v.68, de 1,2673.

Tabela 10 – Dimensão Parceria Internacional

Dimensão Parceria Internacional (A instituição...)	Nº resp.				
		SCO	Média	Mediana	Desvio Padrão
PARC_v.67) considera imprescindível a participação em eventos internacionais, para avanço da internacionalização do ensino	55	2	4,255	4,000	0,8214
PARC_v.68) monitora a efetividade das parcerias internacionais	55	2	3,636	4,000	1,2673
PARC_v.69) possui parceria com instituições de ensino no exterior	57	0	4,491	5,000	0,6580
PARC_v.70) apresenta um crescente número de acordos de cooperação com instituições de ensino do exterior, nos últimos 5 anos	56	1	4,232	4,000	0,9340
PARC_v.71) participa de associações internacionais e de cooperação acadêmica	55	2	3,836	4,000	1,1347
PARC_v.72) possui convênios de cooperação com instituições internacionais ranqueadas	48	9	3,583	4,000	1,3182
PARC_v.73) formaliza suas parcerias internacionais a partir de convênios de cooperação	56	1	4,179	4,500	1,0463

Fonte: Coleta de dados (2016).

Assim, a partir das médias pode-se identificar que 9 variáveis apresentaram média geral acima de 4, o que significa que as instituições concordam que realizam esforços adequados. As variáveis melhores avaliadas foram: GSO\_v.5 (4,55), AL\_v.26; 27 e 28 (4,49; 4,09 e 4,19), PESQ\_v.66 (4,07) e PARC\_v.67; 69; 70 e 73 (4,25; 4,49; 4,23 e 4,18 respectivamente).

#### 7.4 ANÁLISE FATORIAL EXPLORATÓRIA

A análise fatorial exploratória foi utilizada visto que o objetivo foi utilizar métodos estatísticos para definir a estrutura subjacente em uma matriz de dados (HAIR et al., 2005). Os autores ainda definem que a partir desta análise é possível identificar as dimensões separadas da estrutura e determinar o grau em que cada variável é explicada por cada dimensão.

A análise fatorial também pode identificar variáveis representativas de um conjunto maior de variáveis, ou criar um conjunto inteiramente novo de variáveis, muito menor, para substituir o conjunto original de variáveis para inclusão em técnicas subsequentes (HAIR et al. 2005).

Com o objetivo de reduzir o número de variáveis originais e definir o número de fatores que melhor explicam cada dimensão, foi empregado o procedimento de rotação dos eixos fatoriais através da rotação varimax. Sendo que variáveis com

carga fatorial abaixo de 0,5 foram excluídas.

No passo seguinte foi realizada a interpretação dos fatores. A verificação do número de fatores a serem extraídos foi obtida a partir do critério de percentagem da variância, que segundo Hair et al. (2005) é uma abordagem baseada na conquista de um percentual cumulativo especificado da variância total extraída por fatores sucessivos, sendo que neste estudo serão aceitas soluções que explique a partir de 60% da variância total como satisfatória.

A adequacidade da amostra foi avaliada através do método KMO. Também foi utilizado o teste de esferecidade de Bartlett, o qual verifica a hipótese de que as variáveis não sejam correlacionadas na população. Para assegurar a confiabilidade das escalas foi empregado o teste do coeficiente de Alfa de Cronbach, que avalia a consistência da escala interna.

#### 7.4.1 Gestão e Suporte Organizacional

A identificação dos fatores foi realizada pelo método dos componentes principais – PCA, com rotação Varimax. A partir da rotação foram identificados 4 fatores vinculados à dimensão Gestão e Suporte Organizacional, os quais explicam 67,68% do total do construto (total da variância explicada), e são considerados satisfatórios (Tabela 11).

Tabela 11 – Dimensão Gestão e Suporte Organizacional

(continua)

Dimensão Gestão e Suporte Organizacional (A instituição...)	Matriz de componente rotativa <sup>a</sup>				Análise de Confiabilidade
	Fatores				Alfa de Cronbach
	Planejamento institucional	Comunicação institucional internacional	Aspectos financeiros	Técnicos administrativ.	
GSO_v.2) possui metas e objetivos institucionais claramente definidos no PDI com vistas a internacionalização	,829				0,833
GSO_v.3) tem uma política definida para a internacionalização do ensino, da pesquisa e da extensão	,781				
GSO_v.1) tem a internacionalização como uma prioridade/estratégia institucional	,688				
GSO_v.4) monitora seus esforços para a internacionalização ( <i>BSC, Strategic Advisor, Business Intelligence, etc</i> )	,554				

Tabela 11 – Dimensão Gestão e Suporte Organizacional

					(conclusão)
GSO_v.7) tem participado de eventos internacionais anualmente		<b>,876</b>			0,769
GSO_v.10) viabiliza a participação dos técnicos administrativos em eventos na rede de parceiros no exterior		<b>,667</b>			
GSO_v.6) produz material de divulgação institucional (site, folders, blogs, etc) em outro(s) idioma(s)		<b>,647</b>			
GSO_v.16) disponibiliza recursos financeiros suficientes para a promoção da internacionalização		<b>,583</b>			0,858
GSO_v.15) constitui um fundo institucional para subsidiar as atividades de internacionalização			<b>,798</b>		
GSO_v.14) possui metas financeiras para o desenvolvimento da internacionalização			<b>,767</b>		
GSO_v.13) possui um orçamento institucional (centro de custo) específico para custear as atividades de internacionalização (bens de consumo, despesas de representação, divulgação, para a mobilidade discente e docente, entre outros)			<b>,702</b>		
GSO_v.8) possui funcionários técnicos administrativos aptos para o atendimento do público internacional			<b>,500</b>		0,77
GSO_v.12) busca capacitar o corpo técnico administrativo para atendimento das demandas internacionais				<b>,802</b>	
GSO_v.11) propicia aos técnicos administrativos o intercâmbio administrativo em instituições de ensino no exterior				<b>,715</b>	
GSO_v.9) incentiva a formação dos funcionários técnicos administrativos em línguas estrangeiras				<b>,575</b>	
GSO_v.17) já foi beneficiada com fontes externas de fomento para a promoção da internacionalização				<b>,518</b>	

Fonte: Coleta de Dados (2016).

A partir da análise dos componentes principais com rotação varimax, a variável GSO\_v.5 apresentou carga fatorial abaixo de 0,4, sendo retirada do construto. As demais apresentaram carga fatorial aceitáveis e foram mantidas no estudo.

A medida de confiabilidade por meio do teste de Alfa de Cronbach demonstrou-se satisfatória. Sendo que o fator com menor confiabilidade obteve  $\alpha = 0,769$  e o maior foi  $\alpha = 0,858$ . Quanto ao teste KMO, obteve-se uma adequação mediana de 0,750. O teste de esfericidade de Bartlett demonstrou não existir correlação significativa entre as variáveis ( $p < 0,001$ ), possibilitando o uso da análise fatorial.

A partir da análise das cargas fatoriais, foram identificados 4 construtos

vinculados a dimensão Gestão e Suporte Organizacional, sendo eles:

- Planejamento Institucional: este fator foi composto por variáveis vinculadas à identificação de um planejamento institucional para o desenvolvimento da internacionalização (metas, planejamento, políticas e monitoramento das ações de internacionalização). Observa-se que este construto explicou 41,051% da variância obtida na dimensão Gestão e Suporte Organizacional, e apresentou um índice de confiabilidade aceitável ( $\alpha=0,833$ ).

- Comunicação institucional internacional: este fator foi composto por 4 variáveis, que explicaram 11,984% da variância obtida na dimensão Gestão e Suporte Organizacional, e um índice de confiabilidade de 0,769, estando dentro dos limites aceitáveis, conforme destacado na literatura. Este fator busca identificar o nível de participação da instituição em eventos internacionais, e se a instituição tem uma comunicação que atenda às necessidades do público internacional (folders, site, e outras formas de divulgação, em outro idioma).

- Aspectos financeiros: este construto é composto por 4 variáveis voltadas a questões financeiras, sendo que a partir destas é possível identificação se a instituição possui metas financeiras, orçamento específico para a internacionalização e fundo institucional para subsidiar as atividades de internacionalização. Este construto, explicou 8,098% da variância obtida na dimensão GSO, e apresentou um índice de confiabilidade de 0,858 (alfa de Cronbach).

- Técnicos administrativos: este construto foi composto por 4 variáveis que buscam identificar se a instituição incentiva a formação dos técnicos administrativos em línguas estrangeiras, se a mesma propicia intercâmbios administrativos, se capacita este público para as demandas internacionais e ainda se já foi beneficiada com fontes externas para promoção da internacionalização. O construto explicou 6,549% da variância obtida para a dimensão GSO, tendo um alfa de Cronbach de 0,77, o qual está acima do limite inferior aceitável.

#### **7.4.2 Aluno**

O mesmo procedimento anterior foi realizado para avaliar a dimensão Alunos. A partir da matriz de componente rotativa (varimax), as variáveis AL\_v.19 e AL\_v.23 foram retiradas do estudo pois apresentaram carga fatorial acima de 0,5 em mais de

um fator, podendo prejudicar análises futuras. As demais variáveis, sinalizaram carga fatorial acima de 0,50 em apenas um fator, e foram preservadas.

A medida de confiabilidade por meio do teste de Alfa de Cronbach demonstrou-se satisfatória. Sendo que o fator com menor confiabilidade obteve  $\alpha = 0,75$  e o maior foi  $\alpha = 0,876$ , conforme apresentado na Tabela 12. No teste KMO, identificou-se uma adequação admirável, de 0,818. O teste de esfericidade de Bartlett demonstrou não existir correlação significativa entre as variáveis ( $p < 0,001$ ), possibilitando o uso da análise fatorial.

Tabela 12 - Dimensão Aluno

Dimensão Aluno (A instituição...)	Matriz de componente rotativa <sup>a</sup>			Análise de Confiabilidade
	Fatores			Alfa de Cronbach
	Aluno internacional	Mobilidade Discente	Incentivo/apoio institucional	
AL_v.24) planeja ações acadêmicas específicas para atender e atrair alunos internacionais	,772			0,876
AL_v.21) fornece subsídio financeiro para a vinda de alunos estrangeiros	,771			
AL_v.25) tem programas co-curriculares para estudantes internacionais	,727			
AL_v.22) fornece subsídio logístico aos alunos estrangeiros que participam de alguma atividade no campus	,716			
AL_v.20) possui um número crescente de alunos estrangeiros inscritos em eventos de curta duração promovidos pela IES nos últimos 5 anos	,695			
AL_v.29) possui um programa de auxílio financeiro para formação do aluno no exterior	,581			
AL_v.18) possui estratégias para atrair e selecionar alunos do exterior	,558			0,75
AL_v.31) tem ampliado o número de alunos que participam de ações internacionais nos últimos 5 anos		,801		
AL_v.30) apresenta um número crescente de atividades para a promoção da internacionalização entre os discentes, nos últimos 5 anos		,797		
AL_v.32) teve alunos premiados em eventos no exterior nos últimos 5 anos		,654		0,815
AL_v.26) orienta seus alunos sobre oportunidades de bolsas, cursos e intercâmbios internacionais			,870	
AL_v.27) apoia os alunos para participarem de atividades de mobilidade no exterior			,856	
AL_v.28) oportuniza aos acadêmicos a possibilidade de estudos no exterior (graduação, pós-grad.ou extensão)			,732	

Fonte: Coleta de dados (2016).

A partir da rotação dos fatores pelo método varimax, foram identificados três fatores vinculados a dimensão “Aluno”, conforme:

- Alunos internacionais: este construto explicou 45,394% da variância obtida na dimensão Aluno, e foi composto por 7 variáveis que buscaram compreender as estratégias institucionais para atrair alunos do exterior (programas específicos para este público, subsídios financeiros, legais, logísticos, entre outros) bem como identificar a movimentação de alunos internacionais nos últimos 5 anos na instituição. O índice de confiabilidade também foi satisfatório, sendo  $\alpha = 0,876$ .

- Mobilidade Discente: este fator foi composto por 3 variáveis, que explicam 13,174% da variância explicada desta dimensão. As variáveis vinculadas a este construto buscam mensurar se as instituições têm ampliado o número de alunos que participam de ações/atividades no exterior. O construto apresentou confiabilidade de  $\alpha = 0,75$ , sendo aceitável.

- Incentivo/apoio institucional: o terceiro fator foi composto por 3 variáveis, as quais explicam 7,565% da variância obtida nesta dimensão, com um índice de confiabilidade de 0,815 (alfa de Cronbach). A proximidade das variáveis justifica-se uma vez que estão diretamente relacionadas às oportunidades e incentivos promovidos pela instituição para que seus alunos participem de atividades no exterior.

### 7.4.3 Docente

Para identificação dos fatores utilizou-se novamente os mesmos métodos referenciados nas dimensões anteriores. A partir da análise fatorial exploratória, obteve-se 3 fatores, os quais explicam 72,70% do construto.

A partir da análise da carga fatorial foi excluída a variável PROF\_v.42 (a instituição tem atualmente docentes estrangeiros que participam das atividades acadêmicos de ensino, pesquisa e extensão), a qual apresentou alta carga fatorial em dois fatores. As demais variáveis foram mantidas, conforme apresentado na Tabela 13.

A partir do teste de Alfa de Cronbach que mede a confiabilidade do instrumento, identificou-se que um dos fatores apresenta o alfa abaixo de 0,60, que

conforme Hair et al. (2005) é o mínimo aceitável em casos exploratórios, porém optou-se por mantê-lo pois a variância total explicada com apenas 2 fatores passaria para 53,74%, percentual este que é inadequado, conforme bibliografia analisada. No teste KMO, identificou-se uma adequação mediana de 0,706. O teste de esferecidade de Bartlett demonstrou não existir correlação significativa entre as variáveis ( $p < 0,001$ ), possibilitando o uso da análise fatorial.

Tabela 13: Dimensão Docente

Dimensão Docente (A instituição...)	Matriz de componente rotativa <sup>a</sup>			Análise de Confiabilidade
	Fatores			Alfa de Cronbach
	Formação internacional	Experiência internacional	Atuação docente	
PROF_v.34) tem uma política de incentivo financeiro e político à formação docente no exterior	<b>,870</b>			0,876
PROF_v.37) incentiva financeiramente a participação de docentes em eventos acadêmicos internacionais	<b>,780</b>			
PROF_v.38) identifica uma crescente participação de docentes em eventos acadêmicos internacionais	<b>,762</b>			
PROF_v.39) possui um número crescente de docentes com experiência internacional (formação, especialização e/ou morou por mais de 6 meses no exterior) nos últimos 5 anos	<b>,708</b>			
PROF_v.35) oportuniza a participação docente em eventos acadêmicos internacionais	<b>,697</b>			
PROF_v.33) incentiva a formação docente no exterior	<b>,614</b>			
PROF_v.36) avalia como imprescindível a participação dos docentes em eventos acadêmicos internacionais		<b>,771</b>		0,551
PROF_v.43) tem como meta institucional a contratação de docentes estrangeiros		<b>,689</b>		
PROF_v.40) possui docentes aptos para lecionar disciplinas em outros idiomas			<b>,819</b>	0,687
PROF_v.41) possui docentes que já atuaram ou atuam em IES no exterior			<b>,783</b>	

Fonte: Coleta de dados (2016)

Assim, a partir da rotação varimax, foram retidos três fatores vinculados à dimensão Docente:

- Formação internacional: o construto foi composto por seis variáveis, que explicaram 49,287% da variância obtida para esta dimensão, com um índice de confiabilidade de 0,876. Sendo que as variáveis deste construto em sua essência buscam identificar se os docentes são incentivados (politicamente e/ou

financeiramente) para uma formação internacional (formação e eventos acadêmicos), e se este número é crescente.

- **Experiência internacional:** o construto foi composto por duas variáveis, que explicaram 13,168% da variância obtida, porém como mencionado anteriormente, com um índice de confiabilidade de 0,551, o qual se encontra abaixo do recomendado por Hair et. al. (2005), porém mantido no estudo pelos motivos argumentados no início deste subcapítulo. As variáveis que compuseram o construto experiência internacional buscam analisar se as IES têm como meta o recrutamento de docentes estrangeiros e ainda se considera imprescindível a experiência dos seus docentes em eventos no exterior.

- **Atuação docente:** este construto foi composto por duas variáveis que tem como objetivo identificar se as instituições possuem docentes aptos para lecionar disciplinas em outros idiomas e se os membros do corpo docente já lecionaram em outros países. Este construto explica 10,248% da variância obtida na dimensão Docente, com um índice de confiabilidade de 0,687, conforme apresentado na Tabela 13.

#### **7.4.4 Currículo**

A partir da análise fatorial exploratória, obteve-se três fatores, os quais explicam 68,35% do construto, sendo considerável aceitável, conforme referencial teórico analisado. A partir da análise da carga fatorial pela rotação varimax, identificou-se a necessidade de exclusão da variável CUR\_v.51, a qual apresentou alta carga fatorial em mais de um fator. As demais variáveis foram mantidas, sendo que apresentam cargas fatoriais acima do limite aceitável de 0,50, conforme apresentado na Tabela 14.

O teste Alfa de Cronbach demonstrou que todos os fatores apresentaram um índice de confiabilidade adequado, acima de 0,60 (HAIR et. al.; 2005). No teste KMO, identificou-se uma adequação mediana de 0,754. O teste de esferecidade de Bartlett demonstrou não existir correlação significativa entre as variáveis ( $p < 0,001$ ), possibilitando o uso da análise fatorial.

Tabela 14 - Dimensão Currículo

Dimensão Currículo	Matriz de componente rotativa <sup>a</sup>			Análise de Confiabil.
	Fatores			Alfa de Cronbach
	Programas de graduação e pós-graduação Lato Sensu em parceria com IES do exterior	Cursos com componentes internacionais	Programas Stricto Sensu em parcerias com IES do exterior	
CUR_v. 48) possui cursos de pós-graduação (especialização/MBA) específicos para atender demandas de alunos internacionais	<b>,835</b>			0,894
CUR_v. 50) utiliza tecnologias EaD para realização de cursos em parceria com IES do mundo	<b>,835</b>			
CUR_v.53) oferece cursos de especialização em parceria com instituições de outros países (dupla titulação)	<b>,752</b>			
CUR_v.52) oferece cursos de graduação em parceria com instituições de outros países	<b>,719</b>			
CUR_v.45) possui cursos de graduação específicos para atender demandas de alunos internacionais	<b>,665</b>			
CUR_v.44) realiza ou já realizou nos últimos 5 anos cursos de curta duração ministrados em língua estrangeira		<b>,861</b>		0,784
CUR_v.46) disponibiliza na grade curricular dos cursos de graduação componentes curriculares em língua estrangeira		<b>,838</b>		
CUR_v.47) tem a grade curricular dos seus cursos de graduação alinhada com currículos acadêmicos de outras IES no exterior		<b>,579</b>		
CUR_v.55) oferece a possibilidade de formação em regime de cotutela			<b>,898</b>	0,643
CUR_v.54) possui programas de mestrado e doutorado em parceria com instituições de outros países (dupla titulação)			<b>,694</b>	

Fonte: Coleta de dados (2016).

Pela rotação varimax, foram identificados três construtos vinculados a dimensão “Currículo”, sendo eles: Programa de graduação e pós-graduação em parceria com IES do exterior; Cursos com componentes internacionais; e Programas Stricto Sensu em parcerias com IES do exterior.

- Programas de graduação e pós-graduação Lato Sensu em parceria

com IES do exterior: este construto foi composto por cinco variáveis, as quais explicam 46,795% da variância obtida. Este construto tem como objetivo identificar se a instituição oferece cursos de graduação com componentes curriculares em língua inglesa, se o currículo é alinhado com currículos de IES no exterior, se oferece cursos de graduação, de especialização ou ainda cursos na modalidade EaD em parceria com IES no exterior. A partir do teste Alfa de Cronbach, identifica-se um índice de confiabilidade adequado, conforme apresentado na Tabela 14 ( $\alpha = 0,894$ ).

- Cursos com componentes internacionais: este construto foi composto por três variáveis, as quais explicam 12,014% da variância obtida para esta dimensão, e apresentam um índice de confiabilidade, expresso pelo Alfa de Cronbach, de 0,784. As variáveis deste construto buscam identificar se a IES realiza ou realizou cursos de curta duração em outro idioma, e se na grade curricular dos seus cursos de graduação há componentes curriculares em língua estrangeira e se os mesmos possuem alinhamento com currículos de IES do exterior.

- Programas Stricto Sensu em parcerias com IES do exterior: composto por duas variáveis, este construto explicou 9,540% da variância obtida, com um índice de confiabilidade de  $\alpha = 0,643$ . As duas variáveis que compõem este fator buscam identificar se as IES Brasileiras possuem programas de mestrado e doutorado em parcerias com IES no exterior, bem como a possibilidade de formação em regime de cotutela.

#### **7.4.5 Pesquisa**

A partir da análise fatorial exploratória, obteve-se um único fator (Tabela 15), o qual explica 68,83% do construto, sendo considerável aceitável, conforme referencial teórico analisado.

A partir da análise da carga fatorial pela matriz de componente, apenas a variável PESQ\_v.66 foi retirada do construto pois apresentou carga fatorial de 0,463, estando abaixo do índice recomendável pela literatura. A medida de confiabilidade da escala, por meio do teste de Alfa de Cronbach, demonstrou ser satisfatório, obtendo  $\alpha = 0,96$ . O teste KMO apresentou 0,842 de adequação, considerada como admirável. O teste de esferecidade de Bartlett demonstrou não existir correlação

significante entre as variáveis ( $p < 0,001$ ), possibilitando o uso da análise fatorial.

Assim, o construto denominado Pesquisa (mesmo nome da dimensão), foi composto por 10 variáveis, as quais buscam identificar de forma geral se a instituição realiza esforços para que ocorra a pesquisa em nível internacional (se possui alunos e/ou docentes participando de redes de pesquisas internacionais, se há incentivo financeiro para viabilização desta atividade, se há docentes e alunos que possuem citações ou publicações em coautoria internacional e se há contratos formalizados para a realização de pesquisas).

Tabela 15 - Dimensão Pesquisa

Dimensão Pesquisa (A instituição...)	Matriz de componente	Análise de Confiabilidade
	Fator	Alfa de Cronbach
	Pesquisa	
PESQ_v.60) apresenta um crescimento no número de projetos de pesquisa internacional com parceiros de cooperação internacional nos últimos 5 anos	,965	0,96
PESQ_v.63) possui reconhecimento internacional da pesquisa (publicações)	,956	
PESQ_v.59) tem docentes vinculados a grupos de pesquisas internacionais	,939	
PESQ_v.62) apresenta um aumento no número de publicações em coautoria internacional	,931	
PESQ_v.57) possui orçamento institucional para a cooperação internacional da pesquisa	,879	
PESQ_v.58) possui alunos participando de grupos de pesquisas internacionais	,863	
PESQ_v.61) apresenta um aumento no número de citações internacionais por docentes nos últimos 5 anos	,823	
PESQ_v.65) possui contratos formalizados que visam a pesquisa e a colaboração educativa com parceiros internacionais	,794	
PESQ_v.64) possui reconhecimento internacional da pesquisa (patentes)	,694	
PESQ_v.56) estimula a dimensão internacional na pesquisa	,674	

Fonte: Coleta de dados (2016)

#### 7.4.6 Parceria Internacional

A partir da análise fatorial exploratória, foram retidos dois fatores, os quais explicam 70,87% do construto, sendo considerável aceitável, conforme referencial teórico analisado. Observa-se ainda que nenhuma variável foi retirada, pois

apresentam carga fatorial aceitável, conforme apresentado na Tabela 16.

A medida de confiabilidade da escala, por meio do teste de Alfa de Cronbach, demonstrou-se satisfatório, sendo que o primeiro fator apresentou  $\alpha = 0,83$  e o segundo  $\alpha = 0,69$ . O teste KMO apresentou 0,808 de adequação, considerada como admirável. O teste de esferecidade de Bartlett demonstrou não existir correlação significativa entre as variáveis ( $p < 0,001$ ), possibilitando o uso da análise fatorial.

Tabela 16 - Dimensão Parceria Internacional

Dimensão Parceria Internacional (A instituição...)	Matriz de componente rotativa <sup>a</sup>		Análise de Confiabilidade
	Fatores		Alfa de Cronbach
	Qualificação da rede internacional	Parcerias internacionais	
PARC_v.72) possui convênios de cooperação com instituições internacionais ranqueadas	<b>,864</b>		0,83
PARC_v.71) participa de associações internacionais e de cooperação acadêmica	<b>,836</b>		
PARC_v.73) formaliza suas parcerias internacionais a partir de convênios de cooperação	<b>,830</b>		
PARC_v.68) monitora a efetividade das parcerias internacionais	<b>,574</b>		
PARC_v.67) considera imprescindível a participação em eventos internacionais, para avanço da internacionalização do ensino		<b>,896</b>	0,691
PARC_v.69) possui parceria com instituições de ensino no exterior		<b>,805</b>	
PARC_v.70) apresenta um crescente número de acordos de cooperação com instituições de ensino do exterior, nos últimos 5 anos		<b>,618</b>	

Fonte: Coleta de dados (2016).

O primeiro construto, denominado “Qualificação da Rede Internacional” foi composto por quatro variáveis que explicam 53,937% da variância obtida na dimensão, e o segundo construto, “Parcerias Internacionais”, composto por três variáveis, que explicam 16,458% da variância obtida.

- Qualificação da rede internacional: com um índice de confiabilidade de 0,83, as variáveis vinculadas a este construto buscam identificar se as IES monitoram a efetividade das suas parcerias e as formaliza, e se participa

associações internacionais e se possuem parcerias com IES ranqueadas.

- **Parcerias internacionais:** as variáveis vinculadas a este construto buscam identificar os esforços e a importância dada pelas instituições para a parceria e formalização de convênios de cooperação. O ponto que diferencia este construto do anterior, é a não existência de uma rede por trás do convênio, são os esforços individuais e de aproximação entre duas IES com um objetivo incomum. O índice de confiabilidade deste construto é de 0,691, sendo aceitável conforme a literatura analisada.

Desta forma, o presente estudo propõe uma estrutura composta por 6 dimensões e 16 construtos para medição do nível de internacionalização das IES Brasileiras, conforme apresentado no Quadro 26.

Quadro 26 - Estrutura para medir o nível de internacionalização das IES Brasileiras

<b>Bloco</b>	<b>Construto</b>
Gestão e Suporte Organizacional	Planejamento institucional
	Comunicação institucional internacional
	Aspectos financeiros
	Técnicos administrativos
Aluno	Alunos Internacionais
	Mobilidade Discente
	Incentivo/apoio institucional
Docente	Formação internacional
	Experiência internacional
	Atuação docente
Currículo	Programas de graduação e pós-graduação Lato Sensu em parcerias com IES no exterior
	Cursos com componentes internacionais
	Programas de pós-graduação Stricto Sensu em parcerias com IES no exterior
Pesquisa	Pesquisa
Parceria internacional	Qualificação da rede internacional
	Parcerias internacionais

Fonte: Elaborado pela autora.

A partir desta estrutura é possível identificar áreas e processos-chave nas instituições, bem como os pontos fortes e fracos que merecem atenção dos gestores, para melhoria e progresso do processo de internacionalização do ensino superior Brasileiro.

Após a identificação dos construtos, buscou-se identificar a correlação entre estes, a qual foi medida a partir do Coeficiente de Pearson. Coeficiente este que mede o grau de relação entre duas variáveis/fatores, podendo ser uma relação positiva ou negativa.

Identificou-se que apenas os construtos “CUR\_Cursos com Componentes Internacionais (H)” e “PARC\_Qualificação da Rede Internacional (K)” possuem relação negativa, os demais, possuem relação direta e positiva, conforme graus de correlação apresentados na Tabela 17.

Tabela 17 - Matriz de Correlação dos Construtos

	CR	AL_Aluno Internacional	AL_Mobilidade Discente	AL_Incentivo / Apoio	DOC_Formação Internacional	DOC_Experiência Internacional	DOC_Atuação	CUR_Programas de graduação e Lato Sensu em parceria com IES do exterior	CUR_Cursos com componentes internacionais	CUR_Programas de Stricto Sensu em parceria com IES do exterior	PESQ_Pesquisa	PARC_Qualificação da rede internacional	PARC_Parceiros Internacionais	GSO_Planejamento Institucional	GSO_Comunicação Institucional	GSO_Aspectos Financeiros	GSO_Técnicos Administrativos
		A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P
A	0,865	<b>0,809</b>															
B	0,797	,579	<b>0,753</b>														
C	0,861	,415	,490	<b>0,821</b>													
D	0,880	,372	,591	,472	<b>0,742</b>												
E	0,696	,312	,447	,554	,534	<b>0,731</b>											
F	0,782	,491	,495	,504	,369	,246	<b>0,801</b>										
G	0,874	,734	,425	,285	,208	,289	,349	<b>0,763</b>									
H	0,810	,555	,331	,258	,208	,347	,133	,648	<b>0,770</b>								
I	0,781	,268	,464	,181	,394	,266	,608	,407	,206	<b>0,803</b>							
J	0,965	,628	<b>,814</b>	,544	,684	,378	,644	,571	,188	,722	<b>0,858</b>						
K	0,862	,478	,586	,580	,356	,345	,707	,240	-,043	,291	,772	<b>0,785</b>					
L	0,822	,250	,466	,668	,482	,619	,493	,111	,140	,136	,451	,542	<b>0,782</b>				
M	0,809	,428	,405	,336	,272	,473	,297	,513	,506	,272	,463	,276	,298	<b>0,720</b>			
N	0,791	,681	,559	,439	,438	,543	,403	,573	,481	,253	,628	,408	,277	,567	<b>0,702</b>		
O	0,790	,640	,480	,212	,346	,381	,403	,558	,424	,413	,565	,512	,354	,659	,569	<b>0,701</b>	
P	0,752	,610	,520	,403	,409	,380	,455	,469	,338	,203	,515	,666	,344	,422	,592	,512	<b>0,662</b>

Fonte: Coleta de Dados.

A partir da matriz de correlação identificaram-se 5 correlações fortes (entre 0,90 e 0,70), 37 correlações moderadas (entre 0,70 e 0,50), 48 correlações fracas (entre 0,50 e 0,30) e 28 correlações consideradas desprezíveis (entre 0,30 e 0). Desta forma, a partir do referencial teórico abordado, identifica-se que 70% dos construtos possuem correlação significativa (acima de 0,30).

Analisando o índice de confiabilidade composta, identificou-se que apenas o construto GSO\_Técnicos Administrativos (P) apresentou índice abaixo do limite mínimo de aceitação de 0,7. Os demais apresentaram índices de confiabilidade satisfatórios.

A partir da Análise da Variância (ANOVA), técnica que tem como objetivo avaliar se os grupos diferem significativamente entre si com base em suas médias, buscou-se identificar diferenças de percepção das variáveis a partir da categorização das instituições respondentes (Instituto, Faculdade, Centro Universitário e Universidade). Foi realizada a ANOVA a partir das variáveis originais, e a partir dos construtos (fatores).

Em relação às variáveis analisadas (66 variáveis), apenas 16 apresentam diferenças significativas abaixo de 0,05, conforme apresentado na Tabela 18. As demais variáveis não apresentam diferença significativa.

Tabela 18 – Anova (variáveis)

(continua)

<b>A instituição...</b>		<b>Soma dos Quadrados (SQ)</b>	<b>df</b>	<b>Quadrado Médio (QM)</b>	<b>F</b>	<b>Sig.</b>
GSO_v.3) tem uma política definida para a internacionalização do ensino, da pesquisa e da extensão	Entre Grupos	12,150	3	4,050	3,557	,020
	Nos grupos	59,207	52	1,139		
	Total	71,357	55			
GSO_v.17) já foi beneficiada com fontes externas de fomento para a promoção da internacionalização	Entre Grupos	19,830	3	6,610	4,645	,006
	Nos grupos	66,876	47	1,423		
	Total	86,706	50			
AL_v.31) tem ampliado o número de alunos que participam de ações internacionais nos últimos 5 anos	Entre Grupos	11,054	3	3,685	3,871	,014
	Nos grupos	49,500	52	,952		
	Total	60,554	55			
PROF_v.39) possui um número crescente de docentes com experiência internacional (formação, especialização e/ou morou por mais de 6 meses no exterior) nos últimos 5 anos	Entre Grupos	13,082	3	4,361	3,523	,022
	Nos grupos	55,693	45	1,238		
	Total	68,776	48			
PROF_v.41) possui docentes que já atuaram ou atuam em IES no exterior	Entre Grupos	14,233	3	4,744	4,197	,011
	Nos grupos	46,345	41	1,130		
	Total	60,578	44			
CUR_v.55) oferece a possibilidade de formação em regime de cotutela	Entre Grupos	27,610	3	9,203	6,858	,001
	Nos grupos	60,390	45	1,342		
	Total	88,000	48			
PESQ_v.58) possui alunos participando de grupos de pesquisas internacionais	Entre Grupos	18,799	3	6,266	6,688	,001
	Nos grupos	35,606	38	,937		
	Total	54,405	41			
PESQ_v.59) tem docentes vinculados a grupos de pesquisas internacionais	Entre Grupos	20,075	3	6,692	6,507	,001
	Nos grupos	47,305	46	1,028		
	Total	67,380	49			

Tabela 18 – Anova (variáveis)

				(conclusão)				
PESQ_v.60) apresenta um crescimento no número de projetos de pesquisa internacional com parceiros de cooperação internacional nos últimos 5 anos	Entre Grupos	26,484	3	8,828	7,226		,001	
	Nos grupos	50,093	41	1,222				
	Total	76,578	44					
PESQ_v.61) apresenta um aumento no número de citações internacionais por docentes nos últimos 5 anos	Entre Grupos	18,433	3	6,144	6,527		,001	
	Nos grupos	30,122	32	,941				
	Total	48,556	35					
PESQ_v.62) apresenta um aumento no número de publicações em coautoria internacional	Entre Grupos	20,496	3	6,832	7,550		,001	
	Nos grupos	30,767	34	,905				
	Total	51,263	37					
PESQ_v.63) possui reconhecimento internacional da pesquisa (publicações)	Entre Grupos	15,311	3	5,104	3,548		,025	
	Nos grupos	48,900	34	1,438				
	Total	64,211	37					
PESQ_v.64) possui reconhecimento internacional da pesquisa (patentes)	Entre Grupos	9,459	3	3,153	3,124		,042	
	Nos grupos	28,260	28	1,009				
	Total	37,719	31					
PARC_v.71) participa de associações internacionais e de cooperação acadêmica	Entre Grupos	16,372	3	5,457	5,236		,003	
	Nos grupos	53,155	51	1,042				
	Total	69,527	54					
PARC_v.72) possui convênios de cooperação com instituições internacionais ranqueadas	Entre Grupos	25,410	3	8,470	6,625		,001	
	Nos grupos	56,256	44	1,279				
	Total	81,667	47					
PARC_v.73) formaliza suas parcerias internacionais a partir de convênios de cooperação	Entre Grupos	10,092	3	3,364	3,490		,022	
	Nos grupos	50,122	52	,964				
	Total	60,214	55					

Fonte: Coleta de dados (2016).

Utilizou-se o teste Dunnett C, no qual identificou-se diferenças significativas em 7 variáveis e em dois construtos, conforme apresentado na Tabela 19.

Tabela 19 – Diferenças significativas entre os diferentes tipos de instituições de ensino (variáveis)

A instituição...	Variável dependente		Diferença média (I-J)
GSO_v.17) já foi beneficiada com fontes externas de fomento para a promoção da internacionalização	Faculdade	Universidade	-1,2821*
	Universidade	Faculdade	1,2821*
PROF_v.43) tem como meta institucional a contratação de docentes estrangeiros	Faculdade	Instituto	2,3636*
	Centro Universitário	Instituto	1,6250*
	Universidade	Instituto	1,9048*
	Instituto	Faculdade	-2,3636*
		Centro Universitário	-1,6250*

(continua)

Tabela 19 – Diferenças significativas entre os diferentes tipos de instituições de ensino (variáveis)

(conclusão)

CUR_v.46) disponibiliza na grade curricular dos cursos de graduação componentes curriculares em língua estrangeira	Faculdade	Universidade	-1,9048 <sup>*</sup>
	Instituto	Instituto	1,6786 <sup>*</sup>
	Instituto	Faculdade	-1,6786 <sup>*</sup>
	Faculdade	Instituto	1,3846 <sup>*</sup>
CUR_v.55) oferece a possibilidade de formação em regime de cotutela	Centro Universitário	Universidade	-1,6319 <sup>*</sup>
	Universidade	Instituto	,7143 <sup>*</sup>
	Universidade	Centro Universitário	1,6319 <sup>*</sup>
	Instituto	Instituto	2,3462 <sup>*</sup>
	Instituto	Faculdade	-1,3846 <sup>*</sup>
	Instituto	Centro Universitário	-,7143 <sup>*</sup>
PESQ_v.60) apresenta um crescimento no número de projetos de pesquisa internacional com parceiros de cooperação internacional nos últimos 5 anos	Instituto	Universidade	-2,3462 <sup>*</sup>
	Faculdade	Universidade	-1,2955 <sup>*</sup>
	Instituto	Instituto	1,7500 <sup>*</sup>
	Centro Universitário	Instituto	2,1111 <sup>*</sup>
	Universidade	Faculdade	1,2955 <sup>*</sup>
	Instituto	Instituto	3,0455 <sup>*</sup>
	Instituto	Faculdade	-1,7500 <sup>*</sup>
	Instituto	Centro Universitário	-2,1111 <sup>*</sup>
PARC_v.71) participa de associações internacionais e de cooperação acadêmica	Instituto	Universidade	-3,0455 <sup>*</sup>
	Faculdade	Universidade	-1,2020 <sup>*</sup>
	Instituto	Instituto	-,1905
PARC_v.72) possui convênios de cooperação com instituições internacionais ranqueadas	Universidade	Faculdade	1,2020 <sup>*</sup>
	Faculdade	Instituto	2,0769 <sup>*</sup>
	Centro Universitário	Instituto	2,3333 <sup>*</sup>
	Universidade	Instituto	3,1667 <sup>*</sup>
	Instituto	Faculdade	-2,0769 <sup>*</sup>
	Instituto	Centro Universitário	-2,3333 <sup>*</sup>
		Universidade	-3,1667 <sup>*</sup>

Fonte: Coleta de dados (2016).

GSO\_v.17: identificou-se que nas Universidades o beneficiamento a partir de fomento externo para a promoção da internacionalização é maior que nas Faculdades. Contudo não há diferença significativa do comportamento em relação a esta variável entre Universidades, Centros Universitários e Institutos.

PROF\_v.43: A partir das respostas pode-se inferir que Centros Universitários, Universidades e Faculdades tendem a ter metas institucionais para a contratação de docentes estrangeiros, enquanto os institutos não.

CUR\_v.46: as instituições credenciadas como Institutos tendem a concordar mais com esta afirmação, se comparado às Faculdades. Nos demais grupos não foram identificadas diferenças significativas.

CUR\_v.55: nas Universidades esta probabilidade é maior se comparado aos Centros Universitários e Institutos. Nos Institutos esta probabilidade é menor se comparado a todos os demais grupos. E não foram identificadas diferenças significativas entre Universidades e Faculdades.

PESQ\_v.60: nas Universidades, Centros Universitários e Faculdades esta afirmativa é maior se comparado aos Institutos. E ainda apresenta-se uma diferença significativa entre Universidades e Faculdades, sendo que nas Universidades pode-se inferir que há um maior crescimento do número de projetos se comparado às Faculdades. Ou seja, nas instituições credenciadas como Institutos, identifica-se o menor crescimento quanto ao número de projetos de pesquisa internacional com parceiros internacional nos últimos 5 anos.

PARC\_v.71: para esta afirmação apenas identifica-se uma diferença significativa entre Faculdades e Universidades. Sendo que nas Universidades a participação em associações internacionais tende a ser maior se comparada às Faculdades.

PARC\_v.72: pode-se concluir que as Faculdades, Centro Universitários e Universidades possuem mais convênios de cooperação com instituições internacionais ranqueadas se comparado aos Institutos. Entre os outros grupos não foram identificadas diferenças significativas.

Buscando identificar a existência de diferença significativa entre os grupos a partir dos novos construtos, gerou-se uma Anova com base nos novos construtos, sendo que foi identificado diferença significativa em apenas 6 construtos, conforme pode ser observado na Tabela 20.

Tabela 20 – ANOVA (Construtos)

		Soma dos Quadrados (SQ)	df	Quadrado Médio (QM)	F	Sig.
AL_Mobilidade Discente	Between Groups	9,563	3	3,188	3,778	0,017
	Within Groups	35,437	42	0,844		
	Total	45,000	45			
CUR_Cursos com componentes internacionais	Between Groups	7,069	3	2,356	2,579	0,065
	Within Groups	42,931	47	0,913		
	Total	50,000	50			
CUR_Programas de Stricto Sensu em parceria com IES do exterior	Between Groups	12,232	3	4,077	5,130	0,004
	Within Groups	35,768	45	0,795		
	Total	48,000	48			
PESQ_Pesquisa	Between Groups	9,862	3	3,287	4,778	0,010
	Within Groups	15,138	22	0,688		
	Total	25,000	25			
PARC_Qualificaçã o da rede internacional	Between Groups	9,514	3	3,171	3,770	0,018
	Within Groups	34,486	41	0,841		
	Total	44,000	44			
GSO_Comunicaç ão Institucional Internacional	Between Groups	7,360	3	2,453	2,704	0,056
	Within Groups	42,640	47	0,907		
	Total	50,000	50			

Fonte: Coleta de dados (2016).

Buscando evidenciar onde há maior diferença significativa, foi realizando o teste Dunnett C. A partir da matriz de múltiplas comparações foi possível identificar diferenças significativas em 2 construtos: Cursos com componentes internacionais e Aspectos Financeiros, conforme apresentado no Tabela 21.

Tabela 21 - Diferenças significativas entre os diferentes tipos de instituições de ensino (construtos)

Variável Dependente			Diferença da média (I-J)
CUR_Cursos com componentes internacionais	Faculdade	Instituto	1,19818154
	Centro Universitário	Instituto	1,70163405
	Universidade	Instituto	1,09689402
	Instituto	Faculdade	-1,19818154
		Centro Universitário	-1,70163405
		Universidade	-1,09689402
GSO_Aspectos Financeiros	Universidade	Instituto	1,55082837
	Instituto	Universidade	-1,55082837

Fonte: Coleta de dados (2016).

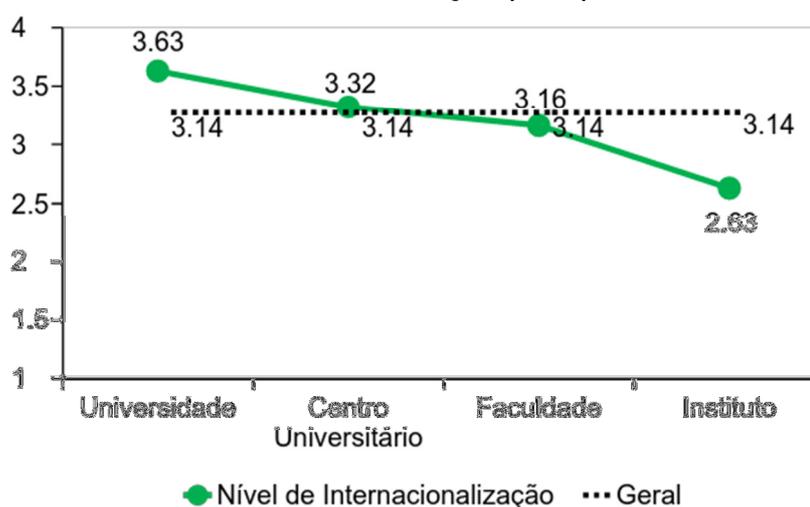
No construto CUR\_Cursos com Componentes Internacionais pode ser identificada diferença significativa entre as instituições credenciadas como Institutos se comparada às Universidades, Centro Universitários e Faculdades, sendo que no Instituto a atenção dada ao currículo, com foco na oferta de disciplinas para atender a demandas internacionais é provavelmente inferior se comparado às demais.

Quanto aos aspectos financeiros para a internacionalização, só pode-se evidenciar diferenças significativas entre Instituto e Universidade, na qual há um maior incentivo e dispêndio financeiro para a promoção da internacionalização.

### 7.5 NÍVEL DE INTERNACIONALIZAÇÃO DAS IES BRASILEIRAS

Identificada as diferenças significativas, buscou-se evidenciar o nível de internacionalização das IES Brasileiras a partir da média ponderada, sendo atribuídos pesos a partir da escala Likert, sendo 1 para Discordo Totalmente e 5 para Concordo Totalmente. Questões sinalizadas como “Sem Condições de Opinar”, teve como peso a média geral da variável. Assim, pode-se inferir que o nível médio geral da internacionalização das instituições de ensino superior brasileiras, numa escala de 1 a 5, onde 1 sinaliza um nível zero de internacionalização e o 5 um alto nível de internacionalização, é 3,14. Sendo que acima desta média encontram-se as Universidades, Centros Universitários e praticamente na média encontram-se as Faculdades, conforme apresentado no Gráfico 8.

Gráfico 8 – Nível de internacionalização por tipo de Credenciamento

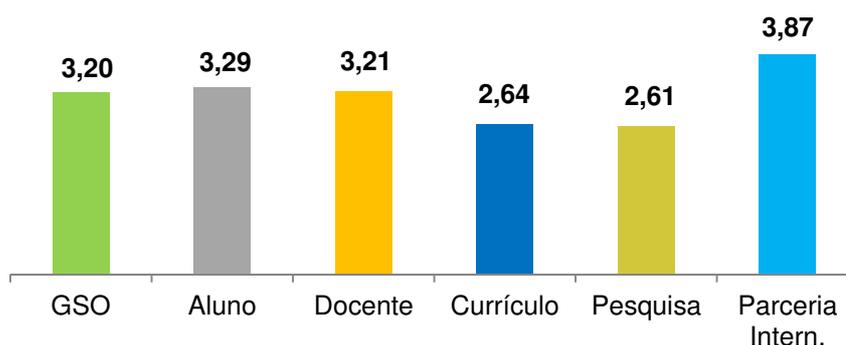


Fonte: Coleta de dados (2016).

Quanto ao nível de internacionalização em cada dimensão, destaca-se que

na média geral uma maior atenção tem sido dada as questões com foco das Parcerias Internacionais e nos Alunos, enquanto o Currículo e a Pesquisa ainda encontram-se num nível muito baixo de internacionalização, conforme evidenciado no Gráfico 9.

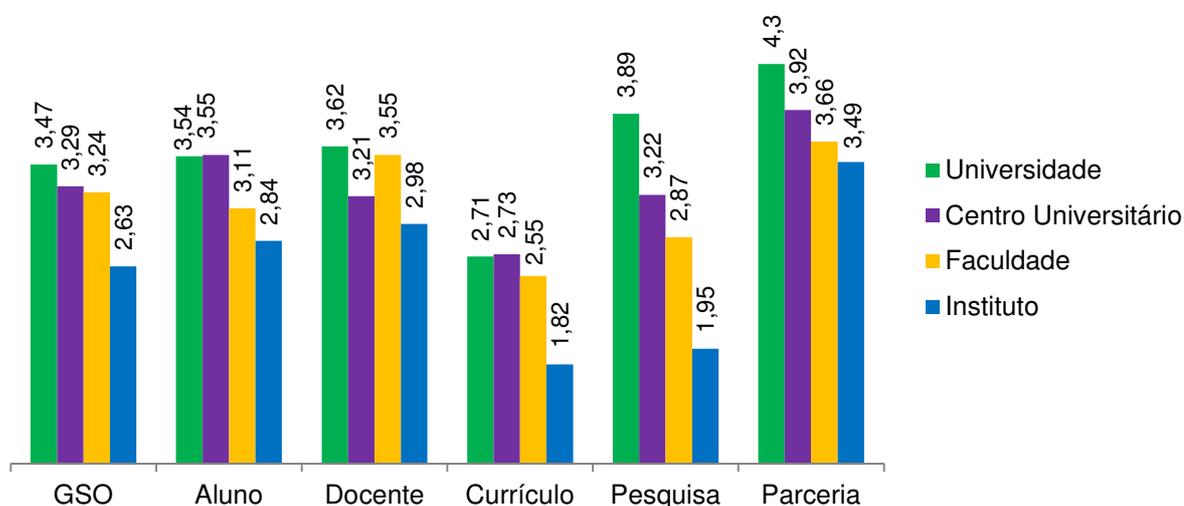
Gráfico 9 - Nível de Internacionalização por Dimensão (média geral)



Fonte: Coleta de dados (2016).

A partir da análise do nível de internacionalização por tipo de IES, mesmo que sem grandes diferenças significativas (resultados da ANOVA), pode-se identificar que nas Universidades há mais esforços para a promoção da internacionalização (Gráfico 10), e nos Institutos em todas as dimensões este índice é menor, o que reflete inclusive questões legais, e exigências do MEC conforme o credenciamento atribuído à instituição.

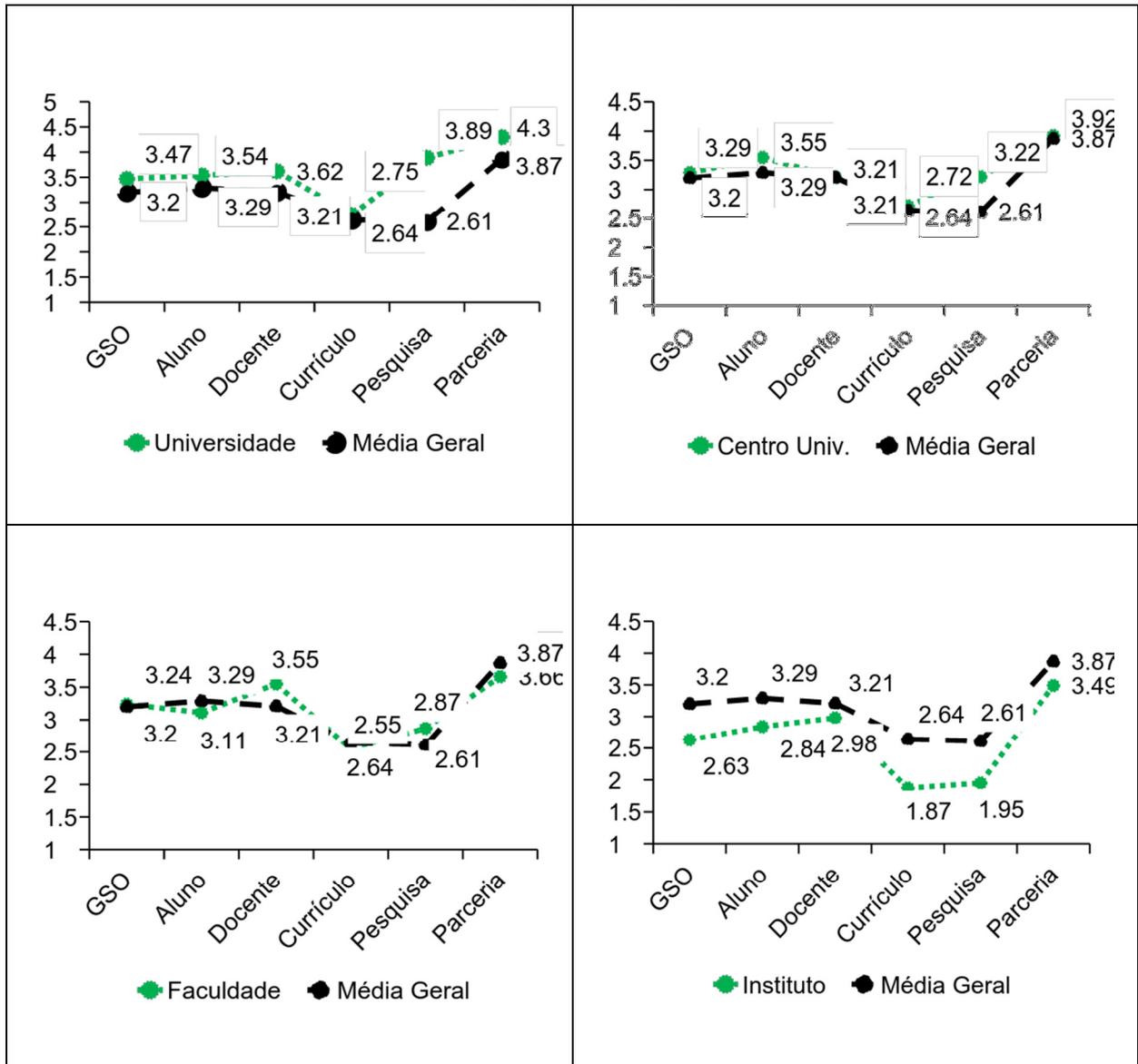
Gráfico 10 – Nível de Internacionalização por dimensão e credenciamento



Fonte: Coleta de dados (2016).

Analisando os resultados por dimensão da internacionalização e por tipo de credenciamento, pode-se identificar os pontos de fragilidade do processo de internacionalização, conforme apresentado na Figura 9.

Figura 9 - Comparativo da nível geral de internacionalização por tipo de credenciamento



Fonte: Coleta de dados (2016).

Buscando auxiliar a instituição para que identifique o seu nível de internacionalização, se comparado as IES participantes deste estudo, no apêndice 3 foram disponibilizadas as médias gerais a partir dos diferentes tipos de credenciamento (Universidade, Centro Universitário, Faculdade e Instituto).

## **8 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste capítulo serão expostos os resultados obtidos neste estudo. A primeira análise compreende a discussão dos resultados à luz da teoria vinculada a internacionalização do ensino superior. Na seção seguinte serão apresentadas as implicações acadêmicas e gerenciais, finalizando com uma breve apresentação das limitações encontradas e sugestões para estudos futuros.

### **8.1 Discussão dos resultados**

Tendo em vista a temática internacionalização do ensino superior brasileiro, este estudo teve como objetivo geral medir o nível de internacionalização das Instituições de Ensino Superior Brasileiras. A fim de refinar a pesquisa, foram desenvolvidos 4 objetivos específicos, a saber: analisar instrumentos/estudos para medição no nível/grau de internacionalização de instituições de ensino; identificar os recursos empregados por IES Brasileiras em prol da internacionalização e; e a partir da análise fatorial exploratória propor um instrumento para medir a internacionalização das IES Brasileiras.

Partindo deste pressuposto, primeiramente foram identificados instrumentos e estudos que se propuseram a medir o nível/grau de internacionalização de instituições de ensino. A partir dos estudos analisados constatou-se que, ao longo das últimas décadas, as pesquisas envolvendo o desenvolvimento de métodos para medir a internacionalização universitária passaram a ganhar cada vez mais atenção (GAO, 2015). Observou-se tais aspectos nos estudos de Knight (2001), ao apontar que, um número de diferentes abordagens e instrumentos vem sendo utilizados para avaliar a qualidade dos esforços de internacionalização.

Realizada a análise da estrutura utilizada nos instrumentos dedicados a medição da internacionalização do ensino, identificou-se que, até o momento, não há um modelo (base) padronizado e validado internacionalmente. Percebeu-se, também, que cada instrumento é elaborado a partir da realidade do país ou região ao qual se destina, utilizando uma estrutura própria e de acordo com as especificidades do local. Na Holanda, por exemplo, a ferramenta MINT (2009) foi composta por 5 dimensões de internacionalização, na Alemanha, o DAAD (2009)

formulou um instrumento composto por 10 dimensões, nos Estados Unidos, o ACE (2006) definiu 4 dimensões. A partir de estudos independentes, Brandenburg e Federkeil (2007) propuseram 3 dimensões, Chin e Ching (2009) organizaram um instrumento com 12 dimensões, Krause, Coates e James (2005) propuseram 5 dimensões, e Gao (2015) propôs uma estrutura a partir de 6 dimensões, sendo estas as dimensões utilizadas neste estudo.

Em relação ao número de indicadores/variáveis a serem utilizados, Paige (2005) propôs um instrumento composto por 80 indicadores para uso das IES Japonesas, Krause, Coates e James (2005) sugeriram 66 indicadores adaptados às instituições Australianas, Brandenburg e Federkeil (2007) propuseram um conjunto de 186 indicadores com foco em instituições de ensino da Alemanha. Ou seja, não há um modelo ou número que norteiam o processo de formulação de um instrumento, porém Gao (2015) destaca que quanto mais simples e objetivo, melhor será a aceitação pelo público respondente.

Desta forma, optou-se pela formulação de um instrumento adequado à realidade brasileira, visto que a replicação de um instrumento já utilizado em outro estudo, poderia comprometer ou inviabilizar a participação das IES Brasileiras, uma vez que não estivessem de acordo com a realidade e com os esforços que aqui são desempenhados em prol da internacionalização do ensino. Assim, estudo representa o primeiro esforço para medir a internacionalização em nível Brasileiro, tendo um viés quantitativo.

Tendo em vista que esta é uma pesquisa pioneira, no que diz respeito à mensuração em termos quantitativos da internacionalização em IES brasileiras, a metodologia debruçou-se em análises de caráter qualitativo, a fim de dar um aporte teórico à pesquisa. Para tanto, utilizou-se de autores como Morosini (2006), Duarte et al. (2007), Souza (2008), Batista (2009), Maranhã e Lima (2009), Justino (2009), Souza e Fleury (2009), Laus (2012), Mendes (2012), Vilalta (2012), Muller (2013) e Dal-Soto et al. (2013). Em suas pesquisas, tais autores utilizaram um viés qualitativo, a partir de um estudo de caso (de uma instituição ou mais IES). Estes estudos diferem-se da proposta deste estudo, no entanto ajudaram a elucidar sobre conceitos pertinentes a realidade brasileira, sinalizando ações, estratégias e definições já desempenhadas pelas instituições. Ao realizar uma revisão bibliográfica deparou-se com duas pesquisas que trazem aspectos quantitativos,

porém, que analisaram a internacionalização a partir de outras métricas, como o estudo de Dalmarco et al. (2012), os quais realizaram um estudo quantitativo analisando a internacionalização a partir da visão dos alunos e, mais recentemente, Barbosa e Masiero (2015), Alves et al. (2016) analisaram indicadores utilizados para medir e acompanhar o processo de internacionalização, porém sem sua aplicação e validação. Deste modo, este estudo torna-se inovador, uma vez que busca identificar o nível de internacionalização das IES brasileiras, o que até o presente momento não foi desenvolvido.

A identificação dos recursos empregados pelas IES Brasileiras em prol da internacionalização, segundo objetivo deste estudo, foi identificado a partir da realização de entrevistas com gestores do setor de relações internacionais de diferentes IES.

A partir da análise das respostas obtidas na etapa das entrevistas, e o cruzamento com indicadores apresentados e utilizados em estudos anteriores, identificou-se a viabilidade de realização de um instrumento dedicado à mensuração do nível de internacionalização das IES Brasileiras. Entretanto, destaca-se a necessidade de adaptação destes, dada a constatação de que os números e resultados da internacionalização nem sempre são monitorados pelas IES.

Os resultados obtidos a partir das entrevistas sinalizaram que esforços vem sendo realizados pelas IES, sendo que a internacionalização é um dos temas centrais que norteiam a definição de políticas, metas e o planejamento institucional. Com base na fala dos entrevistados, percebeu-se a necessidade de um maior investimento para promoção das atividades de internacionalização e aperfeiçoamento do corpo técnico administrativo, o qual nem sempre está capacitado para o atendimento das demandas internacionais.

Os gestores sinalizaram ainda que a mobilidade discente passa por um momento de incerteza, dada a estagnação do programa Ciências sem Fronteiras, o qual é subsidiado pelo governo federal Brasileiro, impactando diretamente no número de alunos que buscam oportunidades no exterior. Outro fator apontado diz respeito ao número de alunos estrangeiros, sendo que gestores acreditam que a questão do idioma (português), a logística (distância das IES dos centros metropolitanos) e a segurança nacional são entraves para a vinda destes alunos. Os setores de relação internacional têm uma forte inserção junto ao aluno, funcionando

como um facilitador neste processo.

Quanto aos docentes, identificou-se que a maioria possui um alto nível de formação, contudo não necessariamente significa que possuem experiência e formação no exterior. As instituições de ensino estão em processo de conhecimento do seu corpo docente, pois hoje não é realizado este mapeamento tão efetivo de quem estaria ou não preparado para atender as demandas internacionais, seja ministrando disciplinas e cursos em outros idiomas, pela experiência e vivência no exterior, e outros fatores afetos.

Em relação ao currículo, identificou-se que nas IES entrevistadas há uma mobilização para a oferta de componentes curriculares e cursos de curta duração em outros idiomas, além da oferta de cursos com a possibilidade de dupla titulação. Contudo o currículo internacional ainda é uma área em desenvolvimento e com grande campo de expansão dentro das instituições de ensino.

A pesquisa tem um papel imprescindível para o desenvolvimento de relações com IES no exterior, porém conforme sinalizado pelos gestores, é nesta área que se apresenta um menor conhecimento das ações que são realizadas, a informalidade, a falta de um fluxo para centralizar as informações, impede que alguns gestores respondam questões vinculadas a esta área.

Assim, a partir do cruzamento das respostas obtidas nas entrevistas, com indicadores utilizados em outros estudos, constatou-se que os indicadores numéricos, conforme propostos por Veiga (2012), Alves et al. (2016), pelos rankings ARWU, THE, SIR, QS, NTU, Leiden, RUF, U-multirank e Webometrics, pelos instrumentos IQRP (1999), ACE (2006), CHE (2006), MINT (2009) poderiam inviabilizar a participação dos respondentes, visto que as IES nem sempre possuem processos estruturados ou realizam o monitoramento dos resultados das ações em prol da internacionalização.

A necessidade de remodelar e readequar os indicadores não são uma constatação exclusiva deste estudo, sendo que Barbosa e Masiero (2015) também sinalizaram para a necessidade de revisão dos indicadores conforme a realidade do país/região no qual serão utilizados. Brandenburg e Federkeil (2007), também constataram que indicadores/variáveis muitas vezes são definidos a partir da realidade das Universidades, excluindo a possibilidade de participação por IES de menor porte, tais como Centros Universitários, Faculdades ou Institutos. Atualmente

muitos estudos são configurados exclusivamente para analisar o perfil internacional das Universidades, as quais tendem a possuir um processo de internacionalização estruturado (avançado), uma vez o resultado destes processos impactam na avaliação de órgãos externos (MEC, CAPES) elucidando a qualidade do ensino.

Porém, este estudo pretende analisar o nível de internacionalização nos diferentes tipos de instituições, independente do seu credenciamento, sendo mais um aspecto inovador enquanto campo de investigação. Desta forma, optou-se pelo uso de indicadores/variáveis que captassem a percepção dos gestores em relação ao processo de internacionalização na IES em que desempenham suas atividades profissionais, e não por um sistema de ranqueamento a partir dos resultados absolutos das atividades de internacionalização. Contudo não foi identificado na literatura um estudo que corroborasse para esta configuração proposta.

Julgou-se adequado, portanto, a aplicação de um instrumento como foco na percepção e nível de concordância a partir da percepção dos respondentes, e não alicerçado por dados numéricos relativos aos resultados das ações e do processo de internacionalização como um todo.

Para validação do instrumento foram realizadas análises exploratórias para validar a consistência e a confiabilidade dos construtos identificados a partir deste estudo. Como resultado, obteve-se uma ferramenta composta por 6 áreas macro (dimensões), 16 construtos (fatores) e 66 variáveis (indicadores).

A dimensão Gestão e suporte organizacional foi composta por 4 construtos (subáreas): Planejamento institucional; Comunicação institucional Internacional, Aspectos financeiros e Técnicos administrativos. Conforme Barbosa e Masiero (2015) a avaliação desta dimensão deve contemplar elementos de infraestrutura; processos e tecnologias que apoiam a internacionalização; e a Presença internacional.

Elementos relacionados a esta dimensão também foram propostos por Krause, Coates e James (2005), Paige (2005), e nos instrumentos propostos pela OCDE (1999), NUFFIC (2009) e ACE (2006). Para Brandenburg e Federkeil (2007) a gestão é um fator decisivo para o processo de internacionalização de uma instituição, sendo que é ela quem define o perfil do pessoal, as tarefas a serem desempenhadas bem como a estrutura adequada para que os objetivos e metas definidos para a internacionalização sejam atingidos.

Referente ao construto Planejamento institucional, Knight e De Wit (1999) e em Knight (2004), reforçam a importância de um planejamento institucional como norteador do processo de internacionalização. O próprio Plano Nacional de Educação (PNE) do período 2011/2020 estabelece metas para o avanço da internacionalização do ensino superior brasileiro, contudo, a partir dos estudos de Lima e Contel (2008) evidenciam-se que poucas IES Brasileiras dispõem de uma política de internacionalização formalizada. Stallivieri (2008) destaca ainda que as mudanças ocorridas pela internacionalização geraram a necessidade de profissionais com maior capacidade e desempenho profissional e conhecimento tecnológico, ou seja, é necessário qualificar e aprimorar o corpo técnico administrativo para atendimento das demandas internacionais.

A segunda dimensão deste estudo tem como foco a internacionalização a partir de ações com foco no aluno, e foi composta por 3 construtos: Alunos internacionais (7 variáveis), Mobilidade discente (3) e Incentivo/apoio institucional (3). Caruso e De Wit (2015) destacam que, embora a noção de internacionalização no ensino superior seja mais ampla do que a mobilidade estudantil, o número de estudantes internacionais que procuram cursos de graduação é uma manifestação importante da forma como o setor se torna mais internacional. Desta forma, Yemini (2015) conclui que a internacionalização deve ser implementada principalmente para agregar valor aos alunos em termos de equipá-los para ser totalmente funcional em uma economia global.

Deardorff (2004), Vilalta (2012), Dal-Soto et al. (2013) e Caruso e De Wit (2015), corroboram com as indagações apresentadas por Caruso e De Wit (2015) e Yemini (2015) ao sinalizarem que os construtos alunos internacionais e a mobilidade são áreas chave do processo de internacionalização.

Urban e Palmer (2014) destacam que a presença de uma população diversificada de estudantes internacionais fornece múltiplas oportunidades para as faculdades e universidades para atender seus objetivos de internacionalização e engajamento global. Alves et al. (2016) reforçam que para a promoção da mobilidade há uma série de programas e projetos de incentivo, tais como o Ciência sem Fronteiras, Erasmus, Escala AUGM, PEC-G e PEC-PG, entre outros. Esta dimensão encontra sustentação a partir dos estudos e instrumentos propostos por Paige (2005), Krause, Coates e James (2005), Gao (2015) DAAD (2009), ACE

(2006) e o NUFFIC (2009).

O corpo docente também faz parte das dimensões de estudo deste trabalho, caracterizando a terceira dimensão. Ela divide-se em 3 construtos: Formação internacional (6), Experiência internacional (2) e Atuação docente (2). Kim, Wolf-Wendel e Twombly (2011) definem que os docentes trazem a diversidade de perspectivas e visões de mundo, e potencialmente enriquecem as instituições de ensino no contexto global. Optou-se por pelo uso dessa dimensão, pois entende-se, conforme aponta Ellingboe (1998), que a participação do corpo docente na implementação de esforços de internacionalização é vital. Barbosa e Masieiro (2015) destacam que ao contemplar os elementos Perfil e experiência internacional do corpo docente; Oportunidade e apoio ao corpo docente em vivência internacional, esta dimensão visa auxiliar os funcionários no desenvolvimento de perfil e experiência, além de atrair colaboradores internacionais e manter pessoas dedicadas à dimensão internacional.

Ainda que, com nomenclaturas e estruturas diferentes, Krause, Coates e James (2005), Gao (2015) também propuseram esta dimensão em seus estudos, e nos instrumentos propostos pela OCDE (1999), NAFSA (2003) e NUFFIC (2009)

As dimensões anteriores elucidaram aspectos da gestão, do aluno e do docente, e a partir destas, viu-se a necessidade de uma quarta dimensão, denominada currículo, a qual tem por objetivo identificar os esforços institucionais realizados para alinhamento do currículo a demandas internacionais. A importância desta dimensão evidencia-se a partir dos estudos de Maranhão e Lima (2009), Wamboye, Adekola e Baldwin (2015) e Leask (2013) ao concluírem que currículo é um dos componentes críticos na estratégia de internacionalização de qualquer instituição de ensino superior, e necessita de atenção na estratégia de internacionalização.

Assim, esta dimensão foi composta por 3 construtos: Programas de graduação e pós-graduação Lato Sensu em parcerias com IES no exterior (5), Cursos com componentes internacionais (3) e Programas de pós-graduação Stricto Sensu em parcerias com IES no exterior (2). Sendo que tais estratégias podem variar desde a inclusão de componentes curriculares oferecidos em língua estrangeira até a revisão total do currículo para incluir perspectivas internacionais (ELLINGBOE, 1998). Esta dimensão também foi utilizada no instrumento proposto

pelo OCDE (1999), NAFSA (2003), ACE (2006), NUFFIC (2009), assim como foram identificadas nos estudos de Gao (2015), Krause, Coates e James (2005) e Paige (2005).

A quinta dimensão refere-se a pesquisa, a qual é de extrema importância no contexto institucional, sendo que, os resultados da pesquisa disseminados em periódicos acadêmicos de referência e qualidade, traz prestígio as instituições, sendo que esta é uma das formas utilizadas pelas IES para demonstrarem a sua excelência acadêmica. Assim, a dimensão pesquisa foi composta por apenas um construto, composto por 10 variáveis. Dentre os estudos analisados, identificou-se que indicadores específicos para esta dimensão foram propostos por Veiga (2012), Krause, Coates e James (2005), e utilizada nos instrumentos propostos pela OCDE (1999), NAFSA (2003), CHE (2007) e NUFFIC (2009), assim como nos rankings SIR, NTU, U-multirank e RUF.

E finalizando, inclui-se neste instrumento a dimensão Parceria Internacional, que segundo Spencer-Oatey (2013) é um dos tópicos frequentemente mencionados nas estratégias universitárias como forma de promover a internacionalização. Gao (2014) a partir de suas análises também define as parcerias como um componente-chave para o desenvolvimento da internacionalização do ensino. Conforme Knight (2004) a partir da década de 90 tem-se o aumento dos acordos de cooperação entre IES de diferentes países.

Neste estudo, a sexta dimensão, Parceria internacional, foi composta por 2 construtos: Qualificação da rede internacional (4) e Parcerias internacionais (3), destacando-se que não basta apenas um número expressivo de parceiros no exterior, faz-se necessário uma rede qualificada, com objetivos compartilhados, para melhoria do ensino. E conforme Barbosa e Masiero (2015), a avaliação e monitoramento das parcerias e redes internacionais refletem a inserção internacional da instituição, ou seja, são importante indicativo da evolução no comprometimento com a internacionalização.

Na literatura identificou-se que Veiga (2012), o DAAD e os rankings THE e SIR, com vistas ao acompanhamento dos resultados obtidos a partir das Parcerias Internacionais, também utilizaram em seus instrumentos esta dimensão.

Desta forma, tem-se o terceiro objetivo deste estudo concluído, o qual previa a proposição de um instrumento para medir o nível de internacionalização das IES

Brasileiras. O qual apresentou componentes já utilizados em outros estudos, indicando semelhanças estruturais, e incorporou componentes novos, adaptados à realidade brasileira.

Após definição do instrumento, foram analisadas as escalas utilizadas em outros estudos para classificação das IES. Para este estudo optou-se pelo modelo de escala proposta pelo ACE (2006), no qual as IES são classificadas em Zero, Baixo, Médio, Médio-alto e Alto grau de internacionalização.

Baseado nesta proposta, neste estudo sugere-se que resultados de 1 a 1,99 representam ausência de internacionalização, de 2 a 2,99 baixo nível de internacionalização, de 3 a 3,99 médio nível de internacionalização e a partir de 4 sinaliza um alto nível de internacionalização. Assim, a partir dos resultados obtidos, identificou-se que as IES Brasileiras possuem nível médio de internacionalização (3,14), sendo que os Institutos na média geral apresentam baixo nível de internacionalização (2,63), e as Universidades, Centro Universitários e Faculdades possuem nível médio de internacionalização (3,63; 3,32; e 3,16 respectivamente). Entretanto, como não foram identificados estudos desta natureza, torna-se inviável a comparação dos resultados com o nível identificado em outros países.

Em relação às dimensões analisadas, pode-se concluir que, em relação as parcerias, há uma maior consolidação do processo de internacionalização (3,87), enquanto a pesquisa representa a área com menor nível de internacionalização (2,61). Contudo no cruzamento das variáveis por tipo de instituição, identificou-se que nas Universidades, Centro Universitários e Faculdades é na dimensão Currículo que encontra-se o menor nível de internacionalização (2,75; 2,72; e 2,55 respectivamente).

Ao analisar isoladamente o nível de internacionalização por variável e por tipo de instituição, identificou-se as áreas que atualmente são pontos de fragilidade no processo (média abaixo do índice 3), carecendo maiores esforços e investimentos, conforme análise e interpretação do respondente.

Nas Universidades constatou-se que o investimento financeiro dedicado a internacionalização ainda encontra-se aquém do desejado, seja para formação de um fundo para subsidiar as atividades de internacionalização, para auxiliar a formação do aluno no exterior ou ainda para subsidiar as atividades de pesquisa em cooperação com IES estrangeiras. Em relação ao currículo, identificou-se que é

baixa ou inexistente a oferta de cursos de curta duração, graduação e pós-graduação em língua estrangeira ou específicos para atendimento de demandas internacionais, assim como a oferta de componentes curriculares em língua estrangeira. Identificou-se também que a realização de cursos de graduação e pós, presencial ou EaD em parceria com instituições do exterior são pontos de fragilidade do processo de internacionalização.

Nos Centros Universitários as variáveis que sinalizaram baixo nível de internacionalização estão principalmente vinculadas às dimensões currículo e docente. Identificou-se que provavelmente as IES deste porte não possuem uma política para contratação de docentes estrangeiros, tampouco para incentivo a formação docente no exterior, e por consequência não identificam um número crescente de docentes com experiência internacional. Em relação ao currículo, além dos pontos identificados já em relação as universidades, aos Centros Universitários acrescenta-se oferta de programas de *stricto sensu* em parceria com IES estrangeiras, ou a possibilidade de formação em regime de cotutela. Quanto à pesquisa, identifica-se o baixo reconhecimento internacional e o investimento que é realizado para tal. Com foco no aluno, os Centros sinalizaram ainda que não é identificado um aumento ou procura de alunos estrangeiros para os cursos de curta duração que a instituição oferece. Identificou-se ainda a ausência ou incipiência de metas financeiras e recursos financeiros para promoção da internacionalização.

Quanto às instituições que responderam o questionário, e possuem credenciamento de Faculdade, além dos pontos de fragilidade identificados anteriormente entre as Universidades e Centros Universitários, adiciona-se aspectos vinculados a pesquisa como aspectos a serem trabalhados para melhora do nível de internacionalização. Sendo que a partir da média geral é possível identificar que as faculdades não tem como foco a internacionalização a partir da pesquisa, uma vez que não identificou-se aumento no número de projetos de pesquisa em parceria com IES do exterior, tampouco citações e publicações em periódicos internacionais.

Nas instituições credenciadas com Institutos, identificou-se que 62% das variáveis encontram-se abaixo do índice 3, sinalizando assim um baixo nível de internacionalização. Tal resultado não causa estranheza visto que na etapa de identificação dos contatos para posterior envio do instrumento já havia sido sinalizado por funcionários de diferentes institutos que não possuíam ações em prol

da internacionalização, tampouco esta era uma prioridade institucional.

Porém, a partir da ANOVA identificou-se diferenças significativas em apenas 10% das variáveis analisadas, comparando-as por tipo de instituição. Evidenciando a diferença entre os Institutos para com os outros tipos de IES.

Assim, a partir dos resultados obtidos evidencia-se que ainda há um longo caminho a ser trilhado pelas instituições para que o ensino superior brasileiro tenha um alto nível de internacionalização. A partir da identificação deste estágio atual, torna-se possível o planejamento das instituições quanto às áreas prioritárias e que merecem atenção especial para melhora dos resultados em estudos futuros.

## 8.2 Implicações Acadêmicas

Ao propor medir o nível de internacionalização das IES Brasileiras, de antemão, sabia-se das dificuldades que seriam enfrentadas na condução deste estudo. A própria definição do significado do termo internacionalização do ensino gera uma série de interpretações, sendo que, conforme constatado na literatura analisada, os conceitos afetos ora opõem-se, ora complementam-se.

A partir da bibliografia analisada constatou-se que a internacionalização do ensino superior é uma área relativamente nova enquanto campo de estudo (ALTBACH e TEICHLER; 2001), porém vem ganhando espaço na academia e, com o passar dos anos, um maior número de investigações sobre o tema são publicados em periódicos de prestígio internacional (KEHM e TEICHLER; 2007).

Na bibliografia analisada foi possível analisar estudos de diversos autores com foco na internacionalização do ensino, como de Rudzki (1995), Bartell (2003), Hser (2005), Huddzki e Stohl (2009); Knight (2004; 2011), De Wit (2010), Beerkens et al. (2010), Gao (2015). Órgãos de apoio e fomento à internacionalização do ensino também propuseram ferramentas para medição no nível, grau, e evolução dos processos com foco na internacionalização do ensino, a *Organisation for Economic Co-operation and Development* (OCDE) desenvolveu a ferramenta *International Quality Review Process* (IQPR) em 1999, a *Association of International Educators* (NAFSA) a partir do projeto *Assessing Best Practices in Internationalisation* (ABPI) em 2003, o *Centre for Higher Education Development* (CHE) em 2007, e a *Netherlands Organisation for International Cooperation in Higher*

*Education* (NUFFIC) propôs a ferramenta *Mapping Internationalisation* (MINT) em 2009, dentre outros.

Rankings acadêmicos como o *Academic Ranking of World Universities* (ARWU); *The Times World University Ranking* (THE); *Quacquarelli Symonds World University Rankings* (QS); *Ranking Web of Universities* (WEBOMETRICS); *Scimago Institutions Rankings* (SIR); *Centre for Science and Technology Studies - Ranking Leiden* (LEIDEN); *National Taiwan University Ranking* (NTU); *Ranking* multidimensional (U-Multirank) e *Ranking* Universitário da Folha (RUF), também foram analisados uma vez que importantes indicadores podem ser extraídos destas ferramentas. Porém, Gaalen (2009) destaca que ainda não foram desenvolvidos rankings que classificam as instituições exclusivamente pelo seu nível de internacionalização.

Estudos dedicados à análise do processo de internacionalização de instituições de ensino superior Brasileiras apresentam uma crescente a partir dos anos 2000 (MOROSINI, 2006; CONTEL e LIMA, 2007; DUARTE, DE LIMA JÚNIOR e BATISTA, 2008; SOUZA, 2008; LIMA, 2008; SIEGLER, 2009; JUSTINO, 2009; SOUZA e FLEURY, 2009; LIMA e MARANHÃO, 2011; BEZERRA, 2012; LAUS, 2012; DUARTE et. al. 2012; DAL-SOTO et al., 2013; MUELLER, 2013; VOGUEL, et. al., 2016; SANTOS, 2015; ALVES, et al., 2016; SANTOS, 2015; ALVES et al., 2016; MOROSINI et al., 2016; BARBOSA e MASIERO, 2015), contudo, observa-se predominantemente um caráter qualitativo destas investigações. Estudos quantitativos com o uso de técnicas para validação e confirmação dos resultados ainda não foram identificados. Ressaltando a importância deste estudo, pois apresenta uma amostra, embora pequena, de caráter quantitativo da internacionalização do ensino.

O resultado obtido a partir das entrevistas subsidiou a formulação de um questionário, sendo que para tal foi realizado o cruzamento das respostas obtidas com indicadores utilizados em estudos anteriores sob o foco de medir a internacionalização do ensino. O questionário foi encaminhado a 1.147 IES Brasileiras, das quais obteve-se uma taxa de retorno de 6,7%. As respostas foram analisadas a partir de técnicas univariada (média, mediana e desvio padrão) e multivariada (análise fatorial exploratória) para análise da consistência, confiabilidade e adequabilidade do instrumento proposto.

Assim, o intuito de realizar a presente pesquisa teve como base identificar o nível de internacionalização das Instituições de Ensino Superior Brasileiras. Os resultados aqui encontrados são parte fundamental para o desenvolvimento deste tipo de investigação ainda pouco explorado no Brasil, e poderá colaborar com estudos e conclusões futuras, inclusive para o desenvolvimento de novas estratégias e instrumentos para medição do nível de internacionalização das IES.

### **8.3 Implicações Gerenciais**

A internacionalização do ensino como campo de estudo possui muitas áreas a serem exploradas, processos a serem aperfeiçoados ou até mesmo implantado nas instituições. A partir da fala dos gestores evidencia-se a irreversibilidade deste processo vinculado ao ensino, visto que se o objetivo das instituições é a excelência acadêmica, para tal, faz-se necessário um padrão internacional de qualidade do ensino.

Conforme constatado, há uma série de estudos que se propõem a medir este processo em diferentes regiões do mundo, contudo, no Brasil, ainda é uma área relativamente nova enquanto campo de estudo. Este estudo configura-se como a primeira tentativa para mensurar, em nível nacional, a internacionalização do ensino. Percebeu-se que, a falta de sistematização e monitoramento dos resultados nas instituições, impedem o uso de indicadores quantitativos ou compositórios. Assim, fez-se necessário a adaptação de um instrumento para facilitar o preenchimento pelas instituições.

Os resultados deste estudo apontam para um médio nível de internacionalização, indicando que ainda precisamos evoluir, principalmente, em relação aos investimentos financeiros dedicados à promoção da internacionalização. Também é necessário investir na adaptação e alinhamento do currículo para atendimento das demandas internacionais e no aperfeiçoamento e expansão das atividades de pesquisa, assim como seu monitoramento. Em relação às parcerias internacionais, evidenciou-se uma maior consolidação do processo, contudo, o monitoramento da efetividade destas parcerias ainda é algo a ser analisado e aperfeiçoado pelas instituições.

Esse estudo poderá contribuir para a definição de estratégias e no próprio posicionamento das instituições quanto ao seu nível de envolvimento com a

promoção da internacionalização do ensino. A partir da identificação dos pontos de fragilidade, torna-se possível a definição de planos de ações e metas de curto, médio ou longo prazo. Assim, este instrumento poderá servir de base para aprimorar as estratégias de internacionalização a nível organizacional.

#### **8.4 Limitações e sugestões de estudos futuros**

Dentre as limitações identificadas no transcorrer deste estudo, destaca-se a baixa adesão das Instituições de Ensino Superior na participação no estudo, visto que menos de 10% da população previamente selecionada acessou o instrumento, e apenas 6,70% concluiu o preenchimento. De acordo com Veiga (2012), o abandono do preenchimento pode ser sustentado pelo fato de que os dados pertinentes à internacionalização do ensino podem não ser sistematizados e monitorados nas instituições.

Observa-se ainda que o número de IES que participaram deste estudo inviabilizou a realização da análise fatorial confirmatória a partir de técnicas de modelagem estrutural. Desta forma, esta é uma das limitações e ao mesmo tempo sugestão para um estudo futuro, na expectativa de aumentar a amostra, para que então sejam realizados os testes estatísticos confirmatórios em relação a estrutura utilizada.

Na medida em que o processo de internacionalização entrar em um ciclo de amadurecimento nas IES, sugere-se que os indicadores utilizados neste estudo sejam revisitados, e inclusive transformados novamente em indicadores numéricos, visto que tal adequação fez-se necessária para que tivesse a adesão dos diferentes tipos de instituições.

## REFERÊNCIAS

- ABDI, H. Partial least square regression (PLS regression). **Encyclopedia for research methods for the social sciences**, p. 792-795, 2003.
- AGARWAL S.; RAMASWAMY, S. Choice of Market entry-mode: Impact of ownership, location and internationalization factors. **Journal of international Business Studies**, 23 (1) 1 – 27, 1991.
- AITTOLA, H.; KIVINIEMI, U.; HONKIMAKI, S.; MUHONEN, R.; HUUSKO, M. e URSIN, J. The Bologna process and internationalization—consequences for Italian academic life. **Higher Education in Europe**, v. 34, n. 3-4, p. 303-312, 2009.
- ALTBACH, P. G. Globalization and the university: myths and realities in unequal world. Tertiary Education and Management. Kluwer **Academic Publishers**, v. 10, p.3-25, 2004.
- ALTBACH, P. G.; KNIGHT, Jane. The internationalization of higher education: Motivations and Realities. **Journal of Students in International Education**. Sage Publications, v.11, p.290-305, 2007.
- ALTBACH, P.G.;TEICHLER, U. Internationalisation and exchanges in a globalized University, **Journal of Studies in International Education** v.5, n.1, p. 5-25, 2001.
- ALVES, G. K.; NUNES, R. da S.; STALLIVIERI, L.Avaliação da internacionalização da educação superior: indicadores e mapeamento de processos. **2.º Simpósio Avaliação da Educação Superior Avalies**, 2016 : Porto Alegre, RS) Anais [recurso eletrônico] / organizadores : Daltro José Nunes [et al.]. - Porto Alegre: UFRGS/SAI, 2016. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/avalies2016/anais-do-evento/ficha-catalografica>. Acesso em: Fevereiro, 2017.
- ALVES, M. **Como escrever teses e monografias**: um roteiro passo a passo. Rio de Janeiro, RJ: Elsevier, 2007. Disponível em: <[http://www.researchgate.net/publication/44836805\\_Globalisation\\_and\\_the\\_university\\_Myths\\_and\\_realities\\_in\\_an\\_unequal\\_world](http://www.researchgate.net/publication/44836805_Globalisation_and_the_university_Myths_and_realities_in_an_unequal_world)>. Acesso em: 03/06/2015.
- ANDERSSON, U.; JOHANSON, J. International business enterprise. In: BJORKMAN; FORSGREN (Eds.). **The nature of the international firm**: Nordic contributions to international business research. Copenhagen: Copenhagen Business School Press, 1997.
- ASMAR, C. Internationalising students: reassessing diasporic and local student difference. *Studies in Higher Education*, v. 30, n. 3, p. 291-309, 2005.
- AVILA, J.G. The Process of Internationalization of Latin American Higher Education. **Journal of Studies in International Education**, v.11, n.3/4, p. 400-409, 2007.
- AYOUBI, R. M.; MASSOUD, H. K. The strategy of internationalization in universities: A quantitative evaluation of the intent and implementation in the UK universities.

**International Journal of Education Management**, v. 21, n. 4, p. 329-349, 2007.

BABBIE, E. R. **Métodos de pesquisas de Survey**. Belo Horizonte, MG: UFMG, 1999.

BAKER, K. L.; PERKINS, J.; COMBER, D. PM. International students and their experiences of Personal Development Planning. **Active Learning in Higher Education**, v. 15, n. 2, p. 129-143, 2014.

BARBOSA, L. S.; MASIERO, G. Avaliação da Internacionalização Universitária: Etapas e Indicadores. **XV COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GESTÃO UNIVERSITÁRIA – CIGU**, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/135924>. Acesso em: Fevereiro, 2017.

BARNEY, J. Firm resources and sustained competitive advantage. **Journal of management**, v. 17, n. 1, p. 99-120, 1991.

BARTELL, M. **Internationalization of universities: A university culture-based framework**. Higher Education. Manitoba, Winnipeg, p.37-52, 2003.

BEATON, S. The federal role in international business education. **Thunderbird International Business Review**, v. 43, n. 2, p. 289-302, 2001.

BEERKENS, E.; BRANDENBURG, U.; EVERS, N., VAN GAALLEN, A.; ZIMMERMANN, V. **Indicator Projects on Internationalisation: Approaches, Methods and Findings**. A report in the context of the European project Indicators for Mapping and Profiling Internationalisation (IMPI), 2010.

BEERKENS, E.; DER WENDE, M. The paradox in international cooperation: Institutionally embedded universities in a global environment. **Higher education**, v. 53, n. 1, p. 61-79, 2007.

BEHLE, Heike. European mobility of United Kingdom educated graduates. Who stays, who goes?. **Higher Education Quarterly**, v. 68, n. 3, p. 288-304, 2014.

BERRY, C.; TAYLOR, J. Internationalisation in higher education in Latin America: policies and practice in Colombia and Mexico. **Higher Education**, v. 67, n. 5, p. 585-601, 2014.

BEZERRA, P. A corrida dos grupos educacionais pelo Brasil. **Exame.com**, 2013. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/negocios/a-corrida-dos-grupos-educacionais-pelo-brasil/>. Acesso em: Setembro, 2016.

BIANCHI, C. Satisfiers and dissatisfiers for international students of higher education: an exploratory study in Australia. **Journal of Higher Education Policy and Management**, v. 35, n. 4, p. 396-409, 2013.

BORINI, F. M.; RIBEIRO, F. C. F.; COELHO, F. P.; PROENÇA, E. R. O prisma da internacionalização: um estudo de caso. **Revista de Administração FACES Journal**, v. 5, n. 3, p. 42-55, 2006.

BOSTROM, C. A. Diffusion of internationalization in Turkish higher education. **Journal of studies in international education**, 2009.

BRAMBILLA, F. R. Modos de Entrada e Orientação para Mercado Externo: Uma Abordagem Teórica sobre a Internacionalização das Firms. **Revista Ingepro: Inovação, Gestão e Produção**, v. 1, p. 18-34, 2009.

BRANDENBURG, U; FEDERKEIL, G. **How to measure internationality and Internationalisation of higher education institutions! Indicators and key figures**. Working paper n.92. Berlin: Centre for higher education development, 2007.

BUCKLEY, P. J.; CASSON, M. **The future of multinational enterprise**. Londres; Macmillan, 1976.

CARNEIRO, J.; DIB, L. A. Avaliação comparativa do escopo descritivo e explanatório dos principais modelos de internacionalização de empresas. InternexT - **Revista Eletrônica de Negócios Internacionais da ESPM**, v. 2, n. 1, p. 1-25, jan./jun, 2007.

CARNEIRO, J.; ROCHA, A.; SILVA, J. F. Challenging the uppsala internationalization model: a contingent approach to the internationalization of services. **Brazilian Administration Review**, v. 5, n. 2, art. 1, p. 85-103, 2008.

CARUSO, R.; DE WIT, H. Determinants of Mobility of Students in Europe Empirical Evidence for the Period 1998-2009. **Journal of Studies in International Education**, v. 19, n. 3, p. 265-282, 2015.

CARVALHO, C. A. S.; DIB, L. A. R. Reconciliando o modelo de Uppsala com a perspectiva de networks: revisão crítica e integrativa. **Revista de Administração FACES Journal**, v. 12, n. 2, p. 13-36, 2013.

CHAN, W. W. International cooperation in higher education: Theory and practice. **Journal of Studies in International Education**, v. 8, n. 1, p. 32-55, 2004.

CHAPMAN, A.; PYVIS, D. Quality, identity and practice in offshore university programmes: Issues in the internationalization of Australian higher education. **Teaching in Higher Education**, v. 11, n. 2, p. 233-245, 2006.

CHIAVEGATTI, D.; TUROLLA, F. A. Risco no modelo de internacionalização de Uppsala. **Revista Organizações em Contexto**, v. 7, n. 13, p. 129-156, 2011.

CHILDRESS, L. K. Internationalization plans for higher education institutions. **Journal of Studies in International Education**, v. 13, n. 3, p. 289-309, 2009.

CHO, Y. H.; PALMER, J. D. Stakeholders' views of South Korea's higher education internationalization policy. **Higher Education**, v. 65, n. 3, p. 291-308, 2013.

COASE, R. H. The Nature of the Firm. *Economica*, **New Series**, v. 4, n. 16, p. 386-405, 1937.

COELEN, R. **Ranking and the measurement of success in internationalisation: are they related?** In: H. De Wit (Ed.), *Measuring Success in the Internationalisation of Higher Education*. EAIE - European Association of International Education; 2009.

CONTEL, F. B.; LIMA, M. C. Aspectos da internacionalização do ensino superior: origem e destino dos estudantes estrangeiros no mundo atual. **Internext**, v. 2, n. 2, p. 167-193, 2008.

CORYELL, J. E.; DURODOYE, B. A.; WRIGHT, R. R.; PATE, P. E.; e NGUYEN, S. Case studies of internationalization in adult and higher education: Inside the processes of four universities in the United States and the United Kingdom. **Journal of Studies in International Education**, v. 16. n. 01, p. 78 - 98, 2012.

COSTA, L. F. L. G.; AÑEZ, M. E. M.; BRITO, M. L. A.; GALDINO, C. B. O grau de internacionalização das empresas brasileiras: um estudo sobre mercados importadores e o porte das empresas exportadoras. **Interface - Revista do Centro de Ciências Sociais Aplicadas**, v. 11, n. 1, p. 28-47, 2014.

CRONBACH, L.J. – Coefficient Alpha and the Internal Structure of Tests. **Psychometrika** , v.16, p.297-335,1951.

CROSLING, G.; EDWARDS, R.; SCHRODER, B. Internationalizing the curriculum: The implementation experience in a faculty of business and economics. **Journal of Higher Education Policy and Management**, v. 30, n. 2, p. 107-121, 2008.

DALMORO, M.. Empreendedorismo internacional: convergência entre o processo de internacionalização da empresa e a atividade empreendedora. **FACEF PESQUISA**, v.11, n.1, 2008.

DAL-SOTO, F.; STALLIVIERI, L.; FELIX, R. R.; SANTOS, R. A. dos; CRESPI, T. **Processos de Internacionalização de Instituições de Ensino Superior (IES) do Consórcio das Universidades Comunitárias Gaúchas (COMUNG)**. Enanpad. Anais. 2013.

DANIELS, J. Internationalisation, higher education and educators' perceptions of their practices. **Teaching in Higher Education**, v. 18, n. 3, p. 236-248, 2013.

DAQUILA, T. C. Internationalizing higher education in Singapore government policies and the NUS experience. **Journal of Studies in International Education**, v. 17, n. 5, p. 629-647, 2013.

DAS, T. K.; TENG, B.-S. A resource-based theory of strategic alliances. **Journal of management**, v. 26, n. 1, p. 31-61, 2000.

DE WIT, H. **Internationalisation of Higher Education in Europe and its assessment, trend and issues**. Amsterdam: Nederlands-Vlaamse Accreditatie Organisatie, 2010.

\_\_\_\_\_. **Internationalisation of higher education in the United States and Europe**. Westport, CT: Greenwood, 2002.

\_\_\_\_\_. Measuring Success in the Internationalisation of Higher Education: an Introduction. **de Wit, Hans (Hrsg.)**, p. 1-8, 2009.

\_\_\_\_\_. **Internationalization of higher education in the United States of America and Europe**. IAP, 2009.

DEARDORFF, D. K. Identification and assessment of intercultural competence as a student outcome of internationalization. **Journal of studies in international education**, v. 10, n. 3, p. 241-266, 2006.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introdução: **A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa**. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Planejamento da pesquisa qualitativa – teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DESCHAMPS, E.; LEE, J. J. Internationalization as Mergers and Acquisitions Senior International Officers' Entrepreneurial Strategies and Activities in Public Universities. **Journal of Studies in International Education**, p. 1028315314538284, 2014.

DEVITA, G. Inclusive approaches to effective communication and active participation in the multicultural classroom An international business management context. **Active learning in higher education**, v. 1, n. 2, p. 168-180, 2000.

DEVITA, G.; CASE, P. Rethinking the internationalisation agenda in UK higher education. **Journal of Further and Higher Education**, v. 27, n. 4, p. 383-398, 2003.

DEWEY, P.; DUFF, S. Reason before passion: Faculty views on internationalization in higher education. **Higher Education**, v. 58, n. 4, p. 491-504, 2009.

DING, X. Exploring the Experiences of International Students in China. **Journal of Studies in International Education**, p. 1028315316647164, 2016.

DLASKA, A. The role of foreign language programmes in internationalising learning and teaching in higher education. **Teaching in Higher Education**, v. 18, n. 3, p. 260-271, 2013.

DOIZ, A.; LASAGABASTER, D.; SIERRA, J. Globalisation, internationalisation, multilingualism and linguistic strains in higher education. **Studies in higher education**, v. 38, n. 9, p. 1407-1421, 2013.

DUARTE, R. G.; CASTRO, J. M. de; CRUZ, A. L. A.; MIURA, I. K.. O papel dos relacionamentos interpessoais na internacionalização de instituições de ensino superior. **Educação em revista**, v.28, n.1, p. 343-370, 2012.

DUARTE, R. G.; DE LIMA JÚNIOR, A. F.; BATISTA, R. V. L. O processo de internacionalização das instituições de ensino superior: o caso das Pontifícias Universidades Católicas de Minas Gerais e do Paraná. **Revista Economia & Gestão**, v. 7, n. 14, p. 159-162, 2008.

DUNN, M.; NILAN, P. Balancing economic and other discourses in the internationalization of higher education in South Africa. **International review of education**, v. 53, n. 3, p. 265-281, 2007.

DUNNING, J. H. The eclectic paradigm of international production: a restatement and some possible extensions. **Journal of International Business Studies**, v. 19, n. 1, p. 1–31, mar. 1988.

\_\_\_\_\_. The eclectic paradigm as an envelope of economic and business

theories of MNE activity. **International Business Review**, v. 9, 163-190, 2000.

DZIUBAN, C. D.; SHIRKEY, E. C. When is a correlation matrix appropriate for factor analysis? Some decision rules. **Psychological bulletin**, v. 81, n. 6, p. 358, 1974.

FABRICIUS, A. H.; MORTENSEN, J.; HABERLAND, H. The lure of internationalization: Paradoxical discourses of transnational student mobility, linguistic diversity and cross-cultural exchange. **Higher Education**, p. 1-19, 2016.

FERREIRA, H. da S. **Redação de trabalhos acadêmicos: nas áreas das ciências biológicas e da saúde**. Rio de Janeiro: Rubio, 2011.

FERREIRA, M. A. S. P. V.; PINTO, C. S. F.; SERRA, F. A. R.; SANTOS, J. C. A bibliometric study of John Dunning's contribution to international business research. **Revista Brasileira de Gestão de Negócios**, v. 15, n. 46, p. 56-75, 2013.

FERREIRA, M. P.; SERRA, F. R.; RIBEIRO DE ALMEIRA, M. I. Estudo bibliométrico da contribuição de Buckley e Casson (1976) na pesquisa em negócios internacionais. **Revista de Ciências da Administração**, Florianópolis, p. 9-24, jul. 2012.

FIGUEIREDO FILHO, D. B.; SILVA JUNIOR, J. A. da. Visão além do alcance: uma introdução à análise fatorial. **Opinião Pública**, Campinas, v. 16, n. 1, p. 160-185, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/op/v16n1/a07v16n1>. Acesso em: Dezembro de 2016.

FITCH, K. A Disciplinary Perspective The Internationalization of Australian Public Relations Education. **Journal of Studies in International Education**, v. 17, n. 2, p. 136-147, 2013.

FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FORSGREN, M. **Theories of the multinational firm: a multidimensional creature in the global economy**. Cheltenham: Edward Elgar Pub, 2008.

FORTE, S. H. A.C., JUNIOR, L. M. S.. Estágio e Grau de Internacionalização de Empresas: Um Estudo no Setor de Rochas Ornamentais e de Revestimento no Estado do Ceará. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 37, nº 3, jul-set. 2006.

FRØLICH, Nicoline. Still academic and national–Internationalisation in Norwegian research and higher education. **Higher Education**, v. 52, n. 3, p. 405-420, 2006.

GAALEN, A. **Developing a tool for mapping internationalisation: a case study**. Em H. De Wit (Ed.), *Measuring Success in the Internationalisation of Higher Education* EAIE - European Association of International Education. 2009.

GACEL-ÁVILA, J. **La Internacionalización de la Educación Superior** - Paradigma para la Ciudadanía Global . Guadalajara: Editorial Centro Universitario de Ciencias Sociales y Humanidades CUCSH -Universidad de Guadalajara -México, 2003.

\_\_\_\_\_. The internationalisation of higher education: A paradigm for global

- citizenry. *Journal of Studies in International Education*, v. 9, n. 2, p. 121-136, 2005.
- \_\_\_\_\_. The process of internationalization of Latin American higher education. *Journal of Studies in International Education*, v. 11, n. 3-4, p. 400-409, 2007.
- GAO, Y. Toward a Set of Internationally Applicable Indicators for Measuring University Internationalization Performance . **Journal of Studies in International Education**, v. 19, p.182-200, 2015.
- GARSON, G. D. Logistic regression. **from Statnotes: Topics in Multivariate Analysis. Retrieved**, v. 1, n. 05, p. 2010, 2009.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. 13ª reimpressão. São Paulo, SP: Atlas, 2009.
- GILLESPIE, S. H. The practice of international education in the context of globalization: A critique. **Journal of Studies in International Education**, v. 6, n. 3, p. 262-267, 2002.
- GORGES, J.; KANDLER, C.; BOHNER, G. Internationalization at home: Using learning motivation to predict students' attitudes toward teaching in a foreign language. **International Journal of Educational Research**, v. 53, p. 107-116, 2012.
- GRIBBLE, C. Policy options for managing international student migration: the sending country's perspective. **Journal of Higher Education Policy and Management**, v. 30, n. 1, p. 25-39, 2008.
- GRIBBLE, C.; BLACKMORE, J. Re-positioning Australia's international education in global knowledge economies: implications of shifts in skilled migration policies for universities. **Journal of Higher Education Policy and Management**, v. 34, n. 4, p. 341-354, 2012.
- GUEST, G.; BUNCE, A.; JOHNSON, L. How many interviews are enough: an experiment with data saturation and variability. **Field Methods: Sage**, v.18, p. 58 – 82, 2006.
- GUILLOTIN, B.; MANGEMATIN, V. Internationalization Strategies of Business Schools: How Flat Is the World?. **Thunderbird International Business Review**, v. 57, n. 5, p. 343-357, 2015.
- HAIGH, M. From Internationalisation to Education for Global Citizenship: a Multi-Layered History. **Higher Education Quarterly**, v. 68, n. 1, p. 6-27, 2014.
- HAIR, J. F.; ANDERSON, R. E.; TATHAM, R. L.; BLACK, W.C. **Análise multivariada de dados**. 6. ed. Porto Alegre, RS: Bookman, 2009, 668p.
- HAIR, J. F.; BABIN, B.; MONEY, A. H.; SAMOUEL, P. **Fundamentos de métodos de pesquisa em administração**. Porto Alegre, RS: Bookman, 2005, 471p.
- HEALEY, N. M. Is higher education in really 'internationalising'?. **Higher education**, v. 55, n. 3, p. 333-355, 2008.

HEMAIS, C.A.; HILAL, A. **O processo de internacionalização da firma segundo a Escola Nórdica.** In: ROCHA, A. da (Org.) A internacionalização das empresas brasileiras: estudos de gestão internacional. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

\_\_\_\_\_. O Processo de Internacionalização na Ótica da Escola Nórdica: Evidências Empíricas em Empresas Brasileiras. **Revista de Administração Contemporânea (RAC)**, v.7, n.1, p. 109-124, 2003.

HONORIO, L. Determinantes organizacionais e estratégicos do grau de internacionalização de empresas brasileiras. **Revista de Administração de Empresas (RAE)**, v. 49, n. 2, p.162-175, 2009.

HORIE, M. The internationalization of higher education in Japan in the 1990s: A reconsideration. **Higher Education**, v. 43, n. 1, p. 65-84, 2002.

HORN, A. S.; HENDEL, D. D.; FRY, Gerald W. Ranking the international dimension of top research universities in the United States. **Journal of Studies in International Education**, v. 11, n. 3-4, p. 330-358, 2007.

\_\_\_\_\_. The empirical basis for adopting a civic rationale for internationalization. **Higher Education**, v. 64, n. 2, p. 161-175, 2012.

HOU, A. Y. Quality in cross-border higher education and challenges for the internationalization of national quality assurance agencies in the Asia-Pacific region: the Taiwanese experience. **Studies in Higher Education**, v. 39, n. 1, p. 135-152, 2014.

HSER, M. P. Campus internationalization: a study of American Universities' internationalization efforts. **International Education**, v. 35, n. 1, p. 35-48, 2005.

HUANG, F. Internationalization of curricula in higher education institutions in comparative perspectives: Case studies of China, Japan and The Netherlands. **Higher Education**, v. 51, n. 4, p. 521-539, 2006.

\_\_\_\_\_. Internationalization of higher education in the developing and emerging countries: A focus on transnational higher education in Asia. **Journal of Studies in International Education**, v. 11, n. 3-4, p. 421-432, 2007.

\_\_\_\_\_. Internationalization of university curricula in Japan: Major policies and practice since the 1980s. **Journal of Studies in International Education**, v. 10, n. 2, p. 102-118, 2006.

\_\_\_\_\_. Policy and practice of the internationalization of higher education in China. **Journal of Studies in International Education**, v. 7, n. 3, p. 225-240, 2003.

\_\_\_\_\_. The internationalization of the academic profession in Japan a quantitative perspective. **Journal of Studies in International Education**, v. 13, n. 2, p. 143-158, 2009.

HUDZIK, J. K.; STOHL, M. **Modeling Assessment of Outcomes and Impacts from Internationalization.** In Measuring Success in the Internationalisation of Higher Education, EAIE Occasional Paper 22, ed. Hans de Wit. Amsterdam: European Association for International Education, 2009.

HUGHES, H. International students using online information resources to learn: complex experience and learning needs. **Journal of Further and Higher Education**, v. 37, n. 1, p. 126-146, 2013.

HUTCHESON, G. D.; SOFRONIOU, N. **The multivariate social scientist: Introductory statistics using generalized linear models**. Sage, 1999.

ILIEVA, R.; BECK, K.; WATERSTONE, B. Towards sustainable internationalisation of higher education. **Higher Education**, v. 68, n. 6, p. 875-889, 2014.

JEAN FRANCOIS, E. Development of a scale to assess faculty motivation for internationalising their curriculum. **Journal of Further and Higher Education**, v. 38, n. 5, p. 641-655, 2014.

JOHANSON, J.; VAHLNE, J. The internationalization process of the firm - A model of knowledge development and increasing foreign market commitments. **Journal of International Business Studies**, v. 8, n. 1, p. 23-32, 1977.

\_\_\_\_\_. The Uppsala internationalization process model revisited: From liability of foreignness to liability of outsidership. **Journal of International Business Studies**, v. 40, p. 411-431, 2009.

JOHANSON, J.; MATTSSON, L-G. Internationalization in industrial system: a network approach. In: HOOD, N; VAHLNE, J.-E. (Ed) **Strategies in global competition**. New York: Croom Helm, 1988.

JOHANSON, J; WIEDERSHEIM-PAUL, F. The internationalization of the firm: four Swedish cases. **Journal of Management Studies**, v.12, n.3, October, p.305-322, 1975.

JUSTINO, E. Internacionalização das instituições de ensino superior: estratégia ou modismo. **E-Tech: Tecnologias para Competitividade Industrial**, Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 38-60, 2º. Sem., 2009. Disponível em: <<http://revista.ctai.senai.br/index.php/edicao01/article/view/116>>. Acesso em: 03/06/2015.

KAJBERG, L. A survey of internationalisation activities in European library and information science schools. **Journal of Studies in International Education**, v. 8, n. 4, p. 352-376, 2004.

KARKY, N. International Students in an Indian Technical University: Faculty Counselors' Preparedness and Perspectives. **Journal of Studies in International Education**, p. 1028315312453744, 2012.

KEHM, B. M.; TEICHLER, U. Research on internationalisation in higher education. **Journal of Studies in International Education**, v. 11, n. 3-4, p. 260-273, 2007.

KIM, D.; WOLF-WENDEL, L.; TWOMBLY, S. International faculty: Experiences of academic life and productivity in US universities. **The Journal of Higher Education**, v. 82, n. 6, p. 720-747, 2011.

Knight, J.; de Wit, H. (Eds.). **Qualidade e internacionalização ensino superior**. Paris: Organização para a Cooperação Econômica e Desenvolvimento, 1999.

KNIGHT, J. Monitoring the quality and progress of internationalization. *Journal of Studies in International Education*, v. 5, n. 3, p. 228-243, 2001.

\_\_\_\_\_. Internationalization Remodelled: Definition, Approaches, and Rationales. **Journal of Studies in International Education**. Sage Publications, v.8, n.1, p.5-31, 2004.

\_\_\_\_\_. Five Myths about Internationalization. **International higher education**. [S.l.], n.6, 2011. Disponível em:<[http://www.che.de/downloads/IHE\\_no\\_62\\_Winter\\_2011.pdf](http://www.che.de/downloads/IHE_no_62_Winter_2011.pdf)>. Acesso em: 18/06/2015.

\_\_\_\_\_. International Universities Misunderstandings and Emerging Models?. **Journal of Studies in International Education**, v. 19, n. 2, p. 107-121, 2015.

KNOBEL, M.; PATRICIA S., Tania; H. B. CRUZ, C. International collaborations between research universities: experiences and best practices. **Studies in Higher Education**, v. 38, n. 3, p. 405-424, 2013.

KONDAKCI, Y. Student mobility reviewed: attraction and satisfaction of international students in Turkey. **Higher Education**, v. 62, n. 5, p. 573-592, 2011.

KRAUSE, K.; COATES, H.; JAMES, R. Acompanhamento da Internacionalização da Educação Superior: Existem indicadores de desempenho quantitativo úteis?, **Perspectivas Internacionais sobre Educação Superior Research**, Emerald Group Publishing Limited, v. 3, p.233 – 253, 2005.

KRITZ, M. M. Why Do Countries Differ in Their Rates of Outbound Student Mobility?. **Journal of Studies in International Education**, p. 1028315315587104, 2015.

KUZNETSOV, A.; KUZNETSOVA, O.. Looking for Ways to Increase Student Motivation: Internationalisation and Value Innovation. **Higher Education Quarterly**, v. 65, n. 4, p. 353-367, 2011.

KWIEK, M. The Internationalization of Research in Europe A Quantitative Study of 11 National Systems From a Micro-Level Perspective. **Journal of Studies in International Education**, p. 1028315315572898, 2015.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2010.

LAURING, J. e SELMER, J. Is university internationalization bad for performance? Examining two different types of diversity. **International Journal of Educational Research**, v. 49, n. 4, p. 161-171, 2010.

LAUS, S. P. **A internacionalização da educação superior: um estudo de caso da Universidade Federal de Santa Catarina**. 2012. 331f. 2012. Tese de Doutorado.

Tese (Doutorado em Administração). Universidade Federal da Bahia, Salvador.

LEASK, B.. Internationalizing the curriculum in the disciplines—Imagining new possibilities. **Journal of Studies in International Education**, v. 17, n. 2, p. 103-118, 2013.

LEE, J. J. Beyond borders: International student pathways to the United States. **Journal of Studies in International Education**, 2007.

LI, B.; TU, Y. Motivations of faculty engagement in internationalization: a survey in China. **Higher Education**, v. 71, n. 1, p. 81-96, 2016.

LI, X. et al. Knowledge sharing in China–UK higher education alliances. **International Business Review**, v. 23, n. 2, p. 343-355, 2014.

LIMA, M. C.. Características atuais das políticas de internacionalização das instituições de educação superior no Brasil. **Revista e-Curriculum**, v. 3, n. 2, 2008.

LIMA, M. C.; MARANHÃO, C. M. S. A.. Políticas curriculares da internacionalização do ensino superior; multiculturalismo ou semiformação? **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v 19, n 72, p. 575-598, set. 2011.

LO, W. Y. W. Reflections on internationalisation of higher education in Taiwan: Perspectives and prospects. **Higher Education**, v. 58, n. 6, p. 733-745, 2009.

LUGOVTSOVA, A.; KRASNOVA, T.; TORHOVA, A. Internationalizing teacher education: The case of Belarus. **Prospects**, v. 42, n. 1, p. 71-90, 2012.

LUXON, T.; PEELO, M. Academic sojourners, teaching and internationalisation: The experience of non-UK staff in a British University. **Teaching in Higher Education**, v. 14, n. 6, p. 649-659, 2009.

MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. 3ª edição. Porto Alegre, RS: Bookman, 2001.

MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. 6. ed. Porto Alegre, RS: Bookman, 2012.

MARGINSON, S.; RHOADES, G. Beyond national states, markets, and systems of higher education: A glonacal agency heuristic. **Higher Education. Kluwer Academic Publishers**, v.43, 2002.

MARGINSON, S. Rethinking academic work in the global era. **Journal of higher education policy and management**, v. 22, n. 1, p. 23-35, 2000.

\_\_\_\_\_. Global university rankings: Implications in general and for Australia. **Journal of Higher Education Policy and Management**, v. 29, n. 2, p. 131-142, 2007.

MARGINSON, S.; VAN DER WENDE, M. To rank or to be ranked: The impact of global rankings in higher education. **Journal of studies in international education**, v. 11, n. 3-4, p. 306-329, 2007.

MAROCO, J.; GARCIA-MARQUES, T. Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach?

Questões antigas e soluções modernas? **Laboratório de Psicologia**, 4 (1): 65-90. Instituto Superior de Psicologia Aplicada, ISPA., Portugal, 2006.

MARTINEZ, I. The value impact of internationalization: theory and evidence, the French case. **Managerial Finance**, v. 28, n. 3, p. 73 -82, 2002.

MASCARENHAS, S. A. **Metodologia científica**. PEARSON BRASIL: 2012.

MCCABE, L. T. Globalization and internationalization: The impact on education abroad programs. **Journal of Studies in International Education**, v. 5, n. 2, p. 138-145, 2001.

MCCLLELAND, D. **A sociedade competitiva: realização e progresso social**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1972.

MCDUGALL, P. P. International entrepreneurship: The intersection of two paths. Guest Editor's Introduction. **Academy of Management Journal**, v. 43, n. 5, p. 902-908, 2000.

MEDA, L.; MONNAPULA-MAPESELA, M. Going Wide, Not Wild Varying Conceptualizations of Internationalization at a University of Technology in South Africa. **Journal of Studies in International Education**, v. 20, n. 3, p. 282-294, 2016.

MEIRAS, S. International education in Australian universities: Understandings, dimensions and problems. **Journal of Higher Education Policy and Management**, v. 26, n. 3, p. 371-380, 2004.

MOROSINI, M. C. O estado do conhecimento sobre internacionalização da educação superior – conceitos e práticas. Dossiê: política de educação superior no Brasil no contexto da reforma universitária. **Educar em Revista**, n.28 Curitiba: Editora UFPR, jul./dez., 2006.

MOROSINI, M. et at. A qualidade da educação superior e o complexo exercício de propor indicadores. **Projeto observatório da Educação Superior**, desenvolvido pela Rede Sul Brasileira de Investigadores da Educação Superior – Ries/Capes/Inep, 2012 – PRELO.

MOROSINI, Marília Costa; NASCIMENTO, Lorena Machado do. INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL: A PRODUÇÃO RECENTE EM TESES E DISSERTAÇÕES. **Educação em Revista**, Belo Horizonte , v. 33, e155071, 2017 .

MORSE, J. M.; BARRET, M.; MAGRI, M.; OLSEN, K.; SPIERS, J. Verification strategies for establishing reliability and validity in qualitative research. **International Journal of Qualitative Methods**. Spring, v. 1, n. 2, p.1-18, 2002.

MÜCKENBERGER, E., MIURA, I. K. . Motivações para a internacionalização do ensino superior: um estudo de casos múltiplos em um sistema de ensino superior confessional internacional. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, v. 23, n.66, 2015

MULLER, C. V. **O processo de internacionalização do ensino superior: um**

**estudo de caso da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.** 2013. Dissertação de mestrado. 178p. 2013.

MURPHY, M. Experiences in the internationalization of education: Strategies to promote equality of opportunity at Monterrey Tech. **Higher Education**, v. 53, n. 2, p. 167-208, 2007.

NERLICH, S. Australians as international students—where they go, what they do and why they do it. **Journal of Higher Education Policy and Management**, v. 35, n. 4, p. 386-395, 2013.

OLEKSIYENKO, A.; CHENG, K.; YIP, H.. International student mobility in Hong Kong: private good, public good, or trade in services?. **Studies in Higher Education**, v. 38, n. 7, p. 1079-1101, 2013.

PACHECO, E. R.; RAMÍREZ, B. F.; ANDRÉS, P. C. Quality Criteria for Self-Evaluation in Higher Education **Journal of MultiDisciplinary Evaluation**, v. 6, n. 11, 2009.

PAIGE, R. M. Internationalization of higher education: Performance assessment and indicators. **Nagoya Journal of Higher Education**, 5, 99-122, 2005.

PALLANT, J. SPSS survival manual, 3rd. Edition. **McGrath Hill**, 2007.

PARENTE, R.C.; CYRINO, A.B; SPOHR, N.; VASCONCELOS, F.C. de. Lessons learned from Brazilian multinationals' internationalization strategies. **Business Horizons**, v.56, n. 4, jul./ago, p.453-463, 2013.

PASEKA, A. Towards Internationalisation in Teacher Education: An attempt to use English as the working language in a sociology course. **Teaching in Higher Education**, v. 5, n. 3, p. 359-371, 2000.

PATRICIO, M. T. Science policy and the internationalisation of research in Portugal. **Journal of Studies in International Education**, 2009.

PENG, M. W. The resource-based view and international business. **Journal of management**, v. 27, n. 6, p. 803-829, 2001.

PESTANA, M.; GAGEIRO, J. **Análise de Dados para Ciências Sociais- A Complementaridade do SPSS**. Lisboa: 5ª Edição. Edições Sílabo: 2008.

**Plano Nacional de Educação – PNE. 2011-2020.** Disponível em: [http://fne.mec.gov.br/images/pdf/notas\\_tecnicas\\_pne\\_2011\\_2020.pdf](http://fne.mec.gov.br/images/pdf/notas_tecnicas_pne_2011_2020.pdf) Acesso em agosto/2016

**Plano Nacional de Pós-Graduação – PNPG. 2011-2020.** Coordenação de Pessoal de Nível Superior. Brasília, DF: CAPES, 2010.

PORTER, M. E.; MONTGOMERY, C. A. **Estratégia: A busca da vantagem competitiva.** 2. ed. São Paulo, Campus, 1998.

QIANG, Z. Internationalization of Higher Education: towards a conceptual framework.

Ontario Institute for Studies in Education, University of Toronto, Canada. **Policy Futures in Education**, v.1, n. 2, 2003.

RABOCH, H.; DOMINGUES, M. J. C. de S. A Internacionalização do Ensino Superior: o caso da Universidade Regional de Blumenau. **VI Simpósio de Gestão e Estratégia em Negócios**. Seropédica, RJ, Brasil, 2008.

RAMACHANDRAN, N. T. Enhancing international students' experiences: An imperative agenda for universities in the UK. **Journal of Research in International Education**, v. 10, n. 2, p. 201-220, 2011.

RAMÍREZ, G. B. International accreditation as global position taking: an empirical exploration of US accreditation in Mexico. **Higher Education**, v. 69, n. 3, p. 361-374, 2015.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo, SP: Atlas, 1999.

RUDZKI, R.E.J. The application of a strategic management model to the internationalization of higher education institutions, **Higher Education**, v. 29, n. 4, p. 421-41, 1995.

\_\_\_\_\_. **The strategic management of internationalization: towards a model of theory and practice**. United Kingdom, 1998. Tese – School of Education, University of Newcastle upon Tyne. 1998.

\_\_\_\_\_. Implementing internationalisation: The practical application of the fractal process model. **Journal of Studies in International Education**, v. 4, n. 2, p. 77-90, 2000.

RYAN, J.; VIETE, R. Respectful interactions: learning with international students in the English-speaking academy. **Teaching in Higher Education**, v. 14, n. 3, p. 303-314, 2009.

SALTMARSH, S.; SWIRSKI, T. 'Pawns and prawns': international academics' observations on their transition to working in an Australian university. **Journal of Higher Education Policy and Management**, v. 32, n. 3, p. 291-301, 2010.

SANTOS, S. M. dos. **O desempenho das universidades brasileiras nos rankings internacionais: áreas de destaque da produção científica brasileira**. 2015. Tese (Doutorado em Cultura e Informação). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-26052015-122043/>>. Acesso em: 27/09/2015.

SCHERER, R. F., JAVALGI, R. R. G., BRYANT, M., e TUKEL, O. Challenges of AACSB international accreditation for business schools in the United States and Europe. **Thunderbird International Business Review**, v. 47, n. 6, p. 651-669, 2005.

SCHMIDT, C. M.; DREHER, M. T. Cultura empreendedora: empreendedorismo coletivo e perfil empreendedor. **Revista de Gestão**, v. 15, n. 1, art. 1, p. 1-14, 2008.

SEEBER, M.; CATTANEO, M.; HUISMAN, J.; PALEARI, S. Why do higher education institutions internationalize? An investigation of the multilevel determinants of internationalization rationales. **Higher Education**, p. 1-18, 2016.

SHANKA, T.; QUINTAL, V.; TAYLOR, R. Factors influencing international students' choice of an education destination—A correspondence analysis. **Journal of Marketing for Higher Education**, v. 15, n. 2, p. 31-46, 2006.

SHORE, S.; GROEN, J. After the ink dries: Doing collaborative international work in higher education. **Studies in Higher Education**, v. 34, n. 5, p. 533-546, 2009.

SIEGLER, J. M. B. **O processo de internacionalização das instituições de ensino superior**: Um estudo de caso na Universidade Federal de Uberlândia. Ribeirão Preto, 2009. (Dissertação de mestrado em Administração de Organizações). USP, São Paulo, 2009.

SILVA, D. H. da. Cooperação internacional em ciência e tecnologia: oportunidades e riscos. **Revista Brasileira de Política Internacional**, Brasília, v. 50, n. 1, p.5-28, jun. 2007. Disponível em: . Acesso em: 15 jun. 2015.

SILVA, I. M. da; CHAGAS, A. C. C. das; SIQUEIRA, S. V. Características de empreendedorismo internacional no processo de internacionalização: um estudo de caso na empresa Menendez & Amerino. **Internext – Revista Eletrônica de Negócios Internacionais da ESPM**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 107-136, jul./dez. 2012.

SILVA, R. A. da; MORAES, W. F. A. de. A evolução do modelo de uppsala à luz da abordagem dos sistemas adaptativos complexos. **Internext**, Brasil, v. 8, n. 3, p. 63-80, nov. 2013. Disponível em: <<http://internext.espm.br/index.php/internext/article/view/205>>. Acesso em: 27/09/2015.

SORIA, K. M.; TROISI, J. Internationalization at home alternatives to study abroad: Implications for students' development of global, international, and intercultural competencies. **Journal of Studies in International Education**, p. 1028315313496572, 2013.

SOUZA, C. M. P., LENGLER, J. Psychic distance, marketing strategy and performance in export ventures of Brazilian firms. **Journal of Marketing Management**, v. 25, n. 5-6, p. 591–610, 2009.

SOUZA, E. P. e FLEURY, M. T. L. **Estratégias e Competências para a Internacionalização de Instituições de Ensino Superior do Brasil**. In: XXXIII Encontro da ANPAD 2009, 2009, São Paulo, 2009.

SOUZA, E. P. **Mapeando os caminhos da internacionalização de instituições de ensino superior no Brasil**. 2008. 233 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

SPENCER-OATEY, H. Maximizing the benefits of international education

collaborations managing interaction processes. **Journal of studies in international education**, v. 17, n. 3, p. 244-261, 2013.

STAL, E; CAMPANARIO, M. de A. Inovação em subsidiárias de empresas multinacionais: a aplicação do paradigma eclético de Dunning em países emergentes. **REAd - Revista eletrônica de administração**. (Porto Alegre) [online], v.17, n.2, pp. 560-591, 2011. Disponível em:<<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-23112011000200010>>. Acesso em: 27/09/2015.

STALLIVIERI, L. **Estratégias de Internacionalização das Universidades Brasileiras**. Caxias do Sul: Educs, 2004.

STEIN, S.; ANDREOTTI, V. O. de. Cash, competition, or charity: international students and the global imaginary. **Higher Education**, p. 1-15, 2015.

STEVENSON, J. Internationalisation and religious inclusion in United Kingdom higher education. **Higher Education Quarterly**, v. 68, n. 1, p. 46-64, 2014.

STONE, N. Internationalising the student learning experience: Possible indicators. **Journal of Studies in International Education**, v. 10, n. 4, p. 409-413, 2006.

STRAKER, J. International Student Participation in Higher Education Changing the Focus From “International Students” to “Participation”. **Journal of Studies in International Education**, p. 1028315316628992, 2016.

STRONKHORST, R. Learning outcomes of international mobility at two Dutch institutions of higher education. **Journal of Studies in International Education**, v. 9, n. 4, p. 292-315, 2005.

SUGDEN, R. A small firm approach to the internationalisation of universities: a multinational perspective. **Higher Education Quarterly**, v. 58, n. 2-3, p. 114-135, 2004.

TABACHNICK, B. G.; FIDELL, L. S. **Experimental designs using ANOVA**. Thomson/Brooks/Cole, 2007.

TADAKI, M.; TREMEWAN, C. Reimagining internationalization in higher education: international consortia as a transformative space?. **Studies in Higher Education**, v. 38, n. 3, p. 367-387, 2013.

TAYLOR, P.; BRADDOCK, R. International university ranking systems and the idea of university excellence. **Journal of Higher Education Policy and Management**, v. 29, n. 3, p. 245-260, 2007.

TEICHLER, U. The Changing debate on Internationalization of higher education. **Higher Education**, n.48, p. 5-46, 2004.

TERRA, A.; LENGLER, J. F. B. Internacionalização do Ensino Superior: Para onde estamos indo? Uma análise das publicações a partir da virada do milênio. **Estudos do CEPE**, n. 44, p. 147-168, 2016.

TRILOKEKAR, R. D. International education as soft power? The contributions and

challenges of Canadian foreign policy to the internationalization of higher education. **Higher Education**, v. 59, n. 2, p. 131-147, 2010.

URBAN, E. L.; PALMER, L. B. International students as a resource for internationalization of higher education. **Journal of Studies in International Education**, 2013.

URBANOVIČ, J.; WILKINS, S.; HUISMAN, J.. Issues and challenges for small countries in attracting and hosting international students: the case of Lithuania. **Studies in Higher Education**, v. 41, n. 3, p. 491-507, 2016.

VAN DAMME, D. Quality issues in the internationalisation of higher education. **Higher education**, v. 41, n. 4, p. 415-441, 2001.

VAN DER WENDE, M. C. Internationalisation policies: about new trends and contrasting paradigms. **Higher education policy**, v. 14, n. 3, p. 249-259, 2001

\_\_\_\_\_. Globalisation and access to higher education. **Journal of Studies in International Education**, v. 7, n. 2, p. 193-206, 2003.

\_\_\_\_\_. Internationalization of higher education in the OECD countries: Challenges and opportunities for the coming decade. **Journal of Studies in International Education**, v. 11, n. 3-4, p. 274-289, 2007.

VILALTA, L. A. **A internacionalização do ensino superior brasileiro: conceito e características do processo em instituições privadas de ensino superior**. 2012. (Tese Doutorado). PUC-SP, 2012.

VOGEL, M. J. M., MILANEZ, D. H., NOYONS, E., KOBASHI, N. Y., e FARIA, L. Como ler um ranking: a proposta do Brazilian Research Ranking. In XV **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, p. 3422- 3438, 2016. Disponível em: <http://enancib2014.eci.ufmg.br/documentos/anais/anais-gt7>. Acesso em: 05/10/2015.

VÖGTLE, E. M.; WINDZIO, M. Networks of international student mobility: enlargement and consolidation of the European transnational education space?. **Higher Education**, p. 1-19, 2015.

WACHTER, B. An introduction: Internationalisation at home in context. *Journal of studies in international education*, v. 7, n. 1, p. 5-11, 2003.

WAMBOYE, E.; ADEKOLA, A.; SERGI, B. S. Internationalisation of the campus and curriculum: evidence from the US institutions of higher learning. **Journal of Higher Education Policy and Management**, v. 37, n. 4, p. 385-399, 2015.

WAMBOYE, E.; ADEKOLA, A.; SERGI, B. S. Internationalisation of the campus and curriculum: evidence from the US institutions of higher learning. **Journal of Higher Education Policy and Management**, v. 37, n. 4, p. 385-399, 2015.

WANG, L. Going global: The changing strategy of internationalisation of education in China. **Journal of Higher Education Policy and Management**, v. 35, n. 3, p. 305-315, 2013.

WERNERFELT, B. A resource-based view of the firm. **Strategic management journal**, v. 5, n. 2, p. 171-180, 1984.

WOOLF, M. Harmony and dissonance in international education: The limits of globalisation. **Journal of Studies in International Education**, v. 6, n. 1, p. 5-15, 2002.

YEMINI, M.; GILADI, A. Internationalization motivations and strategies of Israeli educational administration programs. **Journal of Studies in International Education**, p. 1028315315579240, 2015.

ZAMBERLAN, J.; CORSO, G.; BOCCHI, L.; FILIPPIN, J.R.;KÜLKAMP, W. **Os estudantes internacionais no processo globalizador e a internacionalização do ensino superior**. Porto Alegre: Solidus, 2009.

ZHAO, C.; KUH, G. D.; CARINI, R. M. A comparison of international student and American student engagement in effective educational practices. **Journal of Higher Education**, p. 209-231, 2005.

## Apêndice 1

### Roteiro da Entrevista

- Fazer um breve histórico do estudo que está sendo realizado, contextualizar sobre o objetivo e a justificativa para o mesmo, e mencionar as etapas do projeto.

a) Caracterização da IES e do respondente

a) Nome da Instituição

b) Nome do respondente e cargo

c) Qual seu envolvimento com as questões internacionais na instituição?

b) Questões a partir das dimensões propostas por Gao (2015)

Dimensão	Questões
Governança e Suporte Organizacional	1) Qual o posicionamento da IES quanto à internacionalização? 2) Como a instituição está planejada para a internacionalização? 3) Há um setor específico para tratar assuntos internacionais? Qual a estrutura do setor? 4) Há metas específicas para a internacionalização? 5) Como os funcionários são preparados? 6) Qual o comprometimento financeiro da instituição com a internacionalização? 7) Referente a fontes externas para promoção da internacionalização, a instituição já foi beneficiada? 8) Como a instituição marca sua presença internacionalmente?
Alunos	9) Há alunos de outros países matriculados atualmente? Qual a representatividade e país de origem? 10) Como eles chegaram até a instituição? 11) Há algum tipo de suporte aos alunos internacionais? 12) Como os alunos locais são instigados à internacionalização? 13) Quais as ações que eles são envolvidos

	<p>internacionalmente?</p> <p>14) Qual o percentual de alunos participa anualmente de atividades internacionais?</p> <p>15) Quais atividades são desenvolvidas para promover a internacionalização?</p>
Docente (Faculdade)	<p>16) Como está estruturado o corpo docente para atender as demandas internacionais?</p> <p>17) Quantos possuem uma segunda língua?</p> <p>18) Há professores estrangeiros no quadro de pessoal?</p> <p>19) É propiciado aos docentes a participação em eventos internacionais? Quais?</p> <p>20) Quanto a formação no exterior, são estimulados? Há incentivos? Quantos % tiveram experiência no exterior?</p>
Currículo	<p>21) Como o currículo foi estruturado para atender questões internacionais? Disciplinas em inglês?</p> <p>22) Há cursos ou disciplinas em língua inglesa? Há adesão pelos alunos?</p> <p>23) Cursos na modalidade sanduíche, são oferecidos? Quantos? Com quais países?</p>
Pesquisa	<p>24) Qual o papel da pesquisa para internacionalização?</p> <p>25) Quais as inserções internacionais da pesquisa?</p> <p>26) Quanto às publicações internacionais, em qual estágio a IES se encontra?</p>
Parceria	<p>27) A IES participa de redes internacionais? Quais?</p> <p>28) Com quantos países e instituições a IES possui parceria?</p> <p>29) Quais atividades são desenvolvidas com estes parceiros?</p>

## Apêndice 2

### Questionário

ESTUDO PARA IDENTIFICAR O GRAU DE INTERNACIONALIZAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR BRASILEIRAS  
PROJETO DESENVOLVIDO PELA MESTRANDA ANDRESSA TERRA, DO PPGA EM ADMINISTRAÇÃO, DA UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ  
DO SUL (UNISC)

Obs: As informações fornecidas serão tratadas de forma estritamente confidencial, e serão utilizados de forma agregada.

#### Seção A - Caracterização da empresa

A1 - Nome da Instituição

campo aberto

A2 - Estado que a Instituição está instalada

campo aberto

A3 - Das seguintes opções, qual a resposta que melhor descreve a sua instituição? (Selecione uma resposta)

- ( ) Faculdade  
( ) Centro Universitário  
( ) Instituto  
( ) Universidade

A4 - Das seguintes opções, qual a resposta que melhor descreve a sua instituição? (Selecione uma resposta)

- ( ) Pública Municipal  
( ) Pública Estadual  
( ) Pública Federal  
( ) Privada sem fins lucrativos  
Caso tenha marcado a opção acima (privada sem fins lucrativos),  
selecione a categoria:  
( ) Comunitária ( ) Confessional ( ) Filantrópica  
( ) Privada com fins lucrativos

A5 - Qual o número total de funcionários (técnicos administrativos, docentes, pesquisadores, estagiários) em sua instituição?

campo aberto

A6 - Qual o número de alunos matriculados na sua Instituição de Ensino neste ano (graduação, pós graduação stricto e lato)

\_\_\_\_\_ campo aberto

A7 - Qual o número de alunos matriculados nos cursos de graduação em sua Instituição de Ensino neste semestre (201602)?

\_\_\_\_\_ campo aberto

A7 - A instituição possui ações de internacionalização (formais ou informais)?

- ( ) Não. Se marcou a opção NÃO, quais são os principais motivos?  
\_\_\_\_\_. Responda a seção C, ao final do questionário.  
( ) Sim. Se marcou sim, responda as questões A8, A9 e A10.

A8 - Em qual ano a Instituição iniciou suas atividades de internacionalização? \_\_\_\_\_ campo aberto

A9 - Qual no número de países nos quais a instituição possui ações de cooperação internacional? \_\_\_\_\_ campo aberto

A10 - Quais os três países mais relevantes no processo de internacionalização da instituição ? \_\_\_\_\_ campo aberto

**Seção B - Setor de internacionalização**

**B1** - A instituição possui um setor específico de relações internacionais? ( ) Sim ( ) Não

Se marcou **sim**, responder **B2, B3 e B4**

**B2** - Quantos técnicos administrativos estão alocados no setor?

- ( ) nenhum
- ( ) 1 a 3 técnico administrativos
- ( ) 4 a 6
- ( ) 7 a 9
- ( ) 10 ou mais

**B3** - Quantos docentes estão alocados diretamente no setor?

- ( ) nenhum
- ( ) 1 a 3 docentes
- ( ) 4 a 6
- ( ) 7 a 9
- ( ) 10 ou mais

**B4** - Como você classifica o estágio atual do setor de internacionalização em sua instituição?

- ( ) Muito desenvolvido
- ( ) Desenvolvido
- ( ) Pouco desenvolvido
- ( ) Nada desenvolvido

Se marcou **não** - responder apenas **B4**

**B4** - Por qual motivo?

- ( ) Setor está em fase de implantação
- ( ) As atividades de internacionalização não são centralizadas na instituição
- ( ) Não é uma prioridade institucional
- ( ) Não temos ações de internacionalização
- ( ) Outro: Qual \_\_\_\_\_

Se marcou alternativas **3ª** ou **4ª opção (não é prioridade ou não temos ações)** - Agrademos sua contribuição e sua participação encerra-se neste item do questionário. Obrigado!

---

**Gestão e Suporte Organizacional**

Quanto a **presença internacional** de sua instituição de ensino, assinale o seu grau de concordância nas questões abaixo:

A instituição	Discordo totalmente	Discordo	Indiferente	Concordo	Concordo totalmente	SCO*
1						
2						
3						
4						
5						
6						
6a	Se marcou concordo ou concordo totalmente, informe quais eventos participam anualmente ou periodicamente ( ) NAFSA ( ) EAIE ( ) FAUBAI ( ) Outro(s). Qual(is) _____					
7						

\* Sem condições de opinar

Quanto aos **recursos humanos (técnicos administrativos)** que sua instituição destina para a internacionalização, assinale o seu grau de concordância nas questões abaixo:

A instituição	Discordo totalmente	Discordo	Indiferente	Concordo	Concordo totalmente	SCO
8						
9						
10						
11						
12						

Quanto aos **recursos financeiros** que sua instituição destina para a internacionalização, assinale o seu grau de concordância nas questões abaixo:

A instituição	Discordo totalmente	Discordo	Indiferente	Concordo	Concordo totalmente	SCO
13						
14						
15						
16						
17						

**Alunos**

Quanto a presença de **alunos internacionais**, assinale o seu grau de concordância nas questões abaixo:

A instituição		Discordo totalmente	Discordo	Indiferente	Concordo	Concordo totalmente	SCO
18	possui estratégias para atrair e selecionar alunos do exterior						
19	identifica um número crescente de alunos estrangeiros matriculados nos seus cursos de graduação e pós graduação nos últimos 5 anos						
20	possui um número crescente de alunos estrangeiros inscritos em eventos de curta duração promovidos pela IES nos últimos 5 anos						
20a	Se marcou concordo ou concordo totalmente nas questões 20 e/ou 21, informe o número de alunos estrangeiros que participaram de alguma atividade acadêmica nos últimos 5 anos (cursos regulares ou de curta duração)	2011 - _____ 2012 - _____ 2013 - _____ 2014 - _____ 2015 - _____ Não desejo informar _____					
21	fornece subsídio financeiro para a vinda de alunos estrangeiros						
22	fornece subsídio logístico aos alunos estrangeiros que participam de alguma atividade no campus						
23	promove eventos para integração entre estudantes locais e internacionais						
24	planeja ações acadêmicas específicas para atender e atrair alunos internacionais						
25	tem programas co-curriculares para estudantes internacionais						

Quanto as ações para a **mobilidade discente** em sua instituição, assinale o seu grau de concordância nas questões abaixo:

A instituição		Discordo totalmente	Discordo	Indiferente	Concordo	Concordo totalmente	SCO
26	orienta seus alunos sobre oportunidades de bolsas, cursos e intercâmbios internacionais;						
27	apoia os alunos para participação em atividades de mobilidade no exterior (suporte logístico, palestras informativas, apoio com psicólogos e/professores, auxílio nos trâmites legais da viagem, etc)						
28	oportuniza aos acadêmicos possibilidade de estudos no exterior (graduação, pós graduação ou extensão)						
29	possui um programa de auxílio financeiro para formação do aluno no exterior						
30	apresenta um número crescente de atividades para a promoção da internacionalização entre os discentes nos últimos 5 anos						
31	tem ampliado o número de alunos que participam de ações internacionais ao ano (mobilidade, eventos, pesquisa, etc) nos últimos 5 anos						
32	teve alunos premiados em eventos no exterior nos últimos 5 anos						

**Docente**

Quanto ao **perfil e formação internacional da equipe docente** em sua instituição, assinale o seu grau de concordância nas questões abaixo:

A instituição	Discordo totalmente	Discordo	Indiferente	Concordo	Concordo totalmente	SCO
33						
34						
35						
36						
37						
38						
39						
40						
41						
42						
43						

**Currículo**

Quanto aos  **cursos com componentes internacionais** oferecidos por sua instituição, assinale o seu grau de concordância nas questões abaixo:

A instituição	Discordo totalmente	Discordo	Indiferente	Concordo	Concordo totalmente	SCO
44						
45						
46						
47						
48						
49						
50						
51						

Quanto aos **programas de graduação e pós graduação em conjunto com instituições do exterior** oferecidos por sua instituição, assinale o seu grau de concordância nas questões abaixo:

A instituição	Discordo totalmente	Discordo	Indiferente	Concordo	Concordo totalmente	SCO
52	oferece cursos de graduação em parceria com instituições de outros países					
53	oferece cursos de especialização em parceria com instituições de outros países (dupla titulação)					
54	possui programas de mestrado e doutorado em parceria com instituições de outros países (dupla titulação)					
55	oferece a possibilidade de formação em regime de cotutela					

#### Pesquisa

Quanto à **participação dos docentes e discentes da instituição em estudos internacionais**, assinale o seu grau de concordância nas questões abaixo:

A instituição	Discordo totalmente	Discordo	Indiferente	Concordo	Concordo totalmente	SCO
56	estimula a dimensão internacional na pesquisa					
57	possui orçamento institucional para a cooperação internacional de pesquisa					
58	possui alunos participando de grupos de pesquisas internacionais					
59	tem docentes vinculados a grupos internacionais de pesquisas					
60	apresenta um crescimento no número de projetos pesquisa internacional com parceiros de cooperação internacional nos últimos 5 anos					

Quanto ao **reconhecimento internacional da pesquisa** produzida na instituição, assinale o seu grau de concordância nas questões abaixo:

A instituição	Discordo totalmente	Discordo	Indiferente	Concordo	Concordo totalmente	SCO
61	apresenta um aumento no número de citações internacionais por docente nos últimos 5 anos					
62	apresenta um aumento no número de publicações em coautoria internacional					
63	possui reconhecimento internacional da pesquisa (publicações)					
64	possui reconhecimento internacional da pesquisa (patentes)					
65	possui contratos formalizados que visam a pesquisa e a colaboração educativa com parceiros internacionais					
66	incentiva os docentes à formalização de convênios de cooperação com instituições internacionais					

### Parceiros Internacionais

Quanto a **rede e os parceiros internacionais** de sua instituição, assinale o seu grau de concordância nas questões abaixo:

A instituição		Discordo totalmente	Discordo	Indiferente	Concordo	Concordo totalmente	SCO
67	considera imprescindível a participação em eventos internacionais para avanço da internacionalização do ensino						
68	participa de associações internacionais e de cooperação acadêmica						
68a	Se marcou concordo ou concordo totalmente, informe quais associações internacionais e de cooperação acadêmica sua instituição participa	<input type="checkbox"/> Associação Internacional de Educadores (NAFSA) <input type="checkbox"/> Associação Europeia de Educação Internacional (EAIE) <input type="checkbox"/> Associação Internacional de Universidades (IAU) <input type="checkbox"/> Associação de Cooperação Acadêmica (ACA) <input type="checkbox"/> FAUBAI <input type="checkbox"/> Outros. Qual(is) _____					
69	possui parceria com institucionais de ensino no exterior						
70	possui convênios de cooperação com instituições internacionais ranqueadas						
70a	Se marcou concordo ou concordo totalmente, informe quais são os rankings destas instituições	<input type="checkbox"/> THE - Times Higher Education <input type="checkbox"/> ARWU - Academic Ranking of World Universities <input type="checkbox"/> SIR - SCImago Institutions Rankings <input type="checkbox"/> QS World University Rankings <input type="checkbox"/> Outros. Qual(is) _____ <input type="checkbox"/> Não sei informar.					
71	formaliza suas parcerias internacionais a partir de convênios de cooperação						
71a	Se marcou concordo ou concordo totalmente, informe quantos acordos de cooperação foram firmados nos últimos 5 anos	2011 - _____ 2012 - _____ 2013 - _____ 2014 - _____ 2015 - _____ Não desejo informar _____					
72	apresenta um crescimento no número de acordos de cooperação com instituições de ensino do exterior, nos últimos 5 anos						
73	monitora a efetividade das parcerias internacionais						

### Seção C - Caracterização do respondente

#### C1 - Dados do Respondente

Cargo/Função

Qual o seu vínculo com as atividades de internacionalização nesta instituição?

Quantos anos trabalha nesta instituição?  anos

Quantos anos trabalha com a internacionalização do ensino (de toda sua vida profissional)?

Indique o número de línguas que domina, além do português: ( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5 ou mais

Alguma vez já morou durante um longo período no principal país de relação internacional desta instituição ?

( ) sim Se sim, quantos anos?

( ) não

## Apêndice 3

**Resultado Geral do Nível de Internacionalização das IES Brasileiras  
(por tipo de Credenciamento)**

		Brasil			Universid.		Centro Universitário		Faculdade		Instituto	
Dim.	Legenda SPSS	Média por variável	Média por dimensão	Brasil	Média por variável	Média por dimensão	Média por variável	Média por dimensão	Média por variável	Média por dimensão	Média por variável	Média por dimensão
<b>Gestão e Suporte Organizacional</b>	GSO_PresInt1	3,84	<b>3,20</b>	<b>3,10</b>	<b>4,04</b>	<b>3,47</b>	<b>4,00</b>	<b>3,29</b>	<b>3,93</b>	<b>3,24</b>	<b>3,75</b>	<b>2,63</b>
	GSO_PresInt2	3,81			<b>3,79</b>		<b>3,80</b>		<b>4,07</b>			
	GSO_PresInt3	3,54			<b>3,61</b>		<b>3,80</b>		<b>3,93</b>			
	GSO_PresInt4	2,84			<b>3,17</b>		<b>3,28</b>		<b>3,15</b>			
	GSO_PresInt6	3,89			<b>4,14</b>		<b>3,90</b>		<b>3,29</b>			
	GSO_PresInt7	3,68			<b>4,14</b>		<b>3,50</b>		<b>3,72</b>			
	GSO_RH8	3,39			<b>3,75</b>		<b>3,30</b>		<b>3,21</b>			
	GSO_RH9	3,63			<b>3,86</b>		<b>3,50</b>		<b>3,77</b>			
	GSO_RH10	3,04			<b>3,10</b>		<b>3,00</b>		<b>3,14</b>			
	GSO_RH11	2,77			<b>2,79</b>		<b>3,00</b>		<b>3,00</b>			
	GSO_RH12	3,09			<b>3,45</b>		<b>3,00</b>		<b>2,93</b>			
	GSO_RF13	3,00			<b>3,38</b>		<b>3,25</b>		<b>3,00</b>			
	GSO_RF14	2,67			<b>3,00</b>		<b>2,75</b>		<b>2,69</b>			
	GSO_RF15	2,25			<b>2,48</b>		<b>2,62</b>		<b>2,38</b>			
	GSO_RF16	2,67			<b>2,68</b>		<b>3,20</b>		<b>2,77</b>			
	GSO_RF17	3,16			<b>4,11</b>		<b>2,78</b>		<b>2,83</b>			
	<b>Aluno</b>	AL_Int18			3,28		<b>3,29</b>		<b>3,10</b>		<b>3,34</b>	
AL_Int20		2,54	<b>3,12</b>	<b>2,70</b>	<b>2,35</b>							
AL_Int21		2,61	<b>2,66</b>	<b>3,20</b>	<b>2,54</b>							
AL_Int22		3,37	<b>3,48</b>	<b>4,00</b>	<b>2,92</b>							
AL_Int24		3,12	<b>3,33</b>	<b>3,40</b>	<b>3,14</b>							
AL_Int25		2,82	<b>3,07</b>	<b>3,44</b>	<b>2,77</b>							
AL_MDisc26		4,49	<b>4,55</b>	<b>4,60</b>	<b>4,21</b>							
AL_MDisc27		4,02	<b>4,10</b>	<b>4,40</b>	<b>3,77</b>							
AL_MDisc28		4,19	<b>4,24</b>	<b>3,00</b>	<b>4,00</b>							
AL_MDisc29		2,42	<b>2,28</b>	<b>3,80</b>	<b>2,46</b>							
AL_MDisc30		3,63	<b>4,00</b>	<b>4,00</b>	<b>3,28</b>							
AL_MDisc31		3,84	<b>4,46</b>	<b>3,00</b>	<b>3,50</b>							
AL_MDisc32		2,39	<b>3,39</b>	<b>3,00</b>	<b>2,33</b>							
<b>Docente</b>		PROF33	3,49	<b>3,21</b>	<b>3,10</b>	<b>4,12</b>		<b>3,84</b>		<b>3,40</b>	<b>3,21</b>	<b>3,77</b>
	PROF34	2,77	<b>3,00</b>			<b>2,40</b>	<b>3,08</b>		<b>2,50</b>			

	PROF35	3,84		4,04		3,60		3,86		4,00	
	PROF36	3,53		3,92		3,50		3,78		3,75	
	PROF37	3,37		3,98		3,10		3,28		3,75	
	PROF38	3,35		4,04		3,30		3,57		4,00	
	PROF39	3,16		4,17		2,89		3,50		3,00	
	PROF40	3,47		4,00		4,00		3,69		3,33	
	PROF41	3,02		4,20		3,28		3,58		1,00	
	PROF43	2,12		2,90		2,65		3,36		1,00	
<b>Currículo</b>	CUR_COMP44	2,84	<b>2,43</b>	2,74	<b>2,71</b>	3,20	<b>2,73</b>	3,28	<b>2,55</b>	2,50	<b>1,82</b>
	CUR_COMP45	2,07		1,86		2,60		2,21		1,75	
	CUR_COMP46	2,56		2,41		3,00		2,93		1,25	
	CUR_COMP47	2,23		2,25		2,87		3,00		2,67	
	CUR_COMP48	2,14		2,03		2,50		2,14		2,00	
	CUR_COMP50	2,28		2,31		2,00		2,00		1,50	
	CUR_PROG52	2,65		2,57		3,60		2,57		1,75	
	CUR_PROG53	2,58		2,62		3,40		2,57		1,75	
	CUR_PROG54	2,60		3,07		2,33		2,38		2,50	
	CUR_PROG55	2,33		3,34		1,71		2,38		1,00	
<b>Pesquisa</b>	PESQ_PART56	3,70	<b>2,61</b>	4,07	<b>3,89</b>	3,89	<b>3,22</b>	3,78	<b>2,87</b>	3,50	<b>1,95</b>
	PESQ_PART57	2,26		2,80		2,85		2,69		2,00	
	PESQ_PART58	2,54		4,10		3,11		2,58		4,00	
	PESQ_PART59	3,35		4,38		3,55		3,07		2,00	
	PESQ_PART60	2,67		4,04		3,11		2,75		1,00	
	PESQ_REC61	2,26		4,25		3,55		2,90		1,00	
	PESQ_REC62	2,28		4,11		3,11		2,70		1,00	
	PESQ_REC63	2,21		3,83		3,33		2,60		1,00	
	PESQ_REC64	1,46		3,14		2,00		2,36		1,00	
	PESQ_REC65	3,37		4,16		3,66		3,29		3,00	
<b>Parceria</b>	PARC67	4,11	<b>3,87</b>	4,21	<b>4,30</b>	4,30	<b>3,92</b>	4,29	<b>3,66</b>	4,33	<b>3,49</b>
	PARC68	3,51		3,72		3,75		3,50		3,25	
	PARC69	4,49		4,62		4,50		4,21		4,50	
	PARC70	4,16		4,51		4,00		3,93		3,75	
	PARC71	3,70		4,34		3,44		3,14		3,33	
	PARC72	3,02		4,16		3,33		3,08		1,00	
	PARC73	4,11		4,51		4,10		3,46		4,25	

## ANEXO I

Quadro conceitual de GAO				
Dimensões	Fonte	Componentes	Indicadores	Fonte
Gestão e suporte organizacional	IQRP (1999) ACE (2001 e 2006) NAFSA (2003) GAO (2015)	Recursos humanos para a internacionalização	Existe um escritório internacional na instituição?	SIU (2009) PAIGE (2005) ACE (2006) IQPR (1999)
			Existem procedimentos de seleção de pessoal para missões internacionais de educação?	IQPR (1999)
			A instituição tem administrador em tempo integral que supervisiona ou coordena múltiplas atividades de internacionalização ou programas?	ACE (2006)
			Proporção do pessoal técnico administrativo com competências em línguas estrangeiras como condição prévia para o emprego em relação ao número total de técnicos administrativos.	CHE (2007)
			Porcentagem de técnicos administrativos que participaram de programas administrativos de intercâmbio internacional em relação ao número total de técnicos administrativos.	CHE (2007)
			Porcentagem de técnicos administrativos que participaram de programas de formação com orientação internacional em relação ao número total de técnicos administrativos.	CHE (2007)
			Proporção dos empregados do setor de internacionalização que participaram de programas de intercâmbio de administração internacional	CHE (2007)
			Porcentagem de técnicos administrativos com conhecimento em línguas estrangeiras em relação ao número total de técnicos administrativos.	CHE (2007)
			Proporção de funcionários com nacionalidade estrangeira em relação ao total de funcionários	CHE (2007) SIU (2009)
			No ano passado, qual foi o número de... - funcionários com experiência internacional - funcionários recrutados no mercado de trabalho internacional - professores visitantes estrangeiros - funcionários capacitados em habilidade intercultural	NUFFIC (2009)

		Recursos financeiros para a internacionalização	Qual fonte de apoio interno e externo existem para a internacionalização?	IQPR (1999)				
			Qual o mecanismo para a alocação de recursos para a internacionalização?	IQPR (1999)				
			A sua instituição recebeu financiamento externo destinado a programas ou atividades de internacionalização nos últimos 3 anos?	ACE (2006)				
			Proporção do orçamento para a internacionalização em relação ao orçamento total	CHE (2007) NUFFIC (2009) SIU (2009)				
			Orçamento de marketing internacional do ensino superior em relação ao orçamento total	CHE (2007)				
			A instituição tem orçamento para as atividades internacionais?	PAIGE (2005) U-Map (2011)				
		Presença internacional		A sua instituição oferece programas fora do Brasil para estudantes não brasileiros?	ACE (2006)			
					Se respondeu sim para a questão anterior, para quais países?	ACE (2006)		
				Quais as atividades de internacionalização realizadas pela IES (Educação em inglês, mobilidade de estudantes e/ou créditos, recrutamento de alunos estrangeiros, internacionalização do currículo, internacionalização da equipe, compartilhamento do conhecimento internacional, atividades de pesquisa internacional, ou outros)	NUFFIC (2009)			
				A instituição possui site em língua inglesa?	SIU (2009)			
				A instituição tem desenvolvido materiais de divulgação em outros idiomas?	SIU (2009) PAIGE (2005)			
				A instituição participa de feiras de estudantes internacionais ou conferências educacionais?	SIU (2009)			
				A instituição tem uma cooperação internacional em serviços da biblioteca?	SIU (2009)			
				A instituição oferece programas internacionais e interculturais no campus?	PAIGE (2005)			
				Aluno	IQPR (1999) PAIGE (2005) KRAUSE, COATES E JAMES (2005) ACE (2006) U-Map (2011)	Estudantes internacionais	Quais as estratégias da organização para atrair e selecionar estudos de intercâmbio receptivo e emissor?	IQPR (1999) SIU (2009)
							A sua instituição tem um plano estratégico para recrutamento de estudantes internacionais que inclui metas específicas para alunos de graduação e de pós-graduação?	ACE (2006) PAIGE (2005) SIU (2009)
		Qual a percentagem de alunos da graduação em sua instituição que	ACE (2006)					

GAO (2015)		são estudantes internacionais?	
		Quão importante são estes serviços em uma escala de 1 a 5 (1=nada e 5=extremamente importante): acomodações, residência/visto de permanência e para trabalhar, informação, comunicação bilíngue e organização de viagens.	NUFFIC (2009)
		A sua instituição possui um dos serviços ou programas a seguir de apoio a estudantes internacionais? Serviço individualizado, assistência na procura de habitação, comitê consultivo institucional de alunos internacionais, programa de <i>host-family</i> , entre outros.	ACE (2006) PAIGE (2005)
		Porcentagem de alunos estrangeiros	U-Map (2011)
		Proporção de estudantes de intercambio internacional emissivo sob o total de alunos.	CHE (2007) U-Map (2011)
		Proporção de estudantes de intercambio internacional receptivos sob o total de alunos.	CHE (2007) U-Map (2011)
		Quantos estudantes estrangeiros estavam matriculados em um programa de graduação no ano letivo anterior?	SIU (2009)
		Qual a proporção de estudantes estrangeiros sobre a população total acadêmica do ano anterior?	SIU (2009)
		A instituição tem programas co-curriculares para estudantes internacionais?	PAIGE (2005)
	Mobilidade Acadêmica	Qual a meta quantitativa para o número de alunos que estudam no exterior?	IQPR (1999)
		Qual a gama de programas disponíveis para estudo no exterior e intercâmbio de estudantes?	IQPR (1999)
		Como os alunos são preparados para as experiências acadêmicas internacionais?	IQPR (1999)
		A sua instituição fornece fundos institucionais específicos para a formação do aluno no exterior?	ACE (2006)
		Porcentagem de alunos de graduação em sua instituição que se formou no ano anterior e que se envolveu em educação no exterior durante sua carreira acadêmica.	ACE (2006)
		Porcentagem de alunos pesquisadores recrutados no exterior em relação ao total de alunos pesquisadores.	CHE (2007)
No cluster de atividades de mobilidade estudantil e de créditos, a IES realiza: estudo no exterior, prática, projeto internacional, projeto		NUFFIC (2009)	

			de graduação, pesquisa ou outro.	
			Quantos estudantes viarajam no ano letivo anterior através de programas de intercâmbio?	SIU (2009) U-Map (2011)
Docente	KRAUSE, COATES E JAMES (2005) CHE (2007) GAO (2015)	Perfil internacional da equipe de professores	A instituição tem um ou mais profissionais ou membros do corpo docente que dedicam no mínimo meia hora para assuntos sobre internacionalização (recrutamento de alunos internacionais, serviços de estudantes internacionais, estudo no exterior, programa internacional do campus, internacionalização do currículo, desenvolvimento e acompanhamento de parcerias internacionais e línguas no currículo?	ACE (2006)
			Porcentagem de professores que passaram pelo menos um semestre no exterior nos últimos 5 anos	CHE (2007)
			Número de viagens de negócios internacionais por ano dos professores em relação ao número total de professores	CHE (2007)
			Número de professores que ganharam doutorado no exterior	CHE (2007)
			Porcentagem de professores estrangeiros em relação ao número total de professores	CHE (2007)
			Proporção de docentes que lecionam disciplinas técnicas em língua estrangeira em relação ao número total de docentes.	CHE (2007)
			A instituição tem um programa de professor visitante?	SIU (2009)
			A instituição possui uma estratégia para recrutar mais pesquisadores e professores estrangeiros?	SIU (2009)
			Perspectiva e experiência internacional do corpo docente	A sua instituição tem diretrizes que especificam o trabalho internacional ou experiência como uma consideração nas decisões de promoção de professores?
		Proporção de professores com experiência profissional internacional fora da IES em relação ao número total de professores		CHE (2007)
		Quantos funcionários da instituição tem experiência de ensino no estrangeiro?		SIU (2009)
		A instituição oferece suporte a viagens para participação em conferências no exterior?		PAIGE (2005)
		A instituição tem acordos de intercâmbio com parceiros que permitem docentes trabalharem no exterior?		PAIGE (2006)

Currículo	IQRP (1999) ACE (2001) NAFSA (2003) PAIGE (2005) NUFFIC (2009) GAO (2015)	Cursos com componente internacional	Existem programas que incluem opções para área de linguagem e estudos?	IQRP (1999) PAIGE (2005)
			Como a dimensão internacional foi integrada ao currículo?	IQRP (1999)
			Em que medida é aplicado o conceito de "sala de aula internacional", ou seja, onde os alunos são encorajados a estudar juntos e interagir com estudantes estrangeiros?	IQRP (1999)
			A sua instituição utiliza a tecnologia ( cursos em parceria com IES estrangeiras utilizando a web, vídeo conferência, estudo em blogs patrocinados, link direto na home page da instituição para programas e eventos internacionais) para melhorar a internacionalização?	ACE (2006)
			Proporção de cursos ministrados em língua estrangeira em relação ao total de cursos ofertados (currículo)	CHE (2007)
			Número de línguas estrangeiras oferecidas pela IES	CHE (2007)
			Número de cursos de graduação na instituição em inglês	SIU (2009)
		Programas de graduação conjunta	Quais os programas com diplomas em conjunto oferecidos pelas IES em parceria com IES estrangeira?	IQRP (1999)
			A sua instituição oferece algum programa em conjunto com instituições de outros países?	ACE (2006)
			Proporção de doutorandos em programas de dupla titulação de doutorado em relação ao número total de doutorandos.	CHE (2007)
			Proporção de alunos em programas de dupla titulação (graduação) em relação ao total de alunos	CHE (2007)
			Número de programas de estudos organizados em cooperação com uma instituição estrangeira	SIU (2009)
			Número de programas de estudo de dupla titulação.	SIU (2009)
		Participação dos alunos em estudos internacionais	Os alunos participam em projetos de investigação e redes internacionais? Como?	IQRP (1999)
Porcentagem de alunos pesquisadores que ganharam graduação no exterior em relação ao número total de alunos pesquisadores.	CHE (2007)			
Pesquisa	IQRP (1999) NAFSA (2003) KRAUSE, COATES E JAMES (2005)	Programas de investigação de cooperação internacional	Quais os acordos de colaboração que existe com instituições, centros de pesquisa, empresas estrangeiras para a pesquisa?	IQRP (1999)
			Que tipo de apoio (estrutura interna e externa) são disponibilizadas para a pesquisa em colaboração	IQRP (1999)

CHE (2007) NUFFIC (2009) U-Map (2011) GAO (2015)		internacional?		
		Proporção do orçamento para a cooperação internacional de pesquisa e fundo de bolsas de doutorandos internacionais em relação ao orçamento total	CHE (2007)	
		Número de projetos de pesquisa internacional com parceiros de cooperação internacional	CHE (2007) U-Map (2011)	
		Número de pesquisadores que estão envolvidos em projetos de pesquisa internacionais com parceiros de cooperação internacional	CHE (2007)	
	Centros de pesquisa internacional		Quais centros de pesquisa e pós graduação internacional/regional pertencem ou são patrocinados pela instituição?	IQPR (1999)
			Porcentagem de centros de pesquisa que incidiu sobre uma tema de pesquisa explicitamente internacional	NUFFIC (2009)
			A instituição oferece programas de orientação para professores interessados em ensino e pesquisa no exterior?	PAIGE (2005)
			Número de Startups	U-Map (2011)
	Pesquisas internacionais		Em que medida a instituição é envolvida em projetos de investigação internacional?	IQPR (1999)
			Quais são as oportunidades e recursos disponibilizados para estimular a dimensão internacional em pesquisa?	IQPR (1999)
			Nº de professores pesquisadores convidados (participar de atividades na academia por pelo menos uma semana) em relação ao número total de professores	CHE (2007)
			Porcentagem de pesquisadores com nacionalidade estrangeira (ano letivo passado)	NUFFIC (2009)
			Porcentagem de alunos que participam de pesquisas internacionais	NUFFIC (2009)
			Quantos contratos de parceria visam a pesquisa e colaboração educativa?	SIU (2009)
	Reconhecimento internacional dos resultados da pesquisa		Número de publicações internacionais por pesquisador	CHE (2007) NUFFIC (2009) U-Map (2011)
			Número de artigos publicados internacionalmente	NUFFIC (2009)
			Número de patentes internacionais por pesquisador	CHE (2007) U-Map (2011)
			Patentes registradas fora do país (ano letivo passado)	NUFFIC (2009)

Parceria Internacional	PAIGE (2005) Hudzki e Stohl (2009) GAO (2015)	Rede internacional e de parceria	Quais são os mecanismos existentes para estimular a presença de membros da comunidade acadêmica e administrativa de estrangeiros no campus?	IQPR (1999)
			Qual é o alcance de acordos de colaboração bilateral e multilaterais com instituições estrangeiras para a educação?	IQPR (1999)
			A instituição entrega programas educacionais para estudantes localizados em outro país?	IQPR (1999)
			Participação em redes internacionais	CHE (2007) NUFFIC (2009) SIU (2009)
			Porcentagem de parcerias ativas (que pelo menos uma mobilidade aconteceu) sobre o total de parcerias.	CHE (2007)
			Quão importante é este rede de parceiros em uma escala de 1 a 5 (representando nada a muito importante, respectivamente)	NUFFIC (2009)
			É dado apoio financeiro pela instituição as parcerias internacionais?	SIU (2009)
		Quais atividades estão cobertas na parceria?	SIU (2009) PAIGE (2005)	
		Presença internacional de ex-alunos		
Sugestões		Gestão e estratégia Institucional para a internacionalização	Quais as principais preocupações e desafios para a instituição no que diz respeito ao desenvolvimento da internacionalização?	IQPR (1999)
			As metas e objetivos institucionais para a internacionalização da instituição estão claramente formulados?	IQPR (1999)
			Como a instituição monitora seus esforços da internacionalização?	IQPR (1999)
			A declaração da missão da instituição inclui a educação internacional?	PAIGE (2005) IQPR (1999) ACE (2006) CHE (2007)
			A declaração da missão da instituição define a educação como uma prioridade internacional?	PAIGE (2005) IQPR (1999) ACE (2006)
			A internacionalização é uma estratégia institucional?	NUFFIC (2009) CHE (2007)